



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA



ASSOCIAÇÃO TERRA INDÍGENA XINGU - ATIX



VIAGEM HISTÓRICA DO POVO KAIABI AO SEU TERRITÓRIO ANCESTRAL



São Paulo
Janeiro, 2000



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA

PROGRAMA PARQUE DO XINGU

Projeto Apoio a Alternativas Econômicas Sustentáveis no Parque Indígena do Xingu



ASSOCIAÇÃO TERRA INDÍGENA XINGU - ATIX

RELATÓRIO TÉCNICO

VIAGEM HISTÓRICA DO POVO KAIABI AO SEU TERRITÓRIO ANCESTRAL NO RIO DOS PEIXES, MT

Apoio : The Norwegian Rainforest Foundation



São Paulo
Janeiro, 2000

EQUIPE TÉCNICA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA

Geraldo Mosimann da Silva – Agrônomo, Coordenador do Projeto Alternativas Econômicas, Coordenador geral da expedição Kaiabi

Simone Ferreira de Athayde – Bióloga, Projeto Alternativas Econômicas

MUSEU NACIONAL /RJ – PPGAS /Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Klinton Vieira Senra – Antropólogo

ESALQ/USP – Laboratório de Silvicultura Tropical

Marcus Vinícius Chamon Schmidt – Engenheiro Florestal

Editoração Eletrônica

Geraldo Mosimann da Silva

Mapas

Geraldo Mosimann da Silva

Processamento de imagens

Simone Ferreira de Athayde

Capa

Fotos 1 a 3 - Transferência do Povo Kaiabi para o Parque do Xingu, em 1966. Revista Realidade, Dezembro, 1966, Ano I. Foto 4 - Expedição Xingu-Rio dos Peixes, 1999 (Foto: Geraldo Silva).

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. PEQUENO HISTÓRICO KAIABI	2
3. O SISTEMA NATURAL DA REGIÃO DO RIO DOS PEIXES E DO PARQUE DO XINGU	9
4. CONHECIMENTO ÊMICO DE AMBIENTES OU ECOZONAS	17
5. ASPECTOS ETNOECOLÓGICOS: RECURSOS NATURAIS DE IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E/OU CULTURAL	32
6. ATIVIDADES ECONÔMICAS DESTACADAS NA REGIÃO DO RIO DOS PEIXES	41
7. A PRESENÇA HISTÓRICA DOS KAIABI NO RIO DOS PEIXES	43
8. EXPEDIÇÃO KAIABI A SEU TERRITÓRIO TRADICIONAL: A ÁREA REIVINDICADA PELOS ÍNDIOS PARA DEMARCAÇÃO	46
9. HISTÓRICO DAS REIVINDICAÇÕES KAIABI SOBRE SUAS TERRAS	60
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	63
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
12. APÊNDICES	68

1. APRESENTAÇÃO

Após permanecerem um longo período distanciados, os Kaiabi do Parque Indígena do Xingu (PIX) têm nos últimos anos voltado os olhos para sua terra ancestral e intensificado os contatos com seus parentes que permaneceram no rio dos Peixes (ou rio *Tatuy*), local de onde parte destes índios foram transferidos nos anos sessenta (cf. a seguir). Neste contexto, há alguns anos pretendiam organizar uma expedição que reunisse um grupo de Kaiabi do Xingu com seus parentes do *Tatuy* para percorrer seu antigo território ao longo deste rio, região esta que fica fora da área atualmente lhes destinada. Esta viagem finalmente ocorreu em outubro de 1999 e o relatório que ora se apresenta é o resultado do trabalho de uma equipe de assessores que os acompanhou durante toda a expedição.

Este documento compõe-se, ao lado de um relato da expedição em si, de uma parte introdutória sobre a história do grupo e da apresentação de um conjunto de informações preliminares sobre aspectos ambientais da terra ancestral Kaiabi contrapostas com a área que hoje habitam no rio Xingu. Além disso, pretende também servir como um documento de apoio na luta reivindicatória que os Kaiabi vêm travando há anos pela retomada de pelo menos parte de seu antigo território.

A equipe de assessoria

2. PEQUENO HISTÓRICO KAIABI

Os Kaiabi são um povo de língua da família tupi-guarani que, em sua maioria, cerca de 700 pessoas (ISA 1995), habita atualmente a área do Parque Indígena do Xingu (PIX), Mato Grosso. Esta, porém, não é sua terra tradicional. Até aproximadamente a década de quarenta algumas dezenas de grupos locais ocupavam uma extensa faixa de terra entre os rios Arinos, Tatuy (denominação Kaiabi para o Rio dos Peixes) e médio Teles Pires, localizada a oeste do rio Xingu.

As fontes históricas nos permitem retroceder seguramente em mais de um século e meio a ocupação Kaiabi desta grande faixa de terra. A primeira menção direta aos Kaiabi em um documento escrito data de 1850, com a publicação dos relatos do viajante francês Francis de Castelnau. Em 1844 Castelnau esteve em Diamantino/MT, onde entrevistou índios Apiaká e aventureiros que percorreram a região dos rios Arinos e Teles Pires dando notícias de uma tribo hostil, denominada em seu texto como Cajahis. Segundo Castelnau, *“os Bacchayris, qui habitant les sources de l’Arinos, sont des moeurs très douces;...ils sont en guerre avec les Cajahis. Les Tapanhunus, tribu hostile, sont établis sur une rivière de même nom qu’eux, Qui est un bras de l’Arinos; ils parlent la même langue que les précédents; ils se teignent entièrement en noir.”* (1850). A partir dessa data, vários outros documentos fazem referência aos Kaiabi, utilizando diferentes grafias para o nome (Cajabis, Caiabis, Cayabi, Kayabi, etc)¹.

A origem do nome Kaiabi perde-se no tempo e os próprios índios não sabem dizer de onde surgiu e qual seu significado. É provável que seja a forma pela qual os Apiaká ou os Bakairi, as primeiras fontes de informação sobre os Kaiabi no século XIX, a eles se referiam. Certamente não se trata da auto-denominação do grupo, embora hoje seja aceita como tal. Georg Grunberg, um etnógrafo que pesquisou os Kaiabi nos anos sessenta, sugere que a auto-denominação seja o termo *iputunuun*, que significa algo como “o nosso pessoal” (1970: 120).

Além de Castelnau, diversas outras ao longo do século dezenove identificam um grupo morador da região do Rio dos Peixes pelo nome de Tapanhuna² (ou ainda

¹ Atualmente os professores indígenas do grupo decidiram optar pela grafia Kaiabi e por esse motivo a empregamos neste texto.

² Mais tarde os Beijo-de-Pau (Suyás orientais), que habitavam a região do rio do Sangue/Arinos, ficaram identificados pelo nome Tapayuna. Todavia, essa identificação posterior em nada enfraquece a possibilidade de que muitos dos grupos denominados por esse ou outro nome similar nas fontes históricas fosse na verdade um grupo Kaiabi ou outro qualquer. Há quase sempre uma grande confusão de nomes nas fontes antigas, e, neste caso específico, algumas descrições

Tapanhónauhúm, Timaonas, Tapanhóna) e tecem descrições que muito se assemelham aos relatos posteriores sobre os Kaiabi. Uma das fontes mais preciosas é o relato do cônego José da Silva Guimarães, que entrevistou alguns Apiaká levados a Cuiabá pelo viajante Antonio Peixoto de Azevedo em 1818. Neste relato, no qual o Rio dos Peixes aparece como Ita'iamy, nome ainda conhecido pelos Kaiabi atuais, o cônego cita três outras "nações" que habitavam o referido rio. As descrições das tatuagens faciais, o uso de bordunas na guerra e os relatos sobre a circulação de machados de pedra na região em muito se parecem com as informações etnográficas colhidas entre os Kaiabi mais de um século depois (Guimarães 1844: 309; ver também Anônimo 1856; Grunberg 1970).

Os Kaiabi aparecem ainda em um relato de 1848 de Joaquim Alves Ferreira, então Diretor Geral dos Índios de Mato Grosso. Nesse relato são descritos como "bravios e indômitos" e aparecem habitando as margens do rio Paranatinga, onde seriam grandes inimigos dos Bakairis (Ferreira 1905). Em outro relato, também da década de quarenta do século passado, um certo João Batista Prudêncio, falando sobre os Bakairis, afirma que este grupo *"tem diminuído muito de população pelos repetidos ataques das tribus selvagens, que habitão o rio dos Peixes, e seus confluentes..."* (Apud Grunberg 1970: 25).

Em 1884 e 1887 Karl von den Steinen realizou as duas primeiras viagens com propósitos etnográficos ao Xingu. Essas viagens se tornaram clássicos da etnografia brasileira e até hoje fornecem dados fundamentais para as pesquisas na área. Steinen não manteve contato direto com os Kaiabi, mas obteve informações sobre o grupo a partir dos Bakairis. Havia entre estes últimos duas mulheres Kaiabi raptadas quando crianças. A partir de umas poucas palavras, recolhidas entre os Bakairis, pois as mulheres não falavam a língua, von den Steinen deduziu que se tratava de uma 'tribo tupi', possivelmente parente dos Kamayuras.

Nos relatos dos Bakairi os Kaiabi aparecem como seus principais inimigos, com os quais, entretanto, também comercializavam. Von den Steinen levantou a hipótese, a partir das conversas com os Bakairi, de que os Kaiabi teriam o monopólio dos machados de pedra na região do Teles Pires. Na época, parte do grupo habitava a foz do rio Verde, próximo portanto das aldeias Bakairis, onde plantavam mandioca, milho, amendoim, batatas, etc., e faziam trocas. Segundo os Bakairis, os Kaiabis usavam bordunas nas guerras e eram "robustos e amigos da antropofagia" (Steinen 1940: 364).

A primeira pessoa a coletar dados etnográficos sobre os Kaiabi, a partir de contatos diretos com o grupo, foi de fato o tenente Antônio Pyrineus de Sousa, chefe de

antigas dos Tapayuna os assemelham muito mais aos Kaiabi do que aos Beirão-de-Pau.

uma expedição da Comissão Rondon que percorreu o rio Teles Pires em 1915. O primeiro encontro da expedição com os Kaiabi se deu perto da embocadura do rio Verde com o Teles Pires. Ao se depararem com os expedicionários um grupo de Kaiabi que estavam em uma canoa fugiu rapidamente para a margem. Piryneus continuou descendo o rio e em alguns locais afirma ter visto centenas de índios que apareciam relutantes nas margens para vê-lo. À medida que a viagem prosseguia os contatos com os Kaiabi foram ficando cada vez mais tensos até que Piryneus foi abertamente atacado quando estava acampado em uma ilha. Os índios estavam deixando claro que não permitiriam pacificamente a entrada de estranhos em suas terras.

Considerados até as primeiras décadas deste século como “bravios e indômitos”, os Kaiabi resistiram com vigor à ocupação de suas terras pelas empresas seringalistas que avançavam pelos rios Arinos, Paranatinga (alto Teles Pires) e Verde, na última década do século passado. Muitos conflitos ocorreram com seringueiros, viajantes e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios ao longo da primeira metade deste século. Contudo, aos poucos a área Kaiabi foi sendo ocupada e os índios induzidos para o trabalho nos seringais (Dal Poz 1996).

A partir da Segunda Grande Guerra, os seringais, após um período de recuo nas décadas de 20 e 30, voltaram a se expandir na região do Teles Pires, principalmente pela atuação da Empresa Rio Novo Ltda (ERION). Em 1951 esta firma ativamente explorava borracha no curso superior do Teles Pires avançando também pelo Rio Verde. Nas palavras de Grunberg, *“a expansão brasileira (na região do Teles Pires) desenvolveu-se na sua forma mais violenta, não podendo ser em nada moderada pelo Serviço de Proteção aos Índios que lá atua desde 1922. Perdura até a suspeita de que este órgão participou ativamente da expulsão dos Kayabi e de sua integração forçada nos seringais”* (1970: 39). As políticas de integração levadas a cabo pelo SPI implicavam a transformação dos índios em “trabalhadores nacionais” e sua integração ao restante da sociedade. Tratava-se, conforme analisa Souza Lima, de um processo que se iniciava com a ‘pacificação’ e com a crescente dependência com relação aos postos indígenas (Souza Lima 1992:254).

Nos Postos os índios eram encorajados a desenvolver as habilidades necessárias para que pudessem se engajar em trabalhos que objetivassem gerar algum retorno em forma de bens. Na prática, a estratégia dos Postos do SPI e das empresas seringalistas mostrava grande sintonia e continuidade. Segundo a lógica do SPI, induzir os índios a trabalhar por dinheiro ou bens era visto como uma ajuda para que estes se encaixassem

no mesmo processo de desenvolvimento da sociedade ocidental (Oakdale 1996:11). Aliada à valorização do trabalho, a estratégia de homogeneização do SPI também levava os índios a abandonarem diversos de seus costumes tradicionais na tentativa de escaparem aos estereótipos depreciativos sob os quais eram vistos.

O trabalho nos seringais foi especialmente encorajado pelos funcionários dos Postos do SPI no Teles Pires. Com essa política os responsáveis pelos postos tornavam-se em realidade donos de um negócio que buscavam incrementar. Assim, é difícil encontrar atualmente um Kaiabi de mais idade que não tenha trabalhado nos seringais desde criança.

A realidade vivida pelos Kaiabi nos postos e seringais, e, posteriormente, a ocupação efetiva das terras através de empresas de colonização, foram os grandes fatores que os levaram a aceitar a proposta dos membros da Expedição Roncador-Xingu de transferência para o Parque do Xingu. A combinação entre o sistema de débito permanente junto aos barracões dos seringalistas e a história do contato com o SPI, que pelo menos inicialmente distribuía os bens gratuitamente, segundo a lógica do 'amansamento', mostrou-se assaz pernicioso para os Kaiabi que se viam cada vez mais enredados em uma trama cuja compreensão provavelmente lhes escapava. Além dos débitos econômicos, os índios também estavam sujeitos a abusos físicos e sexuais por parte de seringueiros e funcionários de Postos, conforme relatado em diversas fontes (cf. Las-Casas 1964: 14; Grunberg 1970; Ferreira 1992: Anexo 35).

Na outra área de ocupação dos Kaiabi, a região dos Rios dos Peixes, a situação não era muito diferente. Em 1955 a Companhia Colonizadora Noroeste Mato-Grossense Ltda (CONOMALI) iniciou os trabalhos de medição e derrubada da Gleba Arinos na margem direita do rio homônimo. Neste ponto surgiria a localidade de Porto dos Gaúchos cujos limites passariam a englobar o território Kaiabi do Rio dos Peixes (Fausto 1990: 126).

A partir da década de cinquenta quase toda a região seria retalhada em glebas e alienada pelo governo de Mato Grosso para fins de colonização (Dal Poz 1996). Nesta época (1949) chega à região do Teles Pires a Expedição Roncador-Xingu comandada pelos irmãos Villas Boas. A Expedição era o braço da Fundação Brasil Central encarregado de desbravar e preparar a colonização dos sertões dos rios Araguaia, Xingu e Tapajós, dentro da política de interiorização preconizada pelo governo Vargas.

A Expedição encontrou os Kaiabi em uma situação conflituosa e sem perspectivas de melhora. Os deslocamentos para outras áreas dentro do território e a resistência

bélica aos invasores não eram mais possíveis. Com exceção do missionário católico João Dornstauder, cujas ações eram mais concentradas no Rio dos Peixes, nenhuma organização apoiava os índios na luta pelas terras. Restava a integração passiva nos seringais e a proposta apresentada pelos Villas Boas, a mudança para o Xingu (Grunberg 1970: 39). A alternativa da mudança prevaleceu e tomou corpo em parte devido à atuação de Prepori, um dos principais líderes do grupo na época. Em 1990 Prepori deu um depoimento sobre a vinda de seu povo para o Xingu:

“Ladrão, ladrão, que acaba minha terra. Eles entraram todos sem pedir favor, sem pedir pro dono, sem pedir pra nada, roubando toda minha terra. Então Orlando pediu pra mim: ‘vamos pro Xingu’. Então eu puxei um grupinho pra cá. Eu mesmo vim por aqui com meu filho, procurar terra daqui. Procurei o pessoal daqui (...). Isto foi naquele tempo de 49.” (Apud Fausto 1990: 127)

Os Kaiabi, já mais acostumados no trato com os brancos e encontrando, nas palavras de Grunberg (1970: 52), “uma compreensão inesperada para sua situação opressiva” por parte dos Villas Boas, se integraram à expedição e passaram a colaborar na pacificação de outros grupos e no desbravamento da região. O processo de migração para o PIX teve início a partir desse envolvimento nos trabalhos da Expedição Roncador-Xingu. Tendo em vista a situação de conflito e espoliação em sua área tradicional e incentivados pelos Villas Boas, os Kaiabi foram aos poucos se dirigindo para a área do Parque, até que em 1966 é transferida por avião, naquela que ficou conhecida como “Operação Kayabi”, uma parte dos índios que ainda moravam na região do Rio dos Peixes (Grunberg 1970).

Os Villas Boas justificaram a necessidade da transferência como única alternativa ao processo de destribalização e marginalização vivido pelos Kaiabi. Grunberg assinala, contudo, que essa última transferência foi realizada sem entendimentos prévios e contra a vontade da Missão Anchieta, que, ao que parece, opunha-se a ela por considerar possível a luta pela terra Kaiabi, pelo menos na região do Rio dos Peixes (Grunberg 1970: 62). O processo deixou marcas profundas e dividiu os Kaiabi. Em um depoimento, onde fica clara a situação de conflito que viviam, Canísio, até pouco tempo o cacique da aldeia Capivara do Xingu, descreve o processo de convencimento e resistência à mudança:

“Logo que os parentes chegaram, os Kaiabi começaram a chorar. Era costume deles fazer isto quando os parentes chegavam de viagem. Isto quer dizer que eles se lembravam dos antigos falecidos que tinham morrido. Assim eles conversaram

com os parentes para saber se eles queriam vir para o Xingu. Passaram três dias com os parentes, sabendo se interessava vir para o Xingu, explicando que outros estavam esperando. Também contaram os nomes dos que estavam no Xingu, explicando que os outros que estavam no Teles Pires já tinham ido para o Xingu(...).

- 'Nós viemos buscar vocês porque nós temos muito pouca terra agora, os caraíbas vão acabar com nossa terra.'

Assim eles conversaram com os parentes, para se reunirem perto dos outros Kaiabi.

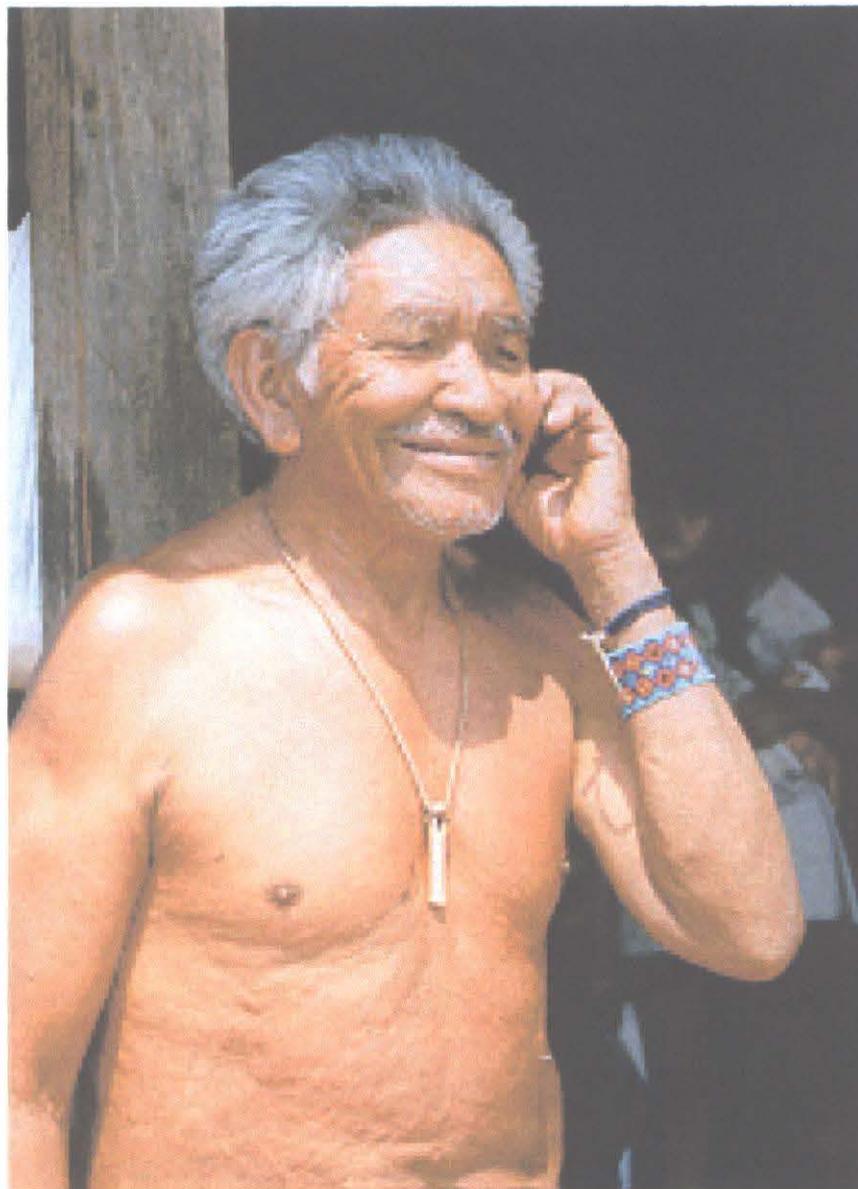
- 'Assim nós vamos viver melhor.'

Assim alguns resolveram ir para o Xingu e outros resolveram ficar ali mesmo.

'Nossa terra é aqui mesmo', disseram eles. 'Nossos avós morreram aqui, por isto nós vamos acabar junto do cemitério de nossos avós. Por que nós vamos deixar a nossa terra? Nós nos acostumamos a viver aqui. Lá é terra de outros índios', disseram." (Apud Fausto 1990: 129)

A pequena parcela da população que se recusou a ir para o PIX permanece até hoje em uma pequena área que divide com os Munduruku e alguns remanescentes Apiaká, localizada no Rio dos Peixes. Outra pequena parcela dos Kaiabi vive atualmente no baixo Teles Pires, em uma área indígena localizada já no estado do Pará, para onde foram sendo empurrados pela ocupação de sua terras.

Durante muito tempo os Kaiabi das três áreas ficaram praticamente sem contato uns com os outros. Em fins dos anos setenta os contatos foram retomados através de visitas recíprocas, transmissões por rádio e troca de fitas cassete gravadas. Nessas fitas os índios mandam recados, perguntam sobre parentes e pedem presentes, principalmente coisas que não tem no Xingu e de que sentem falta. Alguns alimentos vegetais e alguns materiais utilizados na confecção de itens de sua cultura material não são encontrados no PIX que tem um ecossistema um pouco diferente da terra tradicional dos Kaiabi. Em uma dessas fitas os velhos manifestam sua vontade de retornar à terra natal dizendo que no Xingu "o mato é ruim", que não tem as coisas que eles gostam (Travassos 1984: 25). Já em 1966, pouco depois da transferência, os Kaiabi confessavam a Eduardo Galvão o desejo de abandonar o Xingu e voltar para o Teles Pires e o Tatu



Tafurajup Kaiabi, um dos últimos pajés Kaiabi da Aldeia Tatuy no Rio dos Peixes. Foto: Simone Athayde.

(Galvão 1996:338-339). Atualmente os Kaiabi encontram-se fortemente engajados no movimento de retomada de suas tradições culturais e também de suas áreas originais:

No Parque Indígena do Xingu os Kaiabi estão espalhados por diversas aldeias ocupando um território que antes pertencia aos Yudja e Suyá, e que vai desde o limite norte na BR 080, até um pouco abaixo da aldeia Ikpeng, localizada já próxima ao Morená, na região do Alto Xingu. Nesta área encontram-se também as aldeias Yudja e Suyá e até recentemente também havia a aldeia dos Panará.

3. SISTEMA NATURAL DA REGIÃO DO RIO DOS PEIXES

Nota prévia:

A principal fonte sobre dados gerais relativos aos recursos naturais da região onde insere-se a área de interesse para os Kaiabi, respectivamente no rio dos Peixes e na porção centro-norte do Parque Indígena do Xingu, são os relatórios e mapas das Folhas SC 21 – Juruena, e SC 22 – Tocantins, do projeto RadamBrasil (1980, 1981). A figura a seguir mostra a área de interesse para os Kaiabi e seu entorno imediato, na região do rio dos Peixes, entre as coordenadas aproximadas de 10°50' e 11°30' S e 56°10' a 57°35' W.

A apresentação cartográfica corresponde à levantamentos exploratórios na escala de 1:1.000.000, aqui foi considerada a escala-base, constituindo o contexto geral a onde as demais informações foram referenciadas, pela tomada de dados a campo com GPS³.

O AMBIENTE FÍSICO

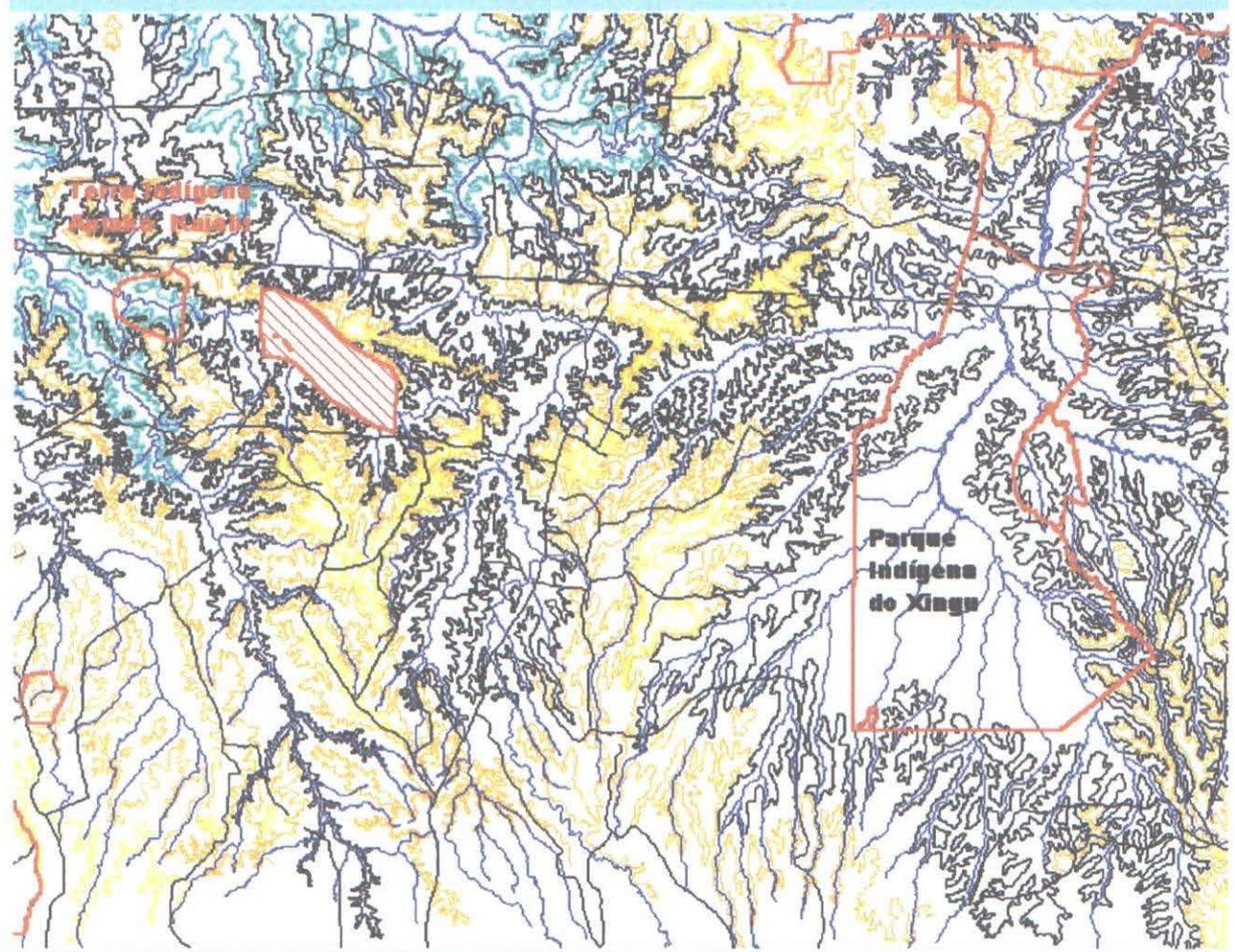
O rio Tatuy, também chamado de rio dos Peixes, São Francisco ou Itaupiami, nasce no Mato Grosso, em região próxima às coordenadas 12° de latitude e 56° de longitude. Sua foz localiza-se no rio Arinos, que vai desaguar no Juruena, já no estado do Pará, que é afluente da margem direita do rio Tapajós.

Conforme RadamBrasil (1980), nesta região, o clima segundo Köppen pertence ao grupo A (tropical chuvoso), do tipo Am, quente e úmido com chuvas do tipo monção, com um pequeno período de seca (coincidente com o inverno) e chuvas inferiores a 60 mm no mês mais seco, com amplitude anual das temperaturas médias mensais menor que 5° C. Caracteriza-se, pois, como uma transição entre o clima equatorial superúmido da Amazônia e o tropical úmido do Planalto Central. A precipitação pluviométrica é elevada, próxima dos 2500 a 2750 mm anuais, com menor intensidade entre maio e agosto. A umidade relativa do ar fica em torno dos 85 % e a temperatura média anual é de 24° C.

A região onde está inserida a bacia do rio dos Peixes apresenta a maior complexidade geomorfológica do Estado do Mato Grosso (Sánchez, 1992), com três unidades geomórficas, identificadas pelo posicionamento altimétrico relativo e na semelhanças de formas de relevo (RadamBrasil, 1980). A Depressão Interplanáltica da Amazônia Meridional é um amplo vão deprimido entre planaltos ao norte e ao sul, entre

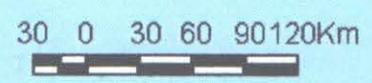
³ O erro aceitável tecnicamente para as posições tomadas pelo modelo de GPS empregados é de em

Aspectos físicos da paisagem regional



- | | |
|--------------------|--|
| Hipsometria | Terras Indígenas Homologadas |
| 100 | Area de interesse para os Kaiabi, dentro do território ancestral |
| 200 | Estradas |
| 300 | Hidrografia |
| 400 | |
| 500 | |

Base cartográfica:
RadamBrasil (1980, 1981)



250 e 300 m de altitude. Caracteriza-se pela predominância de formas dissecadas de topos convexos, talhada sobre rochas do Complexo Xingu e subordinamente rochas da Formação Dardanelos, que originam solos Podzólico Vermelho Amarelo, Areias Quartzosas e Solos Litólicos. A vegetação é representada pelo grande domínio da Floresta Ombrófila Tropical, com significativa expressão da subformação com cipós, com núcleos de Floresta Ombrófila Densa Tropical.

Outra unidade geomorfológica é o Planalto dos Parecis, que apresenta grande homogeneidade, em cotas entre 350 e 400 m, com a dominância de relevos relativamente dissecados em forma de topos tabulares, em área de ocorrência dos Arenitos da Fazenda Casa Branca, apresentando alguns locais com relevos residuais de cerca de 500 m de altitude. Nesta unidade desenvolvem-se principalmente solos como o Latossolo Vermelho Escuro, Latossolo Vermelho Amarelo e Plintossolos Concrecionários Indiscriminados. A cobertura vegetal é quase que totalmente pela Floresta Estacional Semidecidual, cujo domínio é interrompido freqüentemente pelas Formações de Savana e Floresta Ombrófila Aberta Tropical.

Por fim, os Planaltos Residuais do Norte do Mato Grosso constituem a unidade geomorfológica mais diversificada, devido às interpenetrações de superfícies mais rebaixadas. Na área de interesse, apresenta uma subunidade, a Serra dos Caiabis, que apresenta uma forma elipsoidal, cujas bordas norte, oeste e sul encontram-se interligadas, contornado uma depressão interior que se liga ao piso regional do relevo através de uma ampla abertura na parte leste da serra. As bordas acham-se parcialmente conservadas e na parte ocidental marcam nítidos patamares estruturais esculpidos na Formação Dardanelos, do Grupo Caiabis. Os solos que se formam são predominantemente Solos Litólicos nas bordas, Areias Quartzosas na depressão interior, ocorrendo também o Latossolo Vermelho Escuro, o Latossolo Vermelho Amarelo, a Terra Roxa Estruturada e mais raramente, Plintossolos Concrecionários Indiscriminados. A cobertura vegetal é variada, sendo mais expressivo o domínio da Floresta Ombrófila Aberta Tropical, Floresta Estacional Semidecidual e Savanas Arbóreas Densa e Aberta.

Ocorrem, ainda, planícies de aluviões recentes formados por cascalhos, areias, silte e argila, arredondados a subangulosos, que originam solos pouco desenvolvidos, como os Solos Aluviais e Solos Hidromórficos Indiscriminados, cobertos em geral por Floresta Aluvial e/ou Formações Pioneiras.

A figura a seguir ilustra a distribuição das formações vegetais na área compreendendo a região do rio dos Peixes e Xingu, conforme o mapeamento original do Projeto RadamBrasil (1980, 1981)⁴.

O CONTRASTE COM O AMBIENTE DO XINGU

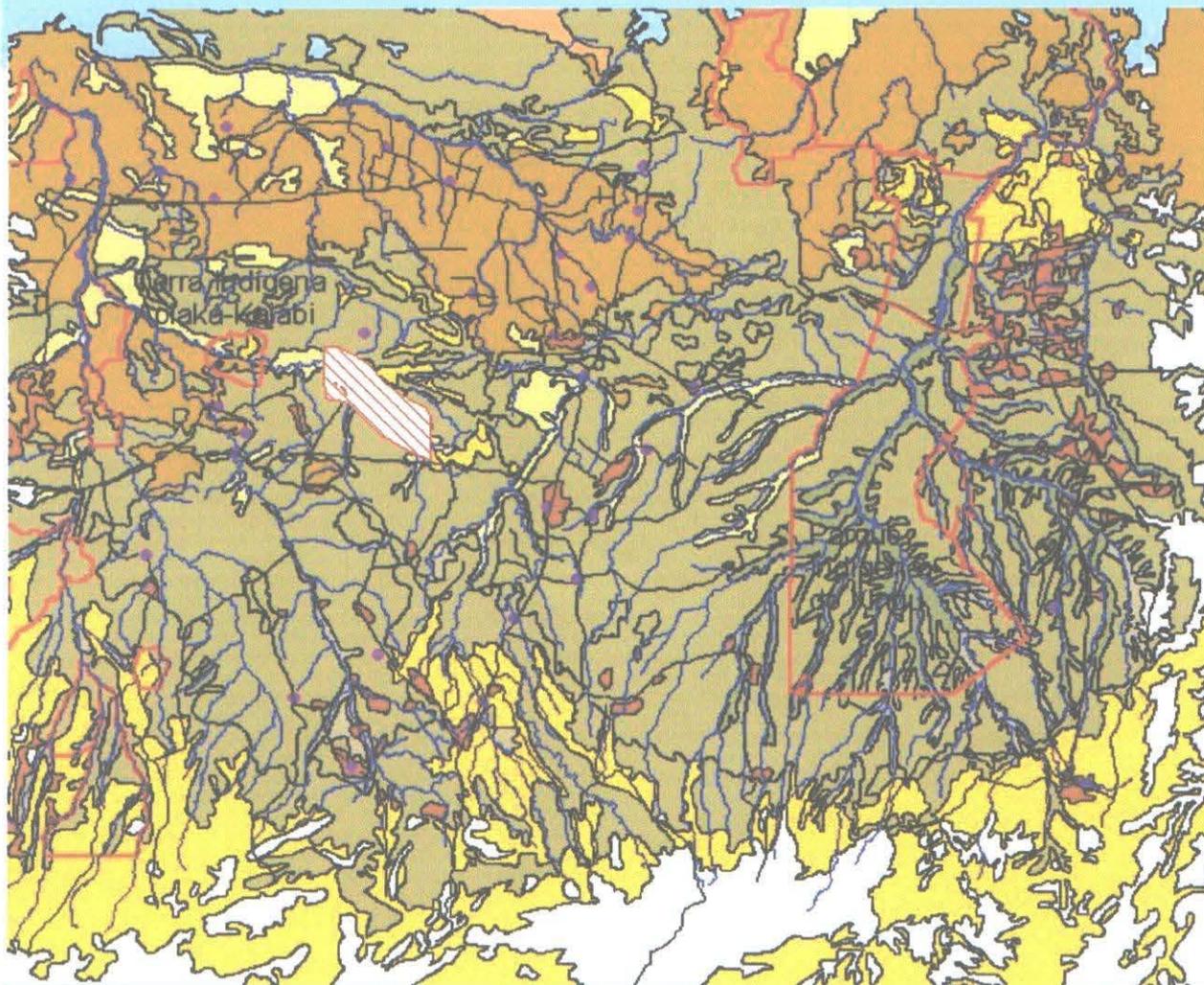
Este quadro ambiental mostra um contraste marcante com a paisagem do Parque Indígena do Xingu, para onde a maior parte dos Kaiabi foi transferida durante as décadas de 1950 e 60. Apesar dos dados climáticos gerais mostrarem algumas semelhanças (clima transicional entre Am e Aw), é de importância destacada para o PIX a existência de uma *linha de clima* próxima do paralelo 11° S, que segue o curso do rio Arraias em parte da fronteira oeste do PIX, depois acompanha o curso do rio Manitsaua Missu até sua foz no Xingu, seguindo em direção norte coincidente com o rumo deste rio. Além da fonte secundária (RadamBrasil, 1981), observações de campo e relatos dos índios⁵ (Kawitai'i Kaiabi, Mairawê Kaiabi, Arupayp Kaiabi, Karandine Yudja) sobre distribuição de espécies da flora e fauna confirmam a existência desta faixa de mudança climática. Há também, uma nítida correlação com a isolinha de precipitação total média anual, de 2500 mm, que passa paralela à margem direita do rio Manitsauá Missu, para depois acompanhar o Xingu alguns quilômetros mais a leste de sua margem direita. Em direção ao extremo noroeste a precipitação aumenta, tendendo aos 2750 mm anuais. Estes fatos condicionam um período seco mais intenso na maior parte da área do Parque, associado ao fenômeno da acentuada amplitude térmica, principalmente no mês de julho, que pode alcançar valores próximos dos 20° C.

Também, as feições geológicas e geomórficas do Xingu são diferenciadas. A geologia de superfície (RadamBrasil, 1981) regional é bastante simples. Há predomínio absoluto da Cobertura Sedimentar Terciário-Quaternário (Cenozóico). Apenas ao longo do curso dos rios maiores ocorrem outras rochas, referidas ao Holoceno Aluvionar (Cenozóico-Quaternário). São aluviões areno-argilosos, inconsolidados, com cascalho, areia, silte e argila.

⁴ Neste relatório, preferimos utilizar os mapas originais do Projeto RadamBrasil devido à sua escala (1:1.000.000) e também pelo fato de outros documentos mais recentes terem sido elaborados através de compilação destas informações, com atualização de legenda.

⁵ A última aldeia do grupo Panara no Xingu não por acaso localizava-se junto à margem direita do rio Manitsauá Missu, pouco abaixo da foz do rio Arraias, portanto em local climaticamente mais assemelhado com aquele da sua antiga área onde hoje vivem novamente, no sul do Pará.

Formações vegetais da região dos rios dos Peixes e Xingu



Formações vegetais

-  Áreas Antrópicas
-  Cerrado
-  Contatos
-  Floresta estacional decidual
-  Floresta estacional semidecidual
-  Floresta ombrófila aberta
-  Floresta ombrófila densa
-  Formações pioneiras

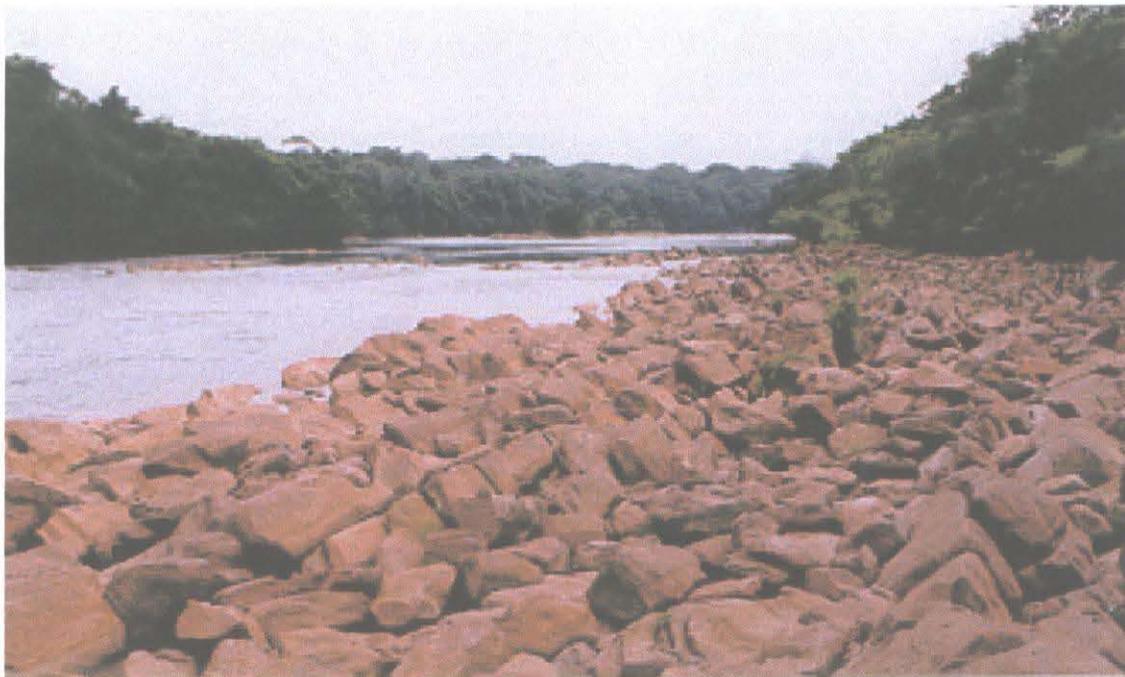
-  Terras Indígenas Homologadas
-  Área de interesse para os Kaiabi, dentro do território ancestral
-  Estradas
-  Hidrografia
-  Sedes municipais

30 0 30 60 Km





Local com ambiente ainda relativamente bem conservado na região do Rio dos Peixes, dentro da TI Apiaka-Kaiabi. Ao fundo, Serra dos Kaiabis. Foto: Geraldo Silva.



Aspecto dos afloramentos rochosos presentes em vários trechos visitados no Rio dos Peixes durante a expedição, dificultando a navegação (cachoeira em frente à barra do Córrego Gavião). Foto: Simone Athayde.

A geomorfologia mostra uma paisagem dominada por formas tabulares fracamente entalhadas, seguindo-se as planícies fluviais, as planícies e terraços fluviais. Por fim, há terraços erosivos fluviais (RadamBrasil,1981).

Na região do PIX, o Planalto dos Parecis (RadamBrasil, 1981) apresenta seu prolongamento oriental, ligeiramente rebaixado, ocupando posições entre 300 e 400 m de altitude. O Planalto exibe uma pequena inclinação em direção à calha do rio Xingu, embora o conjunto tenha uma inclinação geral para o norte. O gradiente altimétrico atinge os 50 m da confluência do Ronuro com o Xingu até a Cachoeira Von Martius, mais ao norte. Na região do Parque, dentro deste planalto, a superfície cimeira está entre 450 e 750 m de altitude s.n.m., interpenetrada por amplos corredores rebaixados. Ocorrem duas feições geomórficas distintas: as formas de dissecação suave com espaçamento interfluvial amplo, que ocupa a maior parte da área, e as superfícies conservadas de períodos com outro regime climático (Ep), na margem esquerda do rio Suya Missu, na porção centro-nordeste do PIX.

Nos terrenos do Holoceno Aluvionar como formas de acumulação predominam as planícies fluviais, que são áreas aplanadas resultantes de acumulação fluvial, periódica ou permanentemente alagadas; e planícies e terraços fluviais, como ocorre pouco ao norte do PI Diauarum, na margem direita do Xingu. De modo idêntico, são áreas aplanadas resultantes de acumulação fluvial, porém geralmente estão sujeitas à inundações periódicas; comportam meandros abandonados e são eventualmente alagadas, unidas com ou sem ruptura a patamar mais elevado. Por fim, há áreas com terraços erosivos fluviais, com patamar esculpido pelo rio, com declive fraco voltado para o leito fluvial, geralmente com cobertura aluvial.

É digno de nota que os índios conhecem detalhes geomórficos da paisagem, do Tatuy e do Xingu, e muitas vezes nominam até pequenos riachos, em função da localização de algum recurso (por algum motivo estratégico) ou outro motivo relevante para eles.

O CONTEXTO FITOGEOGRÁFICO REGIONAL

A delimitação fitogeográfica da região amazônica, que compreende um complexo de diferentes formações vegetais, sempre representou um tema de controvérsias no meio científico brasileiro. Os limites das florestas amazônicas são difíceis de serem estabelecidos, principalmente pela origem e distribuição de diferentes floras, ocorrendo sob a forma de mosaicos (Daly & Prance, 1989). Soares (1953) ressaltou que os limites das florestas amazônicas com outras formações vegetais características das regiões centro-oeste e nordeste são bastante irregulares e imprecisos, decorrentes das freqüentes interpenetrações das formações vegetais regionais em seus múltiplos e variados contatos (vide mapa). As regiões de transição, também denominadas áreas de ecótono ou de contatos florísticos são encontradas em direção ao limite sul da distribuição de formações vegetais tipicamente amazônicas. Nestes locais ocorre uma grande mistura de espécies, apresentando grande diversidade florística (Pires, 1972).

O clima representa um fator determinante na diferenciação fisionômica das formações florestais da Amazônia em direção aos seus limites austrais. A mudança de um clima tropical equatorial, com chuvas bem distribuídas durante o ano, para um clima tropical úmido, porém com uma estação seca, que aumenta à medida que nos aproximamos do planalto central brasileiro, acarreta mudanças significativas nos aspectos fisionômicos da vegetação (Soares, 1953). Outro fator decisivo, responsável pelas mudanças na composição florística em direção ao sul, são as características dos solos. Estes são bastante permeáveis e durante a época das secas ficam incapacitados de reter a quantidade necessária de água das chuvas para manutenção de uma floresta úmida bem desenvolvida.

Esta penetração na região do norte mato-grossense confere a esta uma economia tipicamente amazônica pela ocorrência significativa da seringueira (*Hevea brasiliensis*). Assim, a ocorrência predominante da floresta amazônica no Mato Grosso ocorre até aproximadamente a altura do paralelo 12° S e um pouco mais para o sul, nas bacias dos rios Xingu e Teles Pires ou Paranatinga.



Vista da floresta com palmeiras (Floresta Ombrófila Densa) que domina a paisagem em alguns trechos do Rio dos Peixes. Presença de várias espécies de palmeiras, como o inajá (*Maximiliana maripa*), o açai (*Euterpe precatoria*) e o pataua (*Oenocarpus* sp). Foto: Simone Athayde.



Açai (*Euterpe precatoria*), palmeira importante na alimentação Kaiabi, comum na área do Rio dos Peixes mas ocorrendo em baixíssimas densidades no Parque do Xingu. Foto: Simone Athayde.

O "Projeto Flora Amazônica em Mato Grosso", reconheceu cinco tipos florísticos que atribuem características próprias e distintivas para a cobertura florestal do Estado (Ackerly et al, 1989). Os resultados sobre a distribuição destas floras no Estado do Mato Grosso, demonstram uma clara predominância de espécies amazônicas distribuídas nas regiões norte e oeste do Estado, além de uma maior ocorrência das espécies de cerrado nas regiões sul e leste. Isto demonstra uma maior ocorrência de espécies tipicamente amazônicas entre as regiões oeste e noroeste, compreendendo também os vales dos rios dos Peixes, Arinos, Teles Pires e rio Verde, além do alto curso do rio Paranatinga (Ackerly, 1985).

A VEGETAÇÃO DA REGIÃO DO RIO DOS PEIXES

Para a caracterização da vegetação da região do Rio dos Peixes de interesse para o povo Kaiabi, baseou-se em Radambrasil (1980), folha SC 21, Juruena. Na região analisada pode-se distinguir as seguintes regiões ecológicas: Savana (cerrados), Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Aberta, Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Estacional Decidual. Predominam as áreas de contato ou tensão ecológica entre diferentes formações, dada a complexidade geomorfológica regional, onde ocorrem desde serras, até planícies aluvionares, relevos dissecados e depressões.

A savana ou cerrado ocorre nos testemunhos da Serra dos Caiabis; a Floresta Ombrófila Densa predomina em solos mais desenvolvidos, recobrando locais úmidos junto às redes de drenagem e encostas das serras e chapadas, em várias formas de relevo; a Floresta Ombrófila Aberta ocupa as depressões, tendo sua paisagem alternada pelas palmeiras e cipós; já as áreas de tensão ecológica ou contato ocupam grandes extensões.

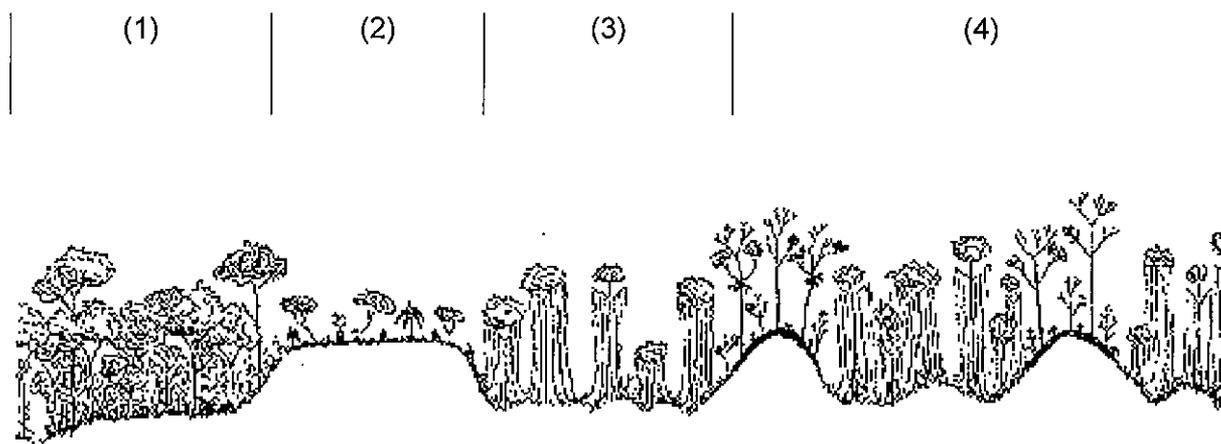
Na região coberta pela Floresta Ombrófila Densa Tropical, floresta sempre-verde com árvores de grande porte, ocorre a formação submontana com dossel emergente margeando a Serra dos Caiabis, acompanhando uma parte do curso principal do Rio dos Peixes. Observa-se uma pequena área coberta por Floresta Aluvial com Dossel Emergente, nas margens do Rio Batelão e em parte do curso do Rio Tatuy, logo após a barra do Batelão.

A Floresta Ombrófila Aberta com suas subformações com cipós e com palmeiras, ocupa parte da área próxima a Juara, Novo Horizonte e Tabaporã. Esta formação florestal

está entremeada por contatos entre a Floresta Estacional Semidecidual e a subformação aberta com cipós e palmeiras. Para oeste, há maior predomínio da floresta aberta com cipós e palmeiras pura. Para leste, a área de contato entre as formações estacional/ombrófila aberta é maior. A norte da Serra dos Caiabis, entre esta a a Serra dos Apiacás, há grandes manchas de Floresta Aberta com cipós e palmeiras, diminuindo também as áreas de contato com a Floresta Estacional.

Observa-se que a Floresta Estacional Semidecidual não ocorre pura na região de interesse, somente na forma de contato entre formações. Estes contatos ou áreas de tensão entre a Floresta Estacional Semidecidual podem estar representados ou com a Floresta Ombrófila Densa (subformação dossel emergente), ou com a Floresta Ombrófila Aberta (com cipós e com palmeiras) ou com a Savana arbórea densa.

A Savana (ou Cerrado) também é uma feição vegetacional que ocorre sob a forma de contato na área ancestral Kaiabi. Está restrita à região da Serra dos Caiabis, que apresenta-se coberta por um mosaico onde predominam a Savana Arbórea Densa e a Savana Arbórea Aberta. Há manchas de contato entre a Savana Arbórea Densa e Floresta Estacional Semidecidual e Estacional Decidual. A leste de Tabaporã, margeando o Rio dos Peixes, há uma grande mancha de Savana Arbórea Aberta sem Floresta de Galeria. Nesta região mais para leste, aproximadamente entre os meridianos 56 00 e 56 50 W, pode-se observar a ocorrência de uma área de tensão ecológica entre a Savana Arbórea Densa e A Floresta Ombrófila Densa Dossel Emergente.



Perfil esquemático da Serra dos Kaiabi. 1- Floresta Ombrófila Densa Tropical com Dossel Emergente; 2- a Savana Arbórea Aberta; 3- Floresta Ombrófila Aberta Tropical com cipó; 4- Contato Floresta Ombrófila / Floresta Estacional (conforme original de RadamBrasil, 1980, p. 344).

A VEGETAÇÃO DA REGIÃO DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU

Ainda conforme o Projeto Radambrasil (1981), a cobertura vegetal da região do PIX é heterogênea, incluindo áreas situadas entre o território amazônico e o centro-oeste brasileiro, com predomínio das áreas de tensão ecológica, contatos florísticos ou ecótonos (vide figura a seguir). Podem ser reconhecidas quatro grandes formações vegetacionais: Savana ou Cerrado (densa, arbórea aberta, savana parque e gramíneo-lenhosa); Floresta Ombrófila Densa (aluvial e submontana); Floresta Ombrófila Aberta (submontana) e Floresta Estacional Semidecidual (aluvial e submontana). Um dos principais fatores que determinam esta condição transicional é o clima, pela influência da linha que passa na altura do paralelo 11°S, delimitando ao norte o clima tropical úmido (atenuado) e em direção ao sul, o clima tropical com período seco acentuado.

As áreas de tensão caracterizam-se pela mistura de formas biológicas, que “se defrontam e sobrevivem sob condições extremas de tolerância ecológica” (Radambrasil, 1981). Foi observado o contato de três regiões distintas: savana/floresta ombrófila; savana/floresta estacional e floresta ombrófila/floresta estacional.

A vegetação das duas áreas é significativamente diferenciada, em decorrência de características climáticas, geológicas e fitogeográficas. Localizam-se em bacias hidrográficas diferentes, do Xingu e do Tapajós. O Parque Indígena do Xingu está em uma região de transição ecológica entre a Savana (cerrado), a Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Ombrófila Tropical. Estão ausentes espécies tipicamente amazônicas como a seringueira (*Hevea brasiliensis*), a castanheira-do-Pará (*Bertholletia excelsa*) e o mogno (*Swietenia macrophylla*). O clima é mais seco, a floresta é mais decídua e mais pobre em elementos de importância econômica, tanto para o extrativismo como para a exploração comercial de madeira, quando comparamos com a área ancestral dos Kaiabi, na região dos rios Teles Pires e dos Peixes. A linha climática presente no paralelo 11 S é um dos principais fatores responsáveis por esta mudança ecológica que ocorre saindo do Parque mais para noroeste.

A floresta de terra firme (Ombrófila Densa com Dossel Emergente) visitada na região do Rio dos Peixes, que acompanha a base da encosta da Serra dos Caiabis é visivelmente mais desenvolvida e mais diversa do que a formação florestal encontrada na terra firme (não alagável) do Parque do Xingu (Floresta de Transição Estacional Semidecidual/Ombrófila Aberta), com fisionomia típica pela maior ocorrência de palmeiras.

4. CONHECIMENTO ÊMICO DE AMBIENTES OU ECOZONAS

Neste relato é dada ênfase para a descrição de ambientes do Xingu, para a qual existem mais informações acumuladas, tecendo comentários a respeito de diferenças ocorrentes no rio dos Peixes. Também, empregamos as expressões ambientes e ecozonas como sinônimos, sendo tratadas de modo indistinto ao longo do texto.

A primeira divisão da paisagem implícita na fala e explícita na faina diária dos índios é marcada pela influência direta ou indireta da inundação anual na estação chuvosa. Assim, a distinção mais genérica (ou *moldura ambiental*, conforme Resende, 1995) exhibe dois macro ambientes: a floresta de várzea e a floresta de terra firme. Em um segundo nível, há diversos meso-ambientes em cada um dos macro-ambientes, que por sua vez comportam eventuais subdivisões em micro ambientes particulares.

Ribeiro (1991: 16), citando o capítulo *A ciência do concreto, d'O pensamento selvagem*, de Lévi-Strauss (1976: 19-55), enfatiza que *as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são classificadas úteis ou interessantes porque primeiro são conhecidas* (1976: 29). Extrapolamos esta conceituação aos ambientes, o que é coerente com a análise de Balée (1994) referente à plantas úteis cultivadas, semidomesticadas e silvestres, entre os Guajá e Ka'apor.

A integração dos conhecimentos geomorfológico e pedológico, da vegetação e da fauna permite aos índios a identificação de feições transicionais entre ambientes em diferentes escalas de abordagem. Isto evidencia-se, dentre outros modos, pela sua linguagem. Temos notado o emprego de categorias abrangentes, que recebem um *nome geral*, como referem-se eles em português. Em diversas ocasiões fomos surpreendidos por comentários aparentemente confusos e contraditórios a respeito dos recursos naturais, emitidos por diferentes informantes e contextos. Há uma expressão chave para o reconhecimento do nível categórico de denominações locais, em português, seres ou fenômenos: *é igual, mas é diferente*. Papavero (com. pes., 1998) chama a atenção para a *lógica paraconsistente*, própria dos índios, que difere da lógica da ciência ocidental. Assim, o objeto de análise nem sempre estava referido ao mesmo plano lógico (e linguístico) em nossas primeiras conversas nas aldeias. A partir daí, pretendemos ter avançado na compreensão da natureza pelos indígenas, relatando a seguir o conhecimento que temos sobre as percepções e uso do ambiente (ou ecozonas). Os quadros abaixo apresentam uma síntese sobre os principais ambientes reconhecidos pelos *Kaiabi*, de acordo com o que apuramos até o momento.

Principais ambientes reconhecidos pelos *Kaiabi* correlacionados com solos, características fitofisionômicas, principais atividades de uso e manejo de recursos naturais. Primeira parte: ambientes relacionados com a floresta de terra firme.

categoria êmica	Categorias éticas correspondentes	Aspectos fitofisionômicos	terras (êmica)	Solos e influência fluvial (IF)	Principais atividades de uso e manejo dos recursos naturais
kofet (e seus qualificativos específicos)	-Estágios da sucessão secundária da floresta de terra firme.	- presença de mosaicos, havendo o predomínio de feições herbáceas, arbustivas ou arbóreas, dependendo do grau de desenvolvimento.	ywypiran (terra vermelha)	(LE), LV, (PV), AQ, (HAQ), (HGP) IF pouca, localizada.	- extração de plantas medicinais e materiais para confecção de itens da cultura material; coleta de frutos; plantio de mandioca.
ka'a rete	- Floresta de terra firme; áreas florestais de transição entre a floresta estacional semidecidual e a floresta ombrófila aberta amazônica.	- formação florestal bem desenvolvida, dossel atingindo até 25 m, vários estratos arbóreos, pouca penetração de luz nos estratos inferiores.	ywypiran (terra vermelha) <i>ywyrugou</i> (terra mole, com raiz junto, que tem em lugar seco ou que seca?) <i>ywysing</i> (t. branca)	(LE), LV, (PV), AQ, (HAQ), (HGP) IF pouca, somente em córregos no interior da floresta. Nunca inunda.	- atividades de caça, coleta e extrativismo. - coleta de frutos, mel e outros produtos; extração de palha de inajá e de madeiras para construção de casas, canoas, remos e outros utensílios; obtenção de matérias primas para a cultura material; extração de plantas medicinais
yatarân também está associado ao yapopet	- Formação pioneira determinada por condições físicas, constantemente inundada.	formação florestal com baixa diversidade florística, presença de espécies seletivas, com características pioneiras.	ywyon (terra preta)	HGP, (HG), (HO) IF marcante em cabeceiras de drenagem e várzeas de córregos, porém em menor escala do que aquela sofrida pelos grandes rios no yapopet.	- coleta de matéria prima para a cultura material (palmeiras, arumã, araity, etc), coleta de frutos.
kofet rarete	- Floresta de terra firme sob "terras pretas"; estágios sucessionais da f. terra firme sobre "terras pretas"; áreas produtivas (roças).	- formação florestal bem desenvolvida (f. de terra firme), com vários estratos arbóreos; composição florística diferenciada, com presença de espécies indicadoras.	ywyuon (terra preta legítima)	TPA IF praticamente isenta	- atividades de caça e coleta, implantação de policultivos.
kofet remejep	- Borda da área de f. de terra firme sobre "terras pretas", estágios sucessionais secundários da f. de terra firme.	- estágios sucessionais da f. de terra firme sobre "terras pretas", composição florística diferenciada, com espécies indicadoras.	ywyipitan (terra marron) ywypirang on (?) (terra meio preta meio vermelha)	transição TPA / LV (horizonte antrópico com menor expressão) IF praticamente isenta	- coleta de frutos, caça, extração de madeira e de matérias primas para a cultura material.
koferâm	- Floresta de terra firme sob "terras meio pretas meio vermelhas"; recebe roças.	- falso kofet, pois é pouco desenvolvido, com menor diversidade, faltando árvores indicadoras	Ywypirang on (?) (terra meio preta meio vermelha)	transição TPA / LV (horizonte antrópico com menor expressão) IF praticamente isenta	- atividades de caça e coleta, implantação de policultivos parciais.

Principais ambientes reconhecidos pelos *Kaiabi* correlacionados com solos, características fitofisionômicas, principais atividades de uso manejo de recursos naturais.
Segunda parte: ambientes relacionados com a floresta de várzea.

categoria êmica	Categorias éticas correspondentes	Aspectos fitofisionômicos	terras (êmica)	Solos e influência fluvial (IF)	Principais atividades de uso e manejo dos recursos naturais
yapopet	- Floresta pioneira sob influência fluvial, floresta de várzea.	formação florestal com menor desenvolvimento estrutural do que o ka'a rete, menos estratificada, com dossel a 15 m de altura, com maior seletividade de espécies presentes. Deciduidade.	ywysigo on (terra escura com areia) ywysing (terra branca, arenosa)	HGP, PT, (HG), (HO), (AQ), (HAQ) IF muito forte, podendo o solo ficar inundado durante toda a estação chuvosa.	- atividades de caça, coleta e extrativismo, em menor intensidade quando comparada à f. de terra firme.
ypoo	- Formação pioneira em terrenos arenosos.	- predomínio de fisionomia arbustiva ou arbórea, pouco desenvolvida, menor diversidade de espécies em relação ao yapopet.	ywysigo	A, AQ, TT IF muito forte, condicionando a manutenção do ambiente ao longo das estações.	-coleta de tracajá
ka'a papawet	- Formação arbórea pioneira na beira de córregos e lagoas.	- fisionomia campestre com árvores esparsas, decíduas, baixa diversidade específica.	tuju (barro branco)	HG, (HO), (HGP) IF muito intensa, em beira de rios e/ou lagoas, sujeita a inundação estacional.	-pesca. -caça eventual
jun *	- Campo de uma maneira geral, savana herbácea.	- formação campestre com arbustos esparsos, predomínio de gramíneas e ciperáceas.	ywysigo (terra branca)	HGP, PT, (HG), (HO), (AQ), (HAQ) IF forte, podendo ficar inundado durante pelo menos parte da estação chuvosa.	- coleta de psitacédeos, caça, coleta de frutas e plantas medicinais.
jusing	- Cerrado (savana) com predomínio de fisionomia arbustiva ou arbustivo-arbórea, cerrado arbóreo.	- formação em mosaicos, ora predominando fisionomia arbustiva, ora arbórea, com menor diversidade florística que o Yapopet.	ywysigo (terra branca)	HGP, PT, (AQ), (HAQ) IF forte, podendo o solo ficar inundado durante pelo menos parte da estação chuvosa.	- coleta de psitacédeos, caça, coleta de frutas e plantas medicinais, extração de algumas matérias primas para a cultura material.
jupirayn	- campo hidromórfico com murunduns (savana parque)	- ocorrem árvores e arbustos nos murundus (eweteri) e vegetação rasteira no chão (ipirã).	ywysigo, no chão; murundum: ?	HGP no chão; latossolo no murundum	- murundum é local de abrigo para animais (tatu, paca, etc) na cheia; caça e coleta de animais; fibras e frutos;

A DISTINÇÃO DE AMBIENTES PELOS KAIABI

O ordenamento êmico da paisagem expressa conceitos de tempo e espaço através de elaborações idealizadas e de características reconhecíveis (Behrens, 1989). Para os Kaiabi, o tempo surge em primeira instância pela dinâmica do ciclo da água, marcado fortemente pelo ritmo das estações, traduzido visualmente na frequência, duração e intensidade dos períodos de inundação. Isto é evidenciado pelo discernimento dos macroambientes *yapopet* (floresta inundável na época chuvosa) e *ka'a rete* (floresta de terra firme que nunca inunda). A importância da influência fluvial na diferenciação dos ambientes é expressa pela palavra "y", que significa água e/ou rio, de uma maneira geral na língua Tupi-Guarani (Tibiricá, 1984).

É importante ressaltar que os índios afirmam categoricamente que na região do rio dos Peixes praticamente não existe o ambiente *Yapopet*, ou seja, a floresta de várzea inundável. Tecnicamente, é fácil de se compreender este fato, uma vez que as características geomorfológicas da região praticamente excluem a formação de terraços fluviais onde ocorreriam estas florestas. Por si só, este fato é da maior importância para a diferenciação entre a área ancestral e o Xingu, onde os Kaiabi reaprenderam a lidar com um novo conjunto de variáveis ambientais. O perfil esquemático das adjacências do rio Gavião, um afluente do rio dos Peixes, ilustra com propriedade os principais ambientes encontrados na região.

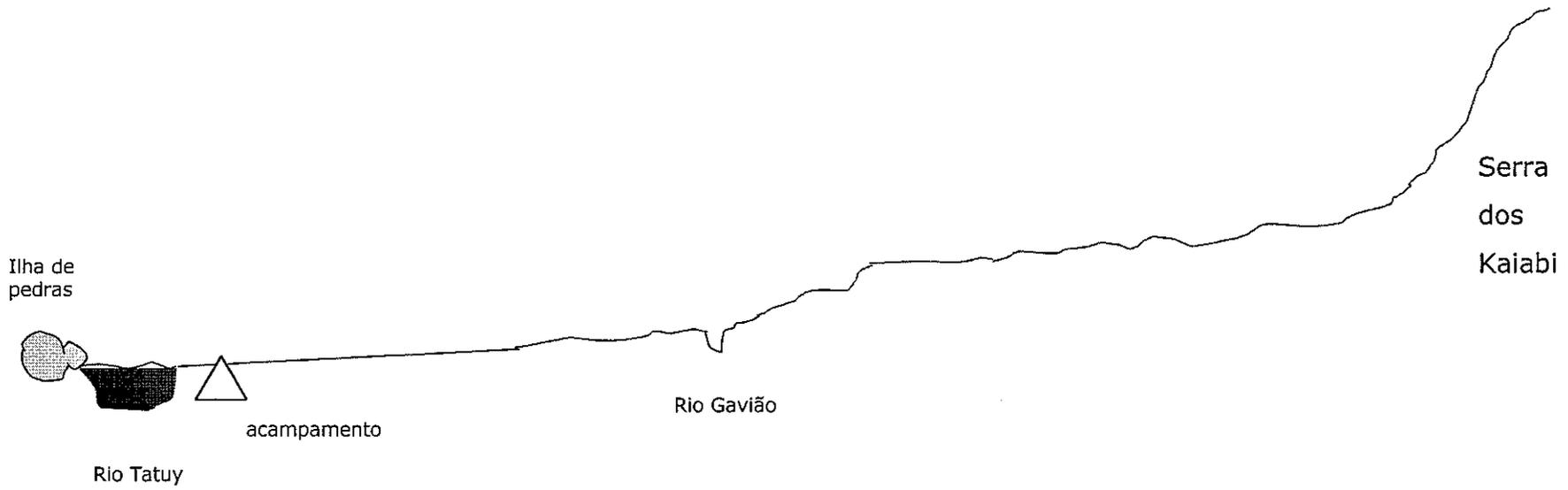
Em segundo lugar, a denominação indígena mostra também a história de uso da terra em sítios particulares, agregando informações sobre a sucessão vegetal ou aspectos da evolução antropogênica ou geomórfica de certos locais. A antiguidade da interferência antrópica é enfatizada pela presença de evidências arqueológicas, os *cacos de panelas*, relacionados com a origem das *terras pretas* ou *solos antrópicos* (anthrosols).

A dimensão espacial também considera de modo relevante a influência da água, expressa através do grau de hidromorfismo presente em setores de ambientes mais gerais. Por exemplo, a localização dos meso ambientes *ka'a papawet* (mato da beira da lagoa) e *yatarã* (cabecreira de drenagem ou planície de inundação de córregos (*yekwawi*), formando um pantanalzinho dentro da floresta de terra firme).

Também, a transição entre ambiente influenciados pela água e ambientes de terra seca são explicitamente reconhecidos. Por exemplo, chama-se *ywyantã* ao lugar até onde chega a água, ou onde começa a terra alta; também, o mesmo termo nomina as pequenas elevações no *yapopet* (murunduns) onde param os animais (paca, tatu, etc).

Perfil esquemático mostrando aspectos ambientais destacados, na região do rio Gavião.

Formação vegetal	Mata ciliar	Floresta terra firme	castanhal	Cerrado arbóreo		Floresta terra firme	Cerrado (pé de serra)	Cerrado (serra)
Denominação Kaiabi	Ka'a rete	Ka'a rete	ywa typ	junsing		Ka'a rete	jun ete	jun ete / ywytyt
Classe de solo	Latossolo Vermelho Amarelo	Latossolo Vermelho Escuro		Areia Quartzosa / Litossolo / Cambissolo raso		Latossolo Vermelho Escuro	Cambissolo raso / Litossolo	Areia Quartzosa / Litossolo / Cambissolo raso
Textura do solo	média			Arenoso, cascalhento		média	arenosa	arenosa
Relevo	plano		suave ondulado	ondulado	plano	Suave ondulado	Suave ondulado	Ondulado a montanhoso



A palavra *ywit* (?) identifica a orla ou linha limite do *yapopet*, ou o lugar onde começa o *ka'a rete*; também indica a margem do rio. Um outro exemplo é o termo *ywyakape*, relacionada com o canal de escoamento de água das florestas de várzea, ou seja, a canhada onde passa a canoa na cheia. Literalmente, significa terra com barriga funda.

Dadas as características climáticas da região do Xingu, com ausência de chuvas em pelo menos um mês durante o inverno, o reconhecimento destas interfaces assume importância quanto à identificação de microclimas diferenciados ao longo da paisagem.

A combinação das dimensões temporal e espacial permite também a identificação e nomenclatura de feições transicionais dentro e entre micro ambientes. Por exemplo, há variações significativas entre o uso dado à porções de terra quando se parte do centro do *kofet rarete* para a sua borda (*kofet rarete remejep*), passando para a borda do mato circundante (*ka'a rete remejep*) até que se alcance uma porção do *ka'a rete*, mato legítimo.

Cada nomenclatura identifica um conjunto de variações micro ambientais que condicionam a existência e/ou exuberância de recursos particulares. Um exemplo, são as interpenetrações de campos (*jusing*) na floresta de várzea (*yapopet*). Outro microambiente, que merece distinção devido ao hidromorfismo, é o que os Kaiabi chamam de *yatarã* (pantanalzinho). Este sofre inundação sazonal o que, junto com clima, determina o caráter dominante da vegetação pioneira. Há pelo menos duas variantes do *yatarã*, uma relacionada com cabeceiras de drenagem no interior da mata (abaciamentos) e outra relacionada com a planície de inundação (várzea) de córregos de médio porte. Nos locais onde há maior expressão da planície fluvial de pequenos e médios córregos do interior da floresta, a condição de permanente umidade propicia a ocorrência de, entre outras espécies, o açaí (*Euterpe precatoria*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*), acima do paralelo 11° S, no noroeste do PIX. Também no *yatarã* são realizadas expedições para caça e coleta de plantas úteis, com destaque para o arumã rugoso (*Schnosyphon spp*) empregada para a confecção das peneiras Kaiabi, um de seus artefatos com grande significado mítico e de identidade étnica.

Outra variável de importância é o grau de desenvolvimento estrutural e as características fitofisionômicas (morfológicas) da vegetação. Contudo, de modo similar a

outros povos indígenas do tronco tupi, não existe uma denominação geral para “planta” ou “vegetal” na classificação *Kaiabi*, conforme constataram Balée & Daly (1990) em relação aos índios Ka’a por, residentes na região norte do Maranhão. Comparando-se a classificação das formas de vida (hábito) representadas no reino vegetal, com dados apresentados por Balée & Daly (1990), percebe-se a existência de similaridades entre os sistema *Kaiabi* e entre outros povos de língua tupi residentes na região amazônica, conforme tabela a seguir.

Comparação da designação *Kaiabi* das formas de vida vegetais com outras seis etnias de língua tupi residentes na região amazônica.

Língua	Árvore	Erva/arbusto	Liana
<i>Kaiabi</i>	yp	ka’a	ipo
Ka’a por	mira	ka’a	sipo
Arawete	iwirã	ka’a	ihipa
Asurini	iwira	ka’a	iipa
Guajá	wira	ka’a	wipo
Tembe	wira	ka’a	wipo
Wayâpi	wila	ka’a	ipo

Fonte: levantamentos de campo, 1997 (*Kaiabi*); dados sobre outras etnias, Balée & Posey (1990).

Sob o ponto de vista estrutural, como exemplos, pode-se citar o *ka’a rete*, que é mato alto (no Xingu), contraposto ao *junsing* (literalmente, mato branco), que é um tipo de cerrado com mato baixo que tem muito capim e ao *jun*, que é o campo limpo, de vegetação rasteira. Contudo, estas características são melhor expressadas em relação à composição da vegetação natural ou mesmo cultivada. As áreas usadas para plantio de roças, são incluídas em uma categoria geral, para a sucessão secundária, denominada comumente de “capoeira” em português (*ko* = roça; *kofet* = local onde a roça já foi feita). Este *nome geral* é muitas vezes acrescido por prefixos ou sufixos. Dentre estes, o sufixo *ete / rete*, presente em várias palavras da língua tupi-guarani, significa “verdadeiro, legítimo, valoroso, poderoso” (Tibiriçá, 1984), como por exemplo em *ka’a rete* (mato verdadeiro, ou floresta de terra firme); *kofet rarete* (capoeira verdadeira ou floresta em terra preta). As áreas de terra preta são consideradas “capoeiras legítimas”, aquelas melhores para o desenvolvimento de policultivos alimentares dos *Kaiabi*. Em contraste, nas áreas de *ka’a rete*, com terra vermelha, planta-se quase que exclusivamente mandioca. Do mesmo modo, o rio Xingu, por ser o principal da região, é chamado de *y rete*, ou rio legítimo, o de maior expressão.

Seguindo o mesmo raciocínio, o macro ambiente *ka’a rete* (floresta de terra firme, aparentemente com exclusão de interferência antrópica) comporta variações relacionadas

ao processo de sucessão vegetal devido ao uso da terra relativamente recente (para roçados, principalmente) ou bastante antigo. Este processo é reconhecido com precisão pelos Kaiabi. O quadro seguinte apresenta uma listagem preliminar de categorias de sucessão secundária, ainda carecendo de revisão.

Categorias de sucessão secundária e características distintivas associadas.

sucessão secundária	características distintivas
<i>iapoé</i>	lugar (capoeira) que já foi escolhido para fazer a roça (ainda não aberta)
<i>iapoyau</i>	roça nova, do ano (ainda não se formou capoeira). Seria uma sucessão inicial (<i>capoeirinha</i>).
<i>Koja yp</i>	roça do segundo ano.
<i>iapopyret</i>	capoeira em que já foi feito roça (1 ou 2 anos atrás). Seria uma sucessão inicial (<i>capoeirinha</i>) transicionando para sucessão intermediária (<i>capoeira</i>).
<i>kofet ryman</i>	capoeira de 10 anos. Seria uma sucessão em estágio intermediário (<i>capoeirão</i>).
<i>kofet rymaman</i>	capoeira de 20 anos. Seria uma sucessão relativamente avançada, transicionando entre a sucessão avançada (<i>capoeirão</i>) e a floresta secundária.
<i>Koferã</i>	É um falso Kofet (tipo de capoeira pantanosa) que ocorre em local abaciado ou em várzeas de córregos pequenos e médios, com solo de horizonte A tendendo a turfoso (observação visual da superfície).

Para permitir o reconhecimento da sucessão secundária, é necessário o referencial da vegetação original. Em primeiro plano, a vegetação atual foi originada em períodos de alternância climática, com reflexos na construção da paisagem nos últimos 12 ou 13.000 anos (Ab'Saber, 1989; Petri & Fúlvaro, 1983; Prance, 1982). A presença de páleo-índios tardios na região do Planalto Central do Brasil também foi assinalada já nesta mesma época (Meggers, 1992; Roosevelt, 1989; Ab'Saber, 1989). Embora possa se discutir em que grau a vegetação foi modificada por ocupações humanas pré-históricas, é certo que existem registros concretos deste fato (Balée, 1989; Moran, 1992).

Na fala dos Kaiabi, *ka'a rete* é o mato puro, transicional entre cerradão e floresta - portanto um ecótono, sem derrubada conhecida por evidências diretas ou por informação dos velhos. *Kofeteman* é a capoeira (em terra vermelha) aonde nunca foi plantada roça ou que não se sabe a última vez que foi usada; e *kofet rarete*: capoeira (de terra preta) que não recebeu roça em tempos recentes. Parece que há diferenças, a serem checadas, entre os dois últimos termos, relacionadas com o conceito de terras "virgens" e terras onde o pousio foi suficiente para recuperar a composição e fisionomia da floresta teoricamente primária. Kawet Kaiabi citou variações em composição e estrutura do *ka'a rete* enfatizando a existência de matas de cipó⁶ ao descrever um transecto a partir da beira do rio.

⁶ Na aldeia Kururu há uma roça isolada em um ponto do *ka'a rete*, a uns 1500 m das casas. Perguntado pelo motivo, nosso informante relatou que lá havia um cipoal, que era um pequeno

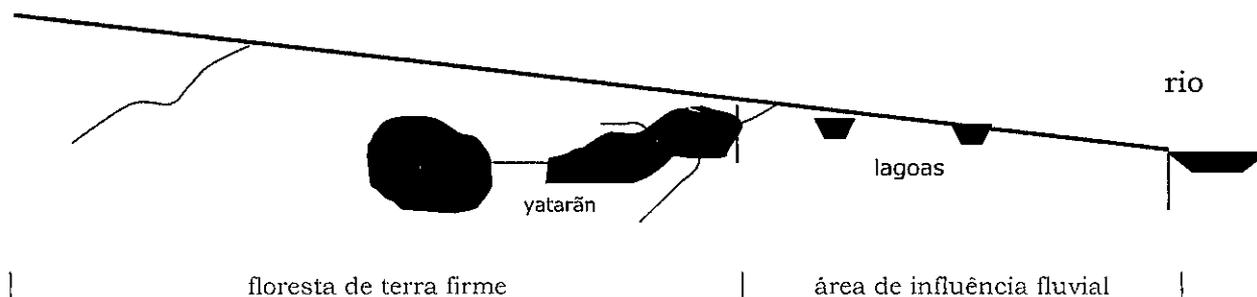
No *kofet rarete* há presença de cacos de cerâmica em praticamente todas as áreas abertas para cultivo, em terras pretas. A presença destes materiais indica que mesmo em capoeira aparentemente intocada *já viveram outros índios, antigos, que deixaram estes pedaços de panela lá*. A presença de vestígios arqueológicos indica terra boa (disponibilidade de água e nutrientes, microclima propício) para a produção de culturas mais exigentes (milho, amendoim e outros alimentos). Na região do rio Tatuí, na bacia do rio Tapajós, onde vivem até hoje alguns Kaiabi, machados e facões de pedra antigamente eram recolhidos quando encontrados na mata, e o local era usado novamente para roças, pois a presença das ferramentas indicava local bom para o plantio de alimentos (Grünberg, 1970). Contudo, o ambiente físico e biótico da região ancestral dos Kaiabi é diferenciado do Xingu (RadamBrasil, 1981, 1982). Relatos de anciões (*Kupeap, Tewit, Takaperun*) dão conta que na área ancestral, na região do rio dos Peixes, não era necessário escolher terra preta para o plantio, pois até a terra vermelha produzia boas colheitas.

Com a transferência do grupo para o Xingu, foi preciso desenvolver um conhecimento do novo local que permitisse a prática agrícola exitosa. Este conhecimento ainda hoje vem sendo refinado, com os Kaiabi demonstrando flexibilidade no seu modo de adaptação a feições ambientais e de sua manipulação. Moran (1995) confirma que sociedades que vivenciam mudanças marcantes tendem a adaptar-se à novos ambientes por ajustes culturais, realizando substituições de recursos empregados para seu abastecimento e elaboração de itens de sua cultura material.

koferã ou *koferani*, um pequeno falso kofet verdadeiro, local de uso antrópico histórico, adequado para roças. Havia mandioca plantada (cerca de 3000 m²) e umas 50 covas com taioba, de desenvolvimento raquítico. O solo é terra branca de areia, ou *ywysigo on*. Balée (1989, p. 15) também identificou as matas de cipó como de origem antrópica.

Esquema representativo de variações florísticas em um transecto dentre ambientes do norte do PIX, a partir da beira do rio para o interior da floresta de terra firme.

kofet rarete	kofet ypotyp	ka'a rete kofet	kofet jun	Yapopet
capoeira legítima	capoeira ou mato alto com cipó	mato alto com cipó	campo	mato do pantanal



Correspondências nomenclaturais entre as categorias éticas e as categorias êmicas *Kaiabi* para os principais ambientes representados na área de trabalho (levantamento preliminar).

Categoria ética	Categoria êmica <i>Kaiabi</i>
Floresta de terra firme	Ka'a rete
Floresta inundável de planície	Yapopet
Vegetação pioneira sujeita a inundações frequentes	Yataran
Vegetação inundável na beira de lagoas	Ka'a papawet
Vegetação na beira de lagoas	--
Vegetação de praias e ilhas	Ypoo
Campo	Ju
Cerrado	Jusing
Savana parque (campo com murunduns)	Jupirayn
Estágios sucessionais da f. de terra firme	Kofet
Floresta de terra firme sobre terras pretas	Kofet rarete
Borda da floresta de terra firme sobre terras pretas	Kofet remejep
Floresta de terra firme na beira de córregos	-
Concentrações ou ilhas de recursos	typ

O cerrado, composto por fisionomias arbórea, arbustivo-arbórea, herbácea e herbáceo-arbustiva, é reconhecido como "uma mata baixa", um tipo de campo com árvores mais baixas do que o ka'a rete, por exemplo. Percebe-se uma nítida associação do cerrado com o *campo*, mesmo as áreas de cerrado arbóreo. Na designação de ambos existe o prefixo "ju", que está relacionado à dominância de gramíneas (em *Kaiabi*, capim=juap). Assim, campo é tratado por *jun* (literalmente campo branco, ou savana herbácea) e o cerrado com elementos arbóreos é chamado de *jusing*.

Por fim, o ambiente com vegetação mais baixa que cobre praias e ilhas (*yoo*) também é reconhecido como uma unidade diferenciada, estando bastante sujeita à influência fluvial, podendo apresentar caráter efêmero, durando apenas uma estação ou poucas,

Há, também, uma outra maneira de nominar subambientes no interior das ecozonas. Além da identificação de unidades fitofisionômicas mais amplas (*ka'a rete*, *yapopet*, etc), existe o reconhecimento de agrupamentos populacionais de determinadas espécies ou grupos vegetais, ou *ilhas de recursos*.

Estes agrupamentos também representam unidades ambientais diferenciadas pelos *Kaiabi*. Os principais agrupamentos vegetais identificados⁷. sob este contexto são: buritizal ou *myrystyp* (predomínio de buritis, *Mauritia flexuosa*), tucunzal ou *tukumanyp* (predomínio de tucum, *Astrocarium* spp), inajazal ou *inatatyp* (predomínio do inajá, *Maximilliana maripa*), *yopotyp* ou cipoal (cipós diversos), pacoval (concentração de *pacova* ou banana-brava, *Heliconia* sp), paxiubal ou *pacityp* (predomínio de paxiúba, *Iriarthea exorrhiza*), entre outros. Convém mencionar que muitos destes agrupamentos referem-se a diferentes espécies de palmeiras (Arecaceas), que representam importantes componentes fisionômicos da vegetação.

Outros dois ambientes são nominados pelos *Kaiabi*, porém só ocorrem na área ancestral: *ywytyt* e *ywytyti'i*, respectivamente morro e morrote.

OS SOLOS DAS ECOZONAS

No Xingu, as informações levantadas foram checadas através de conversas freqüentes com lideranças, pessoal das aldeias e com professores indígenas. Ainda assim, preferimos realizar algumas generalizações para evitar erros em alguns detalhes ainda não bem compreendidos.

As categorias êmicas para a identificação de terras mostram uma relação semi-independente para com a vegetação, como já explicitado. O relevo dominante ao norte do PIX é plano, com vertentes de rampa longa com cerca de 1 a 2 % de declive. Em alguns pontos ocorrem rampas com relevo suave ondulado, entre 4 a 6 % de declive. As principais feições que as distinguem os tipos de terra são a cor, a textura do solo, a presença de hidromorfismo e o cheiro, associados à posição na paisagem. Esta

⁷ Parte desta informação saiu de informantes diretos, porém o levantamento sistemático foi realizado pelo Prof. Renato Gavazzi (disciplina de Geografia) durante o VII Curso de Formação de Professores Indígenas, ocorrido no PI Diauarum, em novembro de 1997, que deu origem ao livro *Nossas Matas* (ISA, 1998 d).

combinação de critérios é sintetizada em categorias conforme pode ser visto nos quadros seguintes, onde a) localização; b) morfologia e textura; c) análises químicas.

As categorias de terras reconhecidas pelos Kaiabi podem estar associados a meso ou micro ambientes particulares. Esta estratégia taxonômica guarda semelhanças com os sistemas brasileiro e norte americano de classificação de solos (Camargo *et al*, 1988; Soil Taxonomy, 1975). Contudo, vale ressaltar que o conhecimento científico é focado no perfil (horizontes em profundidade), que representa características mais fixas do solo, permitindo reconhecimento de um solo particular como pertencente à uma única classe. Estas classificações éticas são, pois, mais estáticas, apregoando a sua aplicabilidade universal e freqüentemente utilizando critérios pedogenéticos para a sua organização semântica. Em decorrência de sua intenção universal, a classificação é empregada com níveis hierárquicos diferentes, de acordo com as escalas de mapeamento usadas.

O conhecimento local é focado nos horizontes superficiais, enfatizando suas características mais diretamente relevantes para a avaliação agrícola das terras (as quais também são afetadas pelo seu histórico de uso) e sua distribuição na paisagem. Porém, não há nenhuma evidência clara de preocupação com a sua origem ou com os processos envolvidos na formação destes solos (Sandor & Furbee, 1996, p 1151). Além disso, a produção de subsistência é intimamente relacionada com a cultura indígena. Estes fatos mostram que tais classificações são específicas por local e que sua organização semântica reflete os interesses da comunidade de usuários das terras. Para alguns povos, inclusive, a classificação de certas unidades de terra pode mudar com o tempo ou conforme ocorram variações ambientais com a sucessão de estações (afetando o regime hídrico do solo, por exemplo). São, portanto, mais dinâmicas.

Os Kaiabi empregam a cor como a característica diferencial mais notória, seguida da textura, que pode discriminar um subclasse, como as terras pretas (*ywyon*) e terras pretas meio arenosas (*ywysigo on*). A influência do hidromorfismo também é considerada, pelo contexto, embora as terras pretas de ambientes diferenciados, como o kofet e o yataran, recebam o mesmo nome. Outra característica acessória empregada é o cheiro da terra. Muitas vezes o nome de uma terra em particular expressa uma situação intermediária ou transicional entre atributos característicos de duas terras "mais puras", como as terras meio preta meio vermelhas (*ywy piran on*), que ocorrem nos falsos kofets. Em geral, a somatória das características de uma terra informa, incluindo-se uma

apreciação conjunta da vegetação, uma estimativa da fertilidade do solo no local e o risco de inundação esperado.

Os Kaiabi do rio dos Peixes acrescentam mais duas categorias de terras à esta lista, que não existem no Xingu, ambas com importância destacada. A primeira é o *ywy esage*, que corresponde ao Latossolo Vermelho Escuro plíntico e/ou ao Plintossolo concrecionário, que apresenta uma camada com cascalho de origem ferruginosa logo abaixo da superfície. Segundo os velhos, é a melhor terra para se fazer roças. Em geral, estes solos localizam-se nas porções mais baixas da paisagem, próximos à calha do rio dos Peixes e de seus afluentes de maior porte. Além dessa categoria, há também o *tuju*, que é o barro branco do qual se fazia cerâmica, que corresponde ao horizonte C, ou seja, uma camada mais profunda, com forte influência do lençol freático, que em geral está associada com Solos Hidromórficos situados nas proximidades de lagoas. No apêndice *Solos do rio dos Peixes* são comentados os resultados de análises físicas e químicas realizadas em amostras coletadas durante a expedição, em ambientes diferenciados.

Categorias de terras e características relevantes associadas reconhecidas pelos Kaiabi, tentativamente correlacionadas com o sistema brasileiro de classificação de solos (Camargo et al, 1988).

Tipo de terra	Características distintivas mais evidentes	sistema brasileiro de classificação
<i>ywyon</i>	terra preta, no Kofet	Terra Preta Arqueológica
<i>ywyon</i>	terra preta, no yataran	Solos Orgânicos e Gleí Húmico
<i>ywypiran</i>	terra vermelha	Latossolo Vermelho Amarelo
<i>ywyipytan</i>	terra marrom	Latossolo Vermelho Amarelo
<i>ywyipytanpytang</i>	terra meio amarela meio vermelha	Latossolo Vermelho Amarelo
<i>ywysigo on</i>	terra escura meio areiada	Areia Quartzosa
<i>ywysing</i>	terra branca, arenosa	Areia Quartzosa, Cambissolo
<i>ywyrugou</i>	terra mole, que não é muito firme, em tempo seco. Tem raiz junto com a terra.	Solos Orgânicos
<i>ywy esage</i>	Camada de cascalho ferruginoso logo abaixo da superfície	Latossolo Vermelho Escuro plíntico e/ou ao Plintossolo concrecionário
<i>tuju</i>	barro branco, do Tatuí	Gleí Pouco Húmico

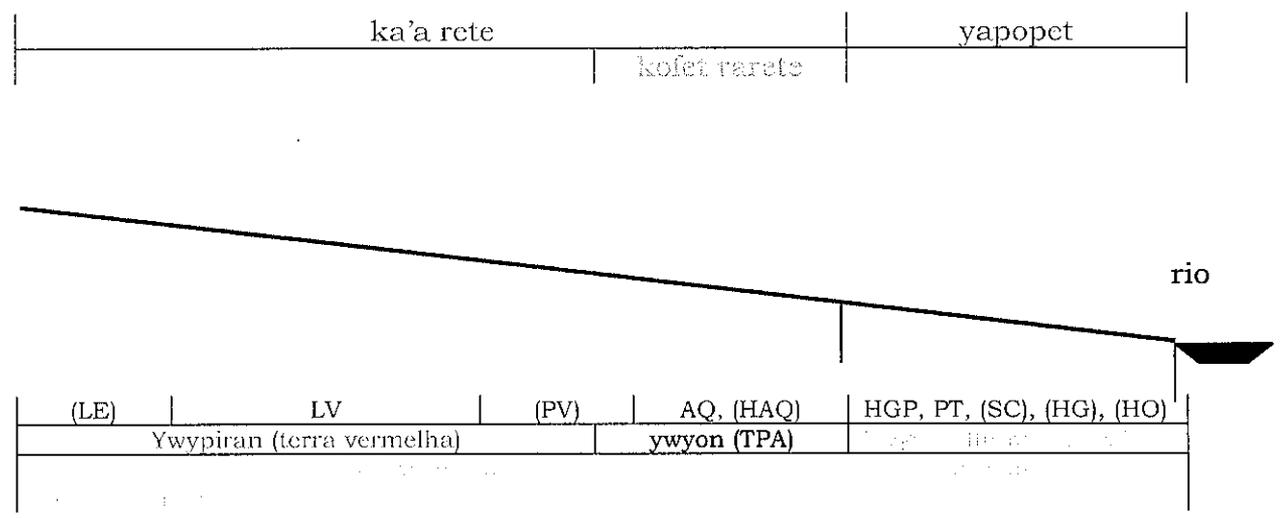
A figura seguinte mostra esquematicamente a correspondência entre os dois macro ambientes e as classes de solos ocorrentes no Xingu. Destaque é dado para a posição do *Kofet rarete*, sob *ywyon* ou Terra Preta Arqueológica, no contexto de sua distribuição em duas posições na paisagem. Com frequência as TPA encontram-se sobre latossolos (LV), em locais onde a floresta de várzea tem pequena dimensão (faixas de dezenas de metros ou menos) e floresta de terra firme chrga próxima ao rio. Eventualmente, porém, podem estar ao menos em parte sobre areias quartzosas (AQ) ou mesmo solos hidromórficos gleizados (HGP). Provavelmente na época de sua ocupação, os solos destes sítios já apresentavam sua atual condição de drenagem, exibindo feições

herdadas que testemunham processos da dinâmica hídrica na formação da paisagem contemporânea (Ab'Saber, 1989).

Outro ponto importante para a distinção entre o rio dos Peixes e o Xingu é que, segundo os velhos, na área ancestral não é necessário procurar por terras pretas arqueológicas para se fazer roças, pois a terra vermelha de lá é boa e se encontra em quase todo lugar. Assim, ainda que existam as capoeiras, que podem reaproveitadas, a disponibilidade de terra (quantia suficiente para atender as demandas de toda a população, crescente) com boa aptidão agrícola não é limitante como no Xingu. Lá sim, só se pode abrir policultivos alimentares onde existem terras pretas, sob pena de se perder o trabalho por frustração de colheitas, dada a baixa aptidão agrícola inerente aos solos da região.

Catenas representativas da expressão das classes de solos ocorrentes na região norte do PIX, correlacionadas com as ecozonas êmicas. Entre parênteses estão as classes de solo probabilidade de ocorrência.

a) áreas com maior expressão da floresta de várzea



b) áreas com expressão menor ou nula da floresta de várzea

ka'a rete		yapopet
	kofet rarefe	



(LE)	LV	(PV)	TPA	PT, HGP
Ywypiran (terra vermelha)		ywyon (terra preta)		PT, HGP
				PT, HGP

5. ASPECTOS ETNOECOLÓGICOS: RECURSOS NATURAIS DE IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E/OU CULTURAL

A transferência do povo Kaiabi de sua área ancestral para o Parque Indígena do Xingu (PIX) ocasionou uma perda de acesso a importantes recursos vegetais e animais. Várias espécies de palmeiras e frutíferas nativas da área ancestral não estão presentes no Xingu, como o patauá (*Oenocarpus bataua*), o marajá (*Bactris sp.*), o cacau (*Theobroma cacao*), ou são muito raras, como a siriva (*Bactris macana*), o açaí (*Euterpe precatoria*) entre outras. Estas palmeiras tem importância destacada na alimentação e na confecção de objetos de uso rotineiro e/ou ritual do povo Kaiabi (cultura material). Os Kaiabi são conhecidos por possuírem uma culinária bastante desenvolvida e variada. O patauá e o açaí eram utilizados principalmente na confecção de mingaus, de valor altamente nutritivo.

Um recurso alimentar de grande importância para os Kaiabi que ocorre somente na região ancestral é a castanheira-do-Pará (*Bertholletia excelsa*), cuja castanha é denominada por eles *y'wa ete* (fruto verdadeiro) e é uma importante fonte proteica. Os Kaiabi deslocavam-se freqüentemente de suas aldeias para coletar castanha-do-Pará e outros recursos. Por vezes, acampavam próximo aos castanhais (Ywatyp), permanecendo por algum tempo alimentando-se de castanha. Tinham o costume de ralar a castanha e espremer, retirando o leite da castanha, que era utilizado na preparação de diferentes pratos. Diversas vezes na viagem, os Kaiabi do Xingu paravam para apreciar uma castanheira, lembrando os tempos quando ainda havia abundância do recurso, atualmente só obtido através de presentes de seus parentes que permaneceram na área ancestral.

De modo inverso, cumpre destacar que na TI Apiaká Kaiabi muitas das variedades das plantas cultivadas pelos Kaiabi estão se perdendo, já sendo difícil encontrar famílias que ainda preparam roçados com policultivos diversificados. Este é um reflexo da alteração de hábitos alimentares causado pela intensificação no contato com a sociedade brasileira nos últimos 40 a 50 anos, o que vem provocando a perda irreparável de recursos genéticos, principalmente porque alguns destes estão sub-representados no Parque do Xingu.

Entre os recursos vegetais de importância cultural para o povo Kaiabi que não ocorrem, ou são raros na área do Xingu, merecem destaque a siriva (*Bactris macana*), o arumã (*Ischnosiphon spp*), o taquari ou taboca (*Guadua sp*) e a taquara para pontas de

flecha (indeterminada). A siriva é uma palmeira que ocorre em algumas porções visitadas na terra ancestral, principalmente próximo da aldeia Tatuy, onde foram feitas várias coletas desta madeira pelos índios. Para o povo Kaiabi, a siriva é a melhor fornecedora de madeira para a confecção de seus arcos. A madeira é negra, flexível e ao mesmo tempo resistente. Além dos arcos, a madeira da siriva é utilizada em diversos outros objetos, como para a confecção de bordunas, fusos para fiar algodão, brincos, arranhadeiras e pontas de flecha rituais (utilizadas em festas). No Xingu, a siriva vem sendo substituída principalmente pela madeira de tucumã (*Astrocaryum aculeatum*). No entanto, para os arcos não existe um substituto a contento, e a madeira é enviada pelos parentes da área ancestral ou conseguida através de trocas com os índios Kayapo Mekytyire que moram nas vizinhanças do Parque.

Uma das maiores perdas da transferência dos Kaiabi foi o arumã (*Ischnosiphon* spp), denominado *uruyp* na língua indígena. O arumã é utilizado na cestaria Kaiabi, considerada o item mais significativo e expressivo de sua cultura material (Grünberg, 1967). As talas de arumã são empregadas para o trançado das peneiras desenhadas Kaiabi, utilizadas para guardar algodão e outros utensílios e para adornar as casas. Além disso, também são utilizadas no trançado das empunhaduras das bordunas. Existem mais de quinze padrões de desenho diferenciados, cada um com um nome e um significado (ISA, 1999). Quando os Kaiabi chegaram no Parque Indígena do Xingu, deram-se conta de que o arumã que ocorre lá é de um tipo inferior, de pior qualidade (arumã rugoso, *uruyp kuruk*), que ocorria em populações pequenas, restritas a alguns locais específicos (Athayde e Silva, 1999).

Com a extração do arumã para trançar as peneiras, que eram inclusive trocadas e vendidas para os não índios, as populações de arumã do Parque foram entrando em declínio. Atualmente, existem poucas concentrações desta planta na área do Parque. Os Kaiabi não gostam de utilizar outras plantas substitutas, pois consideram de qualidade inferior, como o buriti ou a cana-brava. Um outro tipo de arumã, considerado pelos Kaiabi de melhor qualidade, é denominado *uruyp ete* (arumã verdadeiro), e não pode ser encontrado no Parque do Xingu, somente na área ancestral. Durante a expedição, houve coleta de arumã dos dois tipos para levar para o Parque. Os Kaiabi comentaram que na área ancestral o arumã verdadeiro é muito comum, podendo ser encontrado em qualquer tipo de ambiente. No Xingu, além das populações serem pequenas, o arumã rugoso ocorre num tipo de ambiente brejoso, o *yataram*, que só é acessível na época da seca (maio a setembro). Portanto, o que está ocorrendo é uma perda cultural da arte de trançar



Castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*), importante recurso natural perdido pelos Kaiabi na transferência para o Parque do Xingu. Foto: Simone Athayde.

Castanhal degradado para o estabelecimento de pastagem na região de Sinop-MT. Foto: Geraldo Silva.





Siriva (Yr'yp - *Bactris macana*), espécie que ocorre em baixíssimas densidades no norte do Parque do Xingu, comum na área ancestral. Utilizada na confecção dos arcos, bordunas e outros itens da cultura material Kaiabi. Foto: Marcus V. C. Schmidt.



Coleta de madeira de siriva na região da Aldeia Tatuy, para ser transportada ao Parque do Xingu. Foto: Simone Athayde.



Jywakari, Kanisio e Jurumuk preparam talas de arumã (Uruyp, *Ischnosiphon* sp) para levar ao Xingu. O arumã, espécie de grande importância cultural e econômica para o povo Kaiabi, é raro no Parque do Xingu, mas encontrado facilmente na área ancestral. É utilizado na confecção de peneiras desenhadas, consideradas um dos itens mais expressivos da cultura material Kaiabi. Foto: Simone Athayde.



Foto: Geraldo Silva.



Foto: Simone Athayde.

Tabela 1. Relação das principais espécies vegetais ocorrentes somente na área ancestral Kaiabi, ou com baixas densidades populacionais no Parque Indígena do Xingu. AV - árvores; AB - arbustos; EP - epífitas; HE - herbáceas; TR - trepadeiras herbáceas; TL - trepadeiras lenhosas (cipós). Adaptado de Athayde (1998).

Famílias/Espécies	Nome comum	Nome indígena	Hábito	Partes usadas	Ambiente (s) preferencial (is) de ocorrência/Obs. ecológicas	Usos
ARECACEAE						
<i>Bactris macana</i>	Siriva	Y'ryp	AV	Tronco e sementes	Floresta de terra firme (Floresta Ombrófila), forma touceiras	Confecção de arcos, fusos, brincos, pontas de flecha, bordunas e colares
Não identificada	Siriva grande	Y'ryp uu	AV	Tronco e sementes	Floresta de terra firme (Floresta Ombrófila), não forma touceiras	Confecção de arcos, fusos, brincos, pontas de flecha, bordunas e colares
<i>Euterpe precatoria</i>	Açaí	Ju'y'wa	AV	Frutos	Floresta de terra firme (Floresta Ombrófila) e Floresta aluvial	Alimentação
<i>Oenocarpus sp *</i>	Patauá	Pinnowa uu	AV	Frutos	Floresta de terra firme (Floresta Ombrófila) e Floresta aluvial	Alimentação
Indet. *	Marajá	Maraja' ysing'wa	AV	Frutos	Floresta de terra firme (Floresta Ombrófila)	Alimentação
Indet. *		Y'wasimep wuu	AV	Frutos e sementes	Beira de córregos	Alimentação e colares e adornos de modo geral
Indet. *		Y'wa simuku'a	AV	Sementes	Beira de córregos	Colares e adornos
CAESALPINIACEAE						
<i>Hymenaea sp</i>	jatobazinho	jutaiwa'ii	AV	Frutos, tronco	campos e cerrados do território ancestral	Alimentação, confecção de plíões
FABACEAE						
<i>Ormosia sp</i>	olho-de-cabra	indet.	AV	sementes	floresta de terra firme	contas para colares
LECYTHIDACEAE						
<i>Bertholletia excelsa *</i>	castanha-do-Pará	ywa'yp	AV	Castanhas, tronco	floresta de terra firme, somente na área ancestral	canoas
POACEAE						
<i>Guadua sp</i>	Taquari, taboca	kamai'yp	HE	hastes caulinares	Beira de córregos, áreas pedregosas	Flechas para caça
MARANTACEAE						
<i>Ischnosiphon sp *</i>	arumã verdadeiro	uruy wete (nome geral - uruyp)	HE	tala do caule	beira de córregos, na floresta de terra firme, só ocorre na área ancestral	peneiras; jamaxim (panaku) e trançado de bordunas
<i>Ischnosiphon gracilis</i>	arumã rugoso	uruyp kuruk	HE	tala do caule (planta maior, caule mais flexível)	beira de córregos, existe pouco na região de trabalho, ocorre em algumas fazendas do entorno	idem a anterior
STERCULIACEAE						
<i>Theobroma cacao *</i>	cacau	Ka'a y'wa	AV	frutos	Floresta de terra firme (floresta ombrófila tropical)	alimentação
INDETERMINADAS						
Indeterminada 1 *	Api	Api'awijup	AV	Frutos	Floresta de terra firme	Alimentação
Indeterminada 2 *	cipó	taipawa	TL	caule	ocorrência somente no território ancestral	armadilhas para peixes
Indeterminada 3 *	-	wira'on	AV	tronco	área ancestral	colheres de pau para mexer mingau e torrar farinha
Indeterminada 4 *	-	kanawa'yp	AV	tronco	campos da área ancestral	bancos
Indeterminada 5 *	-	'yngwa'yp	AV	tronco	área ancestral	pilão

* ocorrem somente na área ancestral

peneiras, devido à escassez/inexistência da matéria prima adequada. Alguns esforços vêm sendo direcionados no sentido de investigar a possibilidade de manejar a espécie dentro do Parque, mas estão ainda somente no início e não há garantias de que este manejo realmente seja possível e viável (Athayde e Silva, 1999; ISA, 1999).

Outra planta que merece destaque é a taboca ou taquari (*Guadua* sp), denominada *kamai'yp*, utilizada na confecção das flechas de caça. Esta planta não existe na região do Parque do Xingu e não há substitutos satisfatórios para ela. Para as flechas de pesca, os índios que vivem no Xingu utilizam a cana-brava (*Gynerium sagittatum*), de resistência bem inferior, a qual quebra facilmente. A taboca ou taquari só ocorre em locais de serra, pedregosos, como na região do Salto dos Kaiabi, onde houve uma pequena coleta por ocasião de uma visita realizada lá com alguns índios, durante a viagem para a área ancestral. Foi coletada uma grande quantidade de taquari próximo ao córrego Gavião, em uma área de cerrado arbóreo. Para os Kaiabi que foram transferidos para o Xingu, a única saída é receber encomendas de seus parentes do Tatu, ou comprar/trocar com os índios Kayapo Mektytire da Terra Indígena Kapoto Jarinã.

ANIMAIS

A diferenciação ambiental da área ancestral dos Kaiabi e do Parque Indígena do Xingu reflete-se também na composição faunística, que segundo os Kaiabi, é bastante desigual entre os dois locais. Durante a expedição realizada com os Kaiabi para o Rio dos Peixes foram feitas algumas observações superficiais sobre a fauna local. As informações apresentadas neste documento são, portanto, de caráter totalmente preliminar; para qualquer aprofundamento é necessário realizar investigações mais detalhadas. Para a classificação dos mamíferos, utilizou-se Emmons, (1997) e das aves, Sick (1984). A inclusão em categorias, segundo o grau de ameaça (status) em que se encontram as diferentes espécies registradas foi baseada em Bernardes, Machado e Rylands (1990) e na lista vermelha da IUCN de 1999.

Durante a expedição de uma semana subindo o Rio dos Peixes, tivemos a oportunidade de visualizar diversos animais que compõem a fauna local. Parte da alimentação consumida na viagem foi caçada, para o suprimento de proteína animal. Os Kaiabi do Xingu comentaram que há tempos não viam tanta fartura de caça como durante a viagem. Bandos de quatá (macaco-aranha) e macaco-prego, jacús e jacutingas, antes atravessando o rio calmamente. Esta era a rotina diária da expedição. A alimentação

constituiu-se basicamente de jacutingas, antas e macacos. Abaixo, segue a relação de animais caçados durante a viagem.

Comparando a área ancestral com a área habitada pelos Kaiabi no Parque do Xingu, parece haver uma maior abundância de caça na área ancestral, mesmo com todas as fazendas e extração madeireira responsáveis pelo desmatamento na região. Os comentários dos índios foram de que a abundância de caça na área era um bom sinal, de que o mato ainda não estava tão estragado quanto se pensava. Merece destaque a grande quantidade de capivaras visualizadas, que segundo os moradores locais e alguns fazendeiros, está se tornando uma espécie de “praga” na região, competindo por alimento com o gado. Isto parece estar ocorrendo pela diminuição de grandes predadores carnívoros como a onça ou outros felinos, em decorrência do desmatamento e conseqüente fragmentação de seu habitat natural.

Se em matéria de caça, a terra ancestral parece ser muito mais rica do que o Xingu, com relação à pesca não se pode dizer o mesmo. O Rio dos Peixes tem uma diversidade e abundância de peixes bem menor do que o Rio Xingu. Espécies em comum, de maior porte, são os pacús e o tucunaré.

Em entrevistas e conversas com os Kaiabi, registramos a existência de algumas espécies da fauna de importância cultural para o grupo, que não podem ser encontradas na área atual no Parque do Xingu. A arara-canga ou ararinha-vermelha (*Ara macao*), cujas penas eram usadas para a confecção de flechas de festa e cocares, é um exemplo. Os Kaiabi adquirem penas desta espécie em trocas com os Kayapo da área vizinha Kapoto Jarinã. Existem pelo menos duas outras espécies de psitacídeos que também enquadram-se nesta situação, mas até o momento não foi possível identificá-los. Dentre outros animais que só ocorrem na área ancestral, destacam-se os moluscos bivalves e gasterópodos utilizados na confecção de colares e adornos. No documento elaborado por Senra (1997), pode-se constatar algumas conchas (ita, na língua Kaiabi), utilizadas antigamente para a confecção de colares. Um gasterópodo utilizado como adorno dorsal pelos Kaiabi é o caramujo-do-mato (*Megalobulinus* sp), que no PIX está restrito à região sul ou do alto, em áreas de cerrado.

Entre as espécies oficialmente ameaçadas de extinção registradas, pode-se mencionar a anta (*Tapirus terrestris*), maior mamífero terrestre das américas, o tamadua-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), o macaco-aranha (*Ateles paniscus*), a onça-pintada (*Panthera onca*), a ariranha (*Pteronura brasiliensis*), praticamente extinta no sul do país, o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) e o mutum-cavalo (*Mitu mitu*), entre outras. A

presença destes animais reforça a necessidade de proteger fragmentos de vegetação ainda relativamente bem conservados do que um dia foi o território original dos Kaiabi.

ANIMAIS CAÇADOS

Mamíferos

- 01 capivara
- 03 antas
- 08 macacos-aranha
- 03 macacos-prego

Aves

- 14 jacutingas e 01 jacú
- 08 araras (3 azuis, 8 vermelhas mortas e 1 vermelha viva)
- 02 patos (Ypek)

Peixes e réptil

- Piau – Piawii (abaixo do salto) e piawantã (acima do salto)
- Paku - Paku ii e Pakuu
- Tukunare
- Amoata (Cascudo), 3 qualidades
- Janijajup (Bagre)
- 01 jacaré-do-papo-amarelo

O BARRO “TUJUK” E A CERÂMICA KAIABI

Parte das informações apresentadas abaixo foram extraídas de Athayde (1998). A cerâmica pode ser considerada um item da cultura material Kaiabi ameaçado de desaparecimento. Quando os irmãos Villas Boas contactaram os Kaiabi em 1949 no rio Teles Pires, já observaram que a cerâmica estava caindo em desuso, substituída por painéis de alumínio. Na época, os Villas Boas registraram os nomes de diferentes formatos de painéis fabricados pelos Kaiabi (Villas Boas, O. e C., 1989). O processo de desuso da cerâmica também foi verificado em 1966, no rio dos Peixes (Grünberg, G. e F., 1967; Grünberg, 1970). A dificuldade na obtenção do barro especial e o fácil acesso às painéis industrializadas fez com que pouco a pouco esta arte fosse perdida pelo grupo.

Em recente consulta à coleção etnográfica Kaiabi do Museu de Etnologia e Arqueologia de São Paulo (MAE-USP), pudemos observar um painel Kaiabi (registro 12168) coletado por Grünberg entre 1960 a 1966 na região do Teles Pires. Entretanto, a análise da peça indica que a mesma nunca foi utilizada, e que provavelmente foi

Tabela 2. Animais visualizados ou registrados através de rastros e/ou vestígios durante a viagem pelo Rio dos Peixes, área ancestral Kaiabi. Classificação de mamíferos segundo Emmons (1997), de aves segundo Sick (1984). Informações complementares, segundo Athayde (1998).

Grupo/Nome científico	Nome comum	Nome indígena	Ambiente(s) preferencial (is) de ocorrência	Aspectos etnoecológicos	Ameaça de extinção
Mamíferos					
Cebus apella	Macaco-prego	Ka'i ete	Florestas e capoeiras	Usado como alimento, e cultura material (dentes), xerimbabo quando filhote	comum
<i>Ateles paniscus</i>	Macaco-aranha	Ka'i uu	Florestas e capoeiras	Idem anterior	comum
<i>Sciurus sp</i>	Caxinguelê	Akusi'i	Florestas e capoeiras	Dentes usados na cultura material, xerimbabo	Sem registro
<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	Tapi'it	Florestas de beira de rio, áreas brejosas	Alimento, unhas usadas na cultura material	Ameaçado
<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Capivara	Kapiwat	Florestas de beira de rio, áreas brejosas	Dentes usados na cultura material	comum
<i>Panthera onca</i>	Onça pintada	Ja'wa pinim	Floresta de terra firme	Dentes e garras usados na cultura material (pajés)	Ameaçado
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira	Tamana uu	Campos e cerrados		Ameaçado
<i>Pteronura brasiliensis</i>	Ariranha	Takape uu	Rios		Ameaçado
<i>Tayassu pecari</i>	Porco-do-mato ou queixada	Tajauu	Florestas e cerrados	Alimento	comum
Répteis					
Caiman latirostris	Jacaré-de-papo-amarelo	Jakare	Rios	Alimento (recentemente)	Ameaçado
<i>Podocnemys sp</i>	Tracajá	Jawasipep	Rios e praias	Alimento, cultura material	Sem registro
	Jaboti	Juruparuparu	Rios e florestas de beira de rio		não
<i>Boa constrictor</i>	Sucuri	Moi uu	Rios		não
Aves					
<i>Ara macao</i>	Arara-canga	Kanine ete	Florestas	Alimento e cultura material	
<i>Ara ararauna</i>	Arara canindé	Kanine owy	Florestas e capoeiras	Alimento e cultura material	
<i>Ara maracana</i>	Ararinha-maracanã	Tarawei	Florestas	Penas usadas na cultura material	
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro	Ajuru ete	Florestas	Uso das penas na cultura material	
<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi	Oko pinim	Florestas de beira de rio		Ameaçado
	Socózinho	Oko ii	Florestas de beira de rio		
<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande	Wyrasingi uu	Florestas de beira de rio	Cultura material	
	Pato-do-mato	Ypek	Beira de rios	Alimento	
<i>Phalacrocorax sp</i>	Mergulhão ou biguá	Jakupewän	Beira de rios		
	Martim-pescador	Jatowasi	Beira de rios		
<i>Pipile pipile nattereri</i>	Jacutinga	Jakupesin	Beira de rios	Alimento	Ameaçado
<i>Penelope superciliaris</i>	Jacuguela	Jakupemim	Beira de rios	Alimento	Ameaçado
<i>Mytu mytu</i>	Mutum-cavalo	Mytu ete	Florestas de beira de rio	Alimento	Ameaçado
	Tucano-do-bico-verde	Tukani	Florestas	Uso das penas na cultura material	
	Xexeu	Japi'i	Floresta de beira de rio		
<i>Jabiru mycteria</i>	Tuiuiu	Tujuju	Floresta de beira de rio	Uso dos ossos do fêmur e tíbia na cultura material (flautas)	

confeccionada apenas a pedido do pesquisador. Uma vez que inexitem peças de cerâmica Kaiabi nas coleções etnográficas do Rio de Janeiro (Senra, 1997), esta peça pode ser considerada uma das únicas existentes no Brasil.

Lima (1987), afirma que grupos como os Kaiabi, Arawete, Tiryó e Tapirapé deslocavam-se em expedições de vários dias em busca de barro de boa qualidade para a confecção de cerâmica. De acordo com Grünberg e Grünberg (1967), os Kaiabi fabricavam tachos para torrar mandioca e beiju, e vasos para os mingaus. Alimentos como carnes, peixes, vagens e cogumelos também tinham vasilhames específicos. A cerâmica Kaiabi caracterizava-se pela simplicidade, sendo destituída de ornamentos e pintura. O momento da queima da panela era crucial, pois era proibido falar ou urinar.

Com a transferência de parte dos Kaiabi para o Parque do Xingu, a situação de perda da arte da cerâmica agravou-se, uma vez que não existia barro apropriado na região. Atualmente, somente umas poucas mulheres mais velhas que vivem no Xingu lembram-se da técnica de confecção das panelas Kaiabi. Em 1997, com o desenvolvimento de um projeto de revitalização cultural no qual os Kaiabi encontram-se engajados (Projeto Kumana), houve uma retomada na preocupação do grupo pelo fato de terem quase perdido sua cerâmica. Algumas mulheres, principalmente Jeru'a Kaiabi, mulher de Jurumuk, líderes da expedição realizada para a área ancestral, decidiram que tentariam fabricar cerâmica com barro existente no Xingu. Então, Jeru'a fez algumas tentativas com o barro utilizado pelas mulheres Yudja (ou Juruna). Todas as tentativas foram frustradas, pois as panelas quebravam-se no momento da queima ou logo após. Jeru'a concluiu que o barro Yudja não era bom para a cerâmica Kaiabi. No afã de não deixar que a cerâmica se perdesse definitivamente (pelo menos entre as mulheres Kaiabi do Xingu), e de ensinar suas filhas e netas a confeccionar as panelas, Jeru'a manifestou o desejo de sua família em realizar uma expedição para a área ancestral com o objetivo de buscar o barro especial, só existente em uma lagoa no Rio Tatuy. Como a viagem estava prevista por vários outros motivos, desde 1998, quando foi cancelada, decidiu-se que a viagem seria feita ainda no ano de 1999.

Assim, um dos objetivos da viagem realizada para a área ancestral dos Kaiabi no Rio dos Peixes era realizar a coleta do barro utilizado historicamente pelo grupo, para ser levado ao Xingu, a fim de que a cerâmica Kaiabi pudesse ser novamente confeccionada. Segundo os índios, o barro apropriado só pode ser encontrado em uma lagoa situada em um afluente do Rio dos Peixes (córrego macaco, pokotywu na língua). Antigamente, os Kaiabi viajavam durante vários dias de canoa para coletar o barro especial. Infelizmente,



Panela de cerâmica coletada por Georg Grünberg no Rio dos Peixes em 1966. Esta panela encontra-se atualmente depositada no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP (à direita). Foto à esquerda: Georg Grünberg; foto à direita, Patrícia Di Filippi.



Jeru'a Kaiabi confeccionando uma panela com barro coletado no Parque do Xingu, utilizado pelos Juruna (Yudja). A panela quebrou-se no momento da queima. Aldeia Maraka, 1998. Foto: Marcus V. C. Schmidt.



Panelas de cerâmica feitas na Aldeia Guaruja, em novembro de 1999, com o mesmo barro utilizado pelo povo Suyá. Fotos: Geraldo Silva.

não foi possível encontrar a lagoa onde ocorre o barro, mesmo após as duas tentativas realizadas. Os Kaiabi, tanto do Rio dos Peixes, como do Xingu, ficaram bastante tristes com o fato de terem perdido a localização do barro. Uma das decisões tomadas no final da viagem, foi de que os Kaiabi do Tatuy fariam uma nova viagem para a área, desta vez pelo município de Tabaporã, que é mais próximo ao córrego macaco, para encontrar novamente o local do barro.

Apesar do barro não ter sido encontrado, não se deve descartar a possibilidade de substituição por outros tipos de barro existentes no Parque do Xingu e utilizados pelos povos que lá residem. Para espanto de todos, quando retornamos ao Xingu, havia uma pequena produção de cerâmica Kaiabi em curso na Aldeia Kwaruja, onde mora o mais idoso pajé Kaiabi, Prepori. Prepori foi um dos Kaiabi que mais participou na transferência do grupo para o Xingu. As netas e noras de Prepori fabricaram utensílios de cerâmica com o barro utilizado pelas mulheres Suyá, coletado próximo da Aldeia Rikôh. Esta é uma prova de que é possível substituir o barro por outros, e que talvez possa Ter havido algum problema na técnica empregada por Jeru'a anteriormente, o que causou uma quebra das panelas. (Fotos Kwaruja). Assim, pode-se dizer que a cerâmica Kaiabi ainda está viva no Parque Indígena do Xingu. Cabe ao povo Kaiabi, com apoio de assessores, antropólogos e professores, disseminar este acontecimento e não deixar que esta importante arte entre em risco de ser novamente perdida...

6. ATIVIDADES ECONÔMICAS DESTACADAS NA REGIÃO DO RIO DOS PEIXES

Extrativismo e exploração madeireira

Conforme RadamBrasil (1981), a atividade extrativista é bastante promissora para a área, apesar de que os recursos potenciais apresentam distribuição irregular. Merecem destaque a seringueira (*Hevea brasiliensis* e *H. benthaniana*), com maior ocorrência nas áreas aluvionares e cercanias; a castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa*), a copaíba (*Copaifera* sp), o caucho (*Castilloa* sp), o patauí (*Oenocarpus* sp), o açai (*Euterpe precatoria*), a andiroba (*Carapa guianensis*) e a maçaranduba (*Manilkara huberi*).

Durante a viagem realizada pelo Rio dos Peixes, registrou-se dois acampamentos para a extração de palmito de açai. Atualmente, a castanha-do-Pará representa o principal recurso extrativista na região.

A área pesquisada pelo Projeto RadamBrasil (Folha SC 21, Juruena, 1981, entre os paralelos 8 e 12 S e meridianos 54 e 60 W), segundo os autores apresenta um considerável potencial econômico em recursos madeireiros: "os inventários florestais realizados revelaram um potencial de madeira estimado em 22,4 bilhões de metros cúbicos". As espécies mais exploradas na região de Juara são a cerejeira e o mogno (*Swetenia macrophylla*), e em menor escala, o cedro (*Cedrella odorifera*), o jatobá (*Hymenea courbaril*), a peroba (*Aspidosperma* sp.), o angelim-pedra (*Hymenolobium excelsum*), a itaúba (*Melizaurus itabua*) e o cumaru (*Dyotenix odoraata*).

A atividade madeireira tem crescido muito na região, com instalação de diversas serrarias e empresas madeireiras muitas provenientes de SINOP, o maior núcleo urbano regional. Nem sempre estas madeireiras estão regularizadas, e devidamente licenciadas perante o IBAMA, órgão responsável pela concessão de licenças de operação e aprovação de Planos de Manejo para a extração madeireira. Assim, vemos grandes extensões de Floresta Ombrófila Densa e Ombrófila Aberta, com altos índices de diversidade biológica, sendo desmatadas sem um controle efetivo por parte dos órgãos responsáveis pela fiscalização. Segundo o Relatório dos Planos de Manejo sob Regime Sustentado no Estado do Mato Grosso do IBAMA em 1999, dos 1500 planos em vigência, 217 (14,47%) foram aprovados, contra 1.179 (78,60%) considerados inaptos e 104 (6,93%) inadequados. Dentre os principais problemas, todos não cumpriram as exigências e normas legais, como: exploração desordenada, falta de acompanhamento técnico, falta de inventário florestal, a não demarcação de talhões, o não cumprimento do cronograma

de exploração, desmatamento total da área. Segundo este relatório, o aumento da taxa de desmatamento da Amazônia em 1999 é proporcional ao crescimento da indústria madeireira no Estado do Mato Grosso. A soma das 9 maiores áreas desmatadas ilegalmente neste último ano no norte do Estado, chega a 26.652 ha. A indústria madeireira de Mato Grosso cresce na ilegalidade e é ela que vem sustentando o rápido crescimento e o aparecimento de novas cidades (Boletim Verde e Vermelho, 1999).

Gado

A criação de gado é a atividade econômica mais importante da região de Juara. A paisagem é dominada por fazendas de gado, predominantemente da raça Nelore. Observamos, durante o trajeto realizado por barco subindo o Rio dos Peixes, que muitos proprietários de fazendas não tem o mínimo respeito pela legislação ambiental, uma vez que ocorre desmatamento de encostas e de mata ciliar (ou floresta de galeria), que acompanha o curso dos rios, para a implantação de pastagens. Estas infrações desrespeitam totalmente o código florestal (Lei 4771/65), acarretando diversos impactos ambientais como assoreamento e poluição dos rios, perda de diversidade biológica (impacto sobre espécies vegetais e animais), erosão, desmoronamentos e perda da capacidade natural de recuperação da vegetação pelo uso inadequado e contínuo da terra sem planejamento prévio.

Agricultura

Apesar de contar com menor expressão que as atividades pecuária e madeireira, a região abrangida pelo rio dos Peixes é cultivada com soja, arroz e milho, principalmente. O sistema agrícola intensivo em insumos industrializados, que ocupa áreas de maior extensão, em solos melhores, convive com a produção em menor escala, característica de pequenos agricultores, em geral em terras com aptidão marginal.

7. A PRESENÇA HISTÓRICA DOS KAIABI NO RIO DOS PEIXES

Como relatou Dornstauder, os Kaiabi afirmam que “a área ocupada pelos antigos era todo o Rio dos Peixes, entre o Juruena e o Arinos e subia este até a altura das cabeceiras do Rio dos Peixes e de lá emendava com o Teles Pires, cujas margens e córregos habitavam descendo até pouco acima do Rio Peixoto de Azevedo, e de lá se comunicava com o Rio dos Peixes subindo o córrego lawari, e deste passavam às cabeceiras do Córrego do Coatá, afluente do Tatuy ou Ita'nami (Rio dos Peixes)” (Missão Anchieta & CIMI, 1985: 5). Nesta região mantinham contatos com os Munduruku e Apiaká ao norte; com os Rikbaktsa do Arinos; com os Tapayuna que habitavam o Arinos e o Rio do Sangue; com os Panará do rio Peixoto de Azevedo e com os Bakairy ao sul, nas cabeceiras do Teles Pires (Grunberg 1970; Dornstauder 1993; Steinen 1940; Villas Boas 1994; Dal Poz 1996).

Destes grupos indígenas, dois se diferenciam pela constância e pelas características do contato que mantinham com os Kaiabi e são por estes motivos fontes importantes para se compreender a presença histórica dos grupos na região. Tanto os Bakairy ao sul, nas cabeceiras dos Teles Pires, quanto os Apiaká do rio Arinos, mantinham um estreito relacionamento com os Kaiabi que pendia entre a belicosidade aberta e as trocas e convivência pacífica. Na memória destes três povos esta proximidade remonta ao “muito antigo” e está firmemente enraizada em suas tradições.

É difícil precisar exatamente há quanto tempo os Kaiabi ocupam a região do Rio dos Peixes. A tradição Kaiabi narra que antigamente viviam próximos aos Apiaká no lado direito do Arinos, de onde teriam se separado por causa de brigas envolvendo as mulheres (Grunberg 1970: 164). Os Apiaká estão nesta região desde o século XVIII e também se relacionavam com os Kaiabi atrás das pedras de machado que são encontradas acima do salto do Rio dos Peixes, região dominada por estes últimos. Os Kaiabi também afirmam que alguns dos padrões gráficos de sua cestaria, uma marca bastante distintiva de sua cultura material, foram aprendidos com os Apiaká “há muito tempo atrás”. Há tanto tempo que hoje estão plenamente incorporados ao patrimônio cultural do grupo, como eles mesmos afirmam.

A partir das fontes históricas e do relato dos Kaiabi sabemos que suas aldeias localizavam-se ao longo do Rio dos Peixes desde o grande Salto até suas cabeceiras e também em muitos de seus tributários (Dornstauder 1984). A área de perambulação, entretanto, ocupava toda a extensão do rio incluindo os caminhos que percorriam para

alcançar o Teles Pires. Em recente expedição que realizamos à região (cf. relato a seguir) foi possível identificar pelo menos uma dezena destas aldeias, que nos eram apontadas pelos índios à medida que subíamos o rio e avançávamos em direção ao coração de seu território ancestral. De todos os tributários do Rio dos Peixes o mais importante para os Kaiabi é o rio Batelão, que deságua em sua margem esquerda. Este rio era o centro do território para os Kaiabi do Rio dos Peixes, aparecendo inclusive como o ponto de referência em um mito de criação do mundo (narrativa de Maireru Tafyt. Apud Wenzel 1983)

Os Kaiabi do Rio dos Peixes permaneceram relativamente isolados até o final da década de quarenta do século XX. A partir desta época o governo de Mato Grosso iniciou uma política agressiva de colonização com farta distribuição de terras para algumas empresas que não levava em conta as populações indígenas que as habitavam. Conforme salienta Dal Poz, “a alienação das terras, a despeito de todas as irregularidades constatadas, correu célere e as colonizadoras (...) passaram a dominar a cena regional. De maneira que, no fim da década de 50 ‘quase não havia mais Kayabi no Teles Pires. Os Tatuy (como eram conhecidos os Kaiabi do Rio dos Peixes) ficaram acantonados no Salto Kayabi, freqüentado por eles desde tempos imemoriais (Dornstauder 1984)” (Dal Poz 1996: 4).

A atividade missionária junto aos Kaiabi do Rio dos Peixes iniciou-se em 1955 com a visita do Padre João Dornstauder, acompanhado de alguns índios do Teles Pires, às aldeias até então todas localizadas acima do grande salto. A partir desta viagem alguns Kaiabi passaram a colaborar com Dornstauder na pacificação dos Rikbaktsa e posteriormente decidiu-se pela criação de um posto de assistência para atendê-los. Em 1960 foi criado o posto Tatuí, que acabou ficando localizado abaixo do Salto para facilitar o acesso por via fluvial. Uma parte dos Kaiabi (cerca de 30 pessoas) que morava rio acima foi atraída para este posto, enquanto um grupo liderado pelo chefe Temeoni decidiu permanecer na aldeia. A maior parte deste segundo grupo (aprox. 25 pessoas) acabou sendo transferida para o Xingu em 1966. Portanto, com a fundação do posto Tatui pelos missionários e a posterior transferência para o Xingu toda a área acima do Salto ficou desocupada.

A área onde hoje estão os Kaiabi do Rio dos Peixes foi criada pelo Decreto nº 62.368 de 1968 tendo sofrido algumas alterações por Decretos posteriores até ser finalmente homologada pelo Decreto nº 394 de dezembro de 1991. Além dos Kaiabi, lá também residem os Apiaká e um grupo de Mundurukus atraídos para esta região

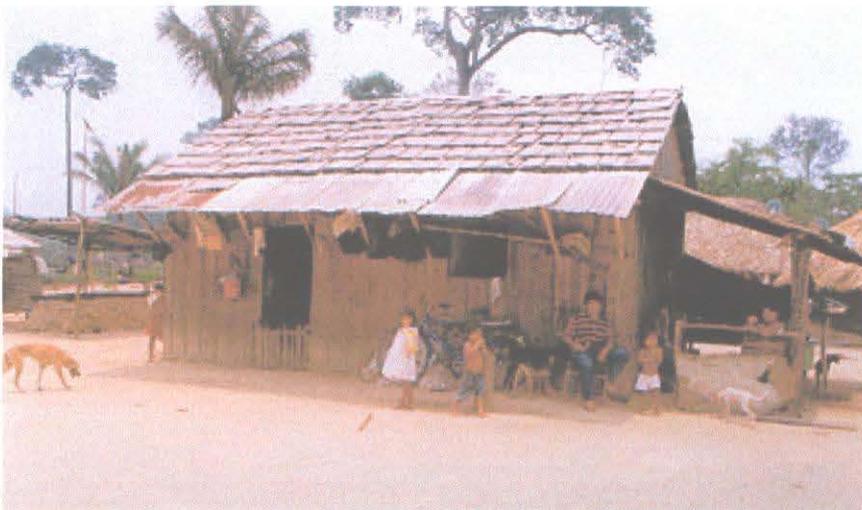
posteriormente. A população total gira em torno de 300 pessoas com os Kaiabi representando aproximadamente metade deste contingente. Esta área, com cerca de 110.000 ha, está localizada integralmente abaixo do Salto Kaiabi, não incorporando, portanto, a parte mais significativa de seu território tradicional, que começava exatamente a partir desta cachoeira e prosseguia rio acima até sua cabeceira.



Aspecto da paisagem da região de Juara-MT, dominada por fazendas de gado. Foto: Geraldo Silva.



Saída do caminhão da Aldeia Tatuy rumo à expedição pelo Rio dos Peixes. Foto: Simone Athayde.



Casa Kaiabi na Aldeia Tatuy. Foto: Simone Athayde.

8. EXPEDIÇÃO KAIABI A SEU TERRITÓRIO TRADICIONAL: A ÁREA REIVINDICADA PELOS ÍNDIOS PARA DEMARCAÇÃO

Em setembro de 1999 um grupo de homens e mulheres Kaiabi, acompanhados por assessores do ISA/SP e Museu Nacional/RJ, realizou uma grande expedição a sua terra tradicional localizada no Rio dos Peixes. Um grupo de Kaiabi do Xingu deslocou-se até a RI Apiaká-Kaiabi, localizada no município de Juara-MT, onde se reuniu com os índios que lá habitam com o propósito de juntos empreenderem uma viagem pelo Rio dos Peixes atravessando todo o antigo território do grupo.

A viagem, promovida pela ATIX (Associação Terra Indígena Xingu), foi concebida inicialmente visando coletar um tipo de barro especial, conhecido como *tujuk*, para contribuir para a revitalização da arte cerâmica, praticamente perdida entre os Kaiabi desde a década de 60. Durante o planejamento da viagem, foram incorporados como objetivos, também, realizar observações etnológicas, arqueológicas e ecológicas na região do rio dos Peixes, visando compará-la com a área atual no Xingu; e realizar o reconhecimento da área que vem sendo reivindicada há vários anos junto à FUNAI para ampliação da terra atualmente lhes destinada.

A viagem começou com uma visita ao Salto do rio dos Peixes (*Ytuu*). No trajeto, passamos pela Aldeia Apiaka, localizada a cerca de meia hora de voadeira da Aldeia Tatuy, na margem esquerda do rio dos Peixes. Segundo nos informaram, a população Apiaka está muito misturada com os Kaiabi, os Munduruku e alguns não índios, sendo que somente o cacique da aldeia ainda fala a língua.

O salto localiza-se a aproximadamente uma hora e meia da aldeia. Em 1984 houve uma tentativa de se construir uma usina hidrelétrica no Salto, o qual foi barrado pelos índios. Recentemente, há interesse manifesto por parte de um fazendeiro vizinho da reserva (senhor Velozo) em retomar a idéia da hidrelétrica. Inclusive já foram feitas algumas reuniões preliminares com os índios sobre este assunto.

No Salto, próximo às pedras, há presença de taquari (*Guadua* sp, *kamai'yp*), usada para confeccionar flechas. As populações desta planta estavam pouco desenvolvidas por causa de uma queimada. Ao lado da vegetação da beira do rio, observou-se uma floresta pouco desenvolvida entremeada por um tipo de campo úmido. É onde há uma trilha que leva ao segundo salto. Há relatos de que antigamente os Kaiabi desciam o rio até a área do salto durante suas andanças, fazendo acampamentos para caçar, pescar e coletar materiais e frutos. Observou-se na trilha a presença de palmeiras

como o caraná - *Mauritiella* sp (warana'yp, existente também nos campos úmidos da porção noroeste do Parque Indígena do Xingu e eventualmente usada pelos Kaiabi para confecção de cestos). Houve coleta de frutos de bacaba (*Oenocarpus* sp – Pinnowa) para fazer mingau e de taquari.

Junto ao segundo salto, Simão Kaiabi falou sobre seu irmão pajé que morreu afogado no salto (história contada com detalhes no início da viagem pelo rio). Canísio e Tewit também deram depoimentos sobre a importância do salto para os Kaiabi.

Durante o período de nossa visita ao salto, o pessoal do Xingu foi buscar madeira de siriva (*Astrocarium* sp cf) que tinha sido cortada na mata no dia anterior. Assim, em meio aos preparativos para subir o rio, conversamos com o Padre Felício Fritsch, da Congregação Jesuíta, sobre a situação da terra Kaiabi. Este religioso entende, pelo seu convívio com os índios, que a terra acima do salto pertence legitimamente aos Kaiabi, sendo direito destes retomá-la.

Por terra levamos barcos e mantimentos até a beira do rio dos Peixes, pouco acima de onde começa o conjunto de saltos (com cerca de 18 km de extensão). Seguimos rio abaixo até a cachoeira. Lá os mais idosos, como Simão e Tafurajup, contaram na língua Kaiabi a história do grande pajé Kaiabi, pai de Jeru'a, que se afogou naquele local. A história foi traduzida por Canísio (anexo). Jeru'a e todos ficaram muito emocionados. Jurumuk falou um pouco sobre sua ida para o Xingu, deixando a área ancestral com todas as suas riquezas para trás. Segundo ele, agora ele está vendo como o pessoal não índio está destruindo o mato, principalmente os fazendeiros. Comentou sobre os materiais (recursos naturais) importantes para os Kaiabi que existem aqui e não ocorrem no Xingu, como a siriva / yrip (madeira para arco, borduna e outros utensílios), a taboca / kamai'yp (flecha), o arumã / uruyp (para a cestaria) os remédios e as frutas, como a castanha-do-Pará. Segundo ele, "*a terra fica, as coisas dos brancos se acabam. Agora tem que pedir tudo para os brancos*". Nicolau Kaiabi contou que este Pajé estava descendo o rio numa canoa de casca de Jatobá (*Hymenaea courbaril*), carregada de flechas (*Guadua* sp.) ou kamai' yp, e virou na corredeira. Ficou quase um dia todo numa pedra esperando alguma ajuda, até que resolveu mergulhar para sair e nunca mais foi visto. Acredita-se que ele virou uma serpente e ainda vive naquela área. É este fato que atribui ao Salto uma característica única, de ser um local sagrado pelos Kaiabi, pelos grandes poderes deste antigo pajé.



A expedição foi de caminhão no trecho Marcelândia-Juara-Aldeia Tatuy, percorrendo um total de aproximadamente 1000 Km por terra. Foto: Geraldo Silva.



Jywakari Kaiabi e seu filho na ponte sobre o Rio Teles Pires, parte da área ancestral do povo Kaiabi. Foto: Geraldo Silva.



Início da expedição pelo Rio dos Peixes, com participação de 33 pessoas, entre representantes do Parque do Xingu, da Aldeia Tatuy e assessores não índios. À frente, Jurumuk Kaiabi, coordenador da viagem. Foto: Geraldo Silva.



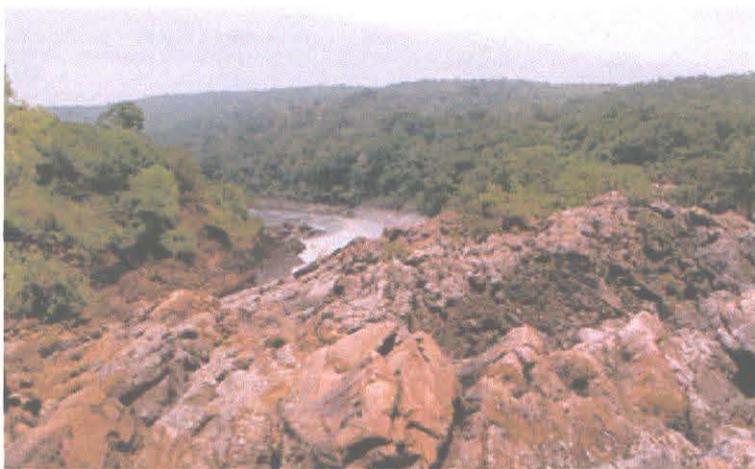
Aspecto da paisagem à beira do Rio dos Peixes: encostas degradadas pela implantação de pastagens, em desacordo com o Código Florestal (Lei 4771/65). Foto: Geraldo Silva.



Salto do Rio dos Peixes, localizado dentro da TI Apiaka-Kaiabi. Local de significado mítico para o grupo. Foto: Simone Athayde.



Winti Suyá, cinegrafista da expedição, entrevista Kanisio Kaiabi durante visita ao Salto do Rio dos Peixes. Foto: Geraldo Silva.



Vista da área do Salto, com destaque para as formações rochosas e ao fundo, a Serra dos Kaiabi, paisagem bem diferente daquela da região do Parque do Xingu. Foto: Simone Athayde.

Kawit contou, mais tarde, que na última guerra que houve com os Munduruku, um pajé Kaiabi rezou muito e, por isso, no salto viraram 3 canoas de casca de jatobá, causando a morte de muitos Munduruku por afogamento.

Para os Kaiabi, a sua área ancestral iniciava-se acima deste primeiro salto, sendo que eles só desciam as corredeiras para coletar alguns recursos, principalmente a Siriva (*Astrocaryum* sp) ou Yrip, e caça. Dali para baixo do rio, iniciava-se o território dos índios Mundurukú, os principais inimigos dos Kaiabi.

Seguimos viagem, observando os ambientes, as plantas e animais da região. Sobre os ambientes, Kawit, irmão de Perun (que vive na aldeia Capivara, no PIX), explicou que o mato da beira do rio Tatuy é diferente daquele do Xingu, não existe aquela floresta de várzea que o pessoal chama *Yapopep*. Já na mata ciliar estrito senso inicia-se a floresta alta, ou *Ka'a rete*. Ou seja, o rio não apresenta variação fluviométrica acentuada, não alaga tanto o mato como no Xingu. Além disso, tem muitas pedras também e a sua largura é menor. Na floresta de terra firme da beira do rio, observamos Kaju'uu, (caju, *Anacardium giganteum*), árvore frondosa atingindo até 25m, arapari'yp (arapari, *Macrolobium acaciaefolium*) e kwasing'yp, todas existentes no Xingu. Ywit comentou que estava vendo muito kwasing'yp por ali. Foram também avistados e caçados macacos-aranha (*ka'i uu*, *Ateles paniscus*). Os índios coletam mel de abelha xupé, que estava em um grande tukum ou tucumã (*Astrocaryum aculeatum*).

Passamos pelo primeiro ponto significativo, um antigo acampamento de caça dos Kaiabi onde encontramos alguns pescadores. Passamos por dois acampamentos de madeireiros, onde paramos para conseguir algumas informações. Eles falaram que daquela área tiram somente madeira branca como angelim, cedrão e itaúba. Observamos a quantidade de fazendas e posseiros, bem como a falta de respeito ao código florestal, que proíbe o desmatamento nas matas ciliares (áreas de preservação permanente).

Paramos para observar um local de onde o povo Kaiabi coletava castanha-do-Pará. Próximo à cachoeirinha *Ytupiru'i*, havia uma grande sucuri descansando à beira-rio. Nas proximidades da Ponte do rio dos Peixes, na estrada Tapayuna, observamos muitas áreas de pasto na beira do rio, estradas de madeireiras e desmatamento de encostas (na Serra dos Kaiabi).

Passamos pelo Córrego da Briga (Tauka'ap), na margem esquerda do rio. Ele tem esse nome porque dizem que houve uma guerra inesquecível com os Munduruku naquele local. Segundo Kawit, ali começavam as aldeias dos Kaiabi. Só que as Aldeias ficavam mais para o interior, com acesso mais fácil pelo rio Batelão. Saindo do rio dos Peixes

naquele ponto, dava uns dois dias de caminhada até a aldeia mais próxima. Observamos algumas aves, araras, xexéus, jacu, martim-pescador, biguá (jakupuang) e garças brancas.

À noite os dois pajés, Simão e Jurumuk, se reuniram no centro do acampamento para conversar sobre a viagem até aquele momento, comentando sobre os sinais míticos que tinham sido visualizados naquele dia. Estes sinais, segundo eles, vinham do espírito do pajé que estava acompanhando a expedição, trazendo boa sorte e fartura para todos. A visualização da sucuri, a quantidade de animais visualizados e caçados, o bom tempo, tudo indicava que o pajé estava nos acompanhando. Simão alertou para a questão do desperdício de caça, que deveria ser evitado, como no caso da capivara, cuja cabeça fora jogada no mato e parte da carne estragara.

Seguindo viagem, paramos junto ao “Córrego do Machado de Pedra” (Itajy), onde antigamente os Kaiabi tiravam pedra para fabricação de seus machados, que hoje situa-se em área de uma fazenda chamada de Barra Mansa, de propriedade de José Eufrásio (dono de um cartório em Juara que vendeu a fazenda mas não tinha sido paga e estava sendo retomada pelo dono). Conforme o pessoal contou no local, nos córregos do Machado, da Briga, Quatá e em outros, os Munduruku atacavam intensamente os Kaiabi, razão pela qual estes foram recuando para o interior do rio Batelão e também fugindo para o rio Teles Pires. Nicolau contou a história de uma velha que, mesmo com as mãos amarradas nas costas, conseguiu fugir da cachoeira grande de onde se tiravam pedras, após o seu neto ter sido “devorado” pelos Munduruku.

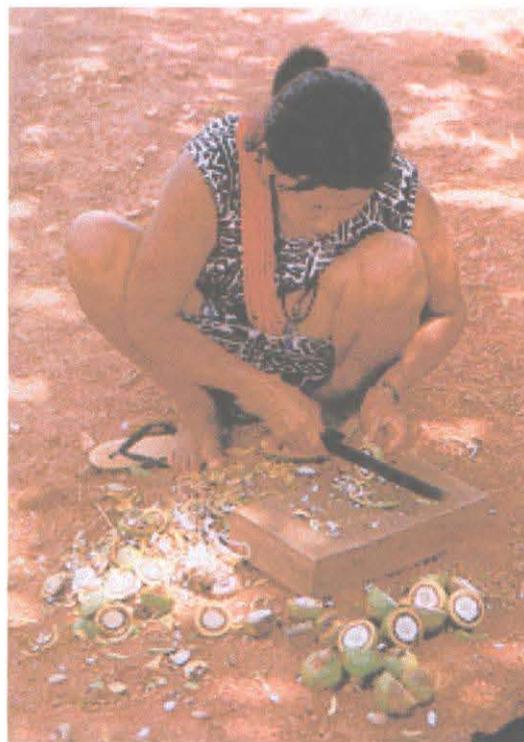
O local onde havia pedras apropriadas para a confecção das lâminas para os machados fica a um dia de caminhada da beira (não precisava dormir no mato), segundo Simão. Nicolau disse que eram dois dias de caminhada. O local de machado chama-se de Dye'nap, para os Kaiabi. Na manhã em que chegamos a este local, Canísio e Yorumuk fizeram questão de conversar à beira do córrego para contar um pouco da história deste lugar, que ainda é muito importante para os Kaiabis de hoje. Falou-se que, no caso da demarcação da terra Kaiabi, esta área deveria ser incluída.

Rio acima, visualizamos alguns recursos florestais importantes, como o pataua (*Pinnowa'uu*, *Oenocarpus bataua*), com densidade significativa na floresta da beira do rio, além de *kwasing'yp*, que segundo Ywit fornece boa isca para pegar pacu.

Seguimos mapeando córregos que os kaiabi indicavam como de alguma importância histórica para eles: Jeru'a uu, na margem esquerda e Ka'i uu kwap, local onde tem muita castanha (na margem esquerda, acima da fazenda com duas casas



Mulheres preparando carne de anta (*Tapirus terrestris*) para o almoço. Foto: Simone Athayde.



Jeru'a Kaiabi, mulher de Jurumuk, cortando tucumã (*Astrocaryum aculeatum*).
Foto: Geraldo Silva.

vazias). Passamos também pelos córregos Ypireaíi, na margem direita (que significa corpo fino, porque antigamente os Kaiabi procuravam machado e só encontravam pedra fina neste local). Outro córrego avistado foi o Ipirapytang'ii, na margem direita, logo após um desmatamento deste ano. Chegamos no final da tarde no córrego Gavião, onde acampamos.

O córrego Gavião (*Kwanu'awin*) é um local especial, em frente a uma ilha de pedras, num lugar muito bonito e importante para os Kaiabi, que ali coletavam diversos recursos. Os Kaiabi antigos andavam muito por ali, era uma área muito visitada. O principal recurso deste local são as taquarinhas ou Kamai'yp (*Guadua* sp.) que fornecem a matéria prima para as flechas, além da Castanha do Pará. Nesta noite, Canísio e Ywit contaram que havia neste local uma trilha (*pe'rete*), que ia muito longe, em direção norte, até a região que hoje é o Estado do Pará, passando pela área dos índios Apiaká. A área também era utilizada por esta etnia e, segundo Ywit, quando Kaiabis e Apiakas se encontravam, havia lutas mortais. Eles acreditam que ainda hoje existam índios Apiaká isolados, que transitam pela região. Também foi contada com detalhes a história da velha Kaiabi que fugiu dos Munduruku após o sacrifício de seu neto.

A partir da barra do rio Gavião um grupo de homens saiu pela floresta alta (*ka'a rete*) coletando castanha-do-Pará (*y'wa ete* - *Bertholetia excelsa*) e arumã de dois tipos, liso e rugoso (*uruyp wete* e *uruyp kuruk*, *Ischnosiphon* spp) até um tipo de cerrado, onde houve coleta de taquari (*kamai'yp*, *Guadua* sp). No caminho, também coletaram frutos de cacau (*ka'a ywa*, *Theobroma cacao*) e pataua (*pinnowauu*, *Oenocarpus bataua*). Vale destacar que o único destes recursos existente no Xingu é o *uruyp kuruk* (*Ischnosiphon gracilis*), mesmo assim apresentando populações de baixa densidade.

O ambiente local, partindo da margem direita do rio dos Peixes, apresenta um gradiente com diferentes formações vegetais que se sucediam, em direção à Serra dos Kaiabis - vide croqui. Próximo à margem, aparecia uma estreita faixa de vegetação típica de mata ciliar, dando lugar a uma floresta mais alta e mais estratificada, denominada de *Ka'a rete*. Ainda dentro do *Ka'a rete* há uma área não muito extensa de castanhal (*ywa typ*, em Kaiabi). Logo após esta formação a floresta alta muda em estrutura e composição. Trata-se dos limites entre a vegetação típica de floresta alta de terra firme, *ka'a rete*, com a vegetação de cerrado, *Jusing*. Esta formação segue em direção à serra, até o aparecimento de formações do tipo campo cerrado e campo, *Jun*, até o pé da serra (*ywytyt*).

Voltando a subir o rio passamos pelo primeiro córrego da margem esquerda, após as corredeiras, denominado Ekwapjowai, porque os índios consideram que ele corre para os dois lados, em ambas as margens esquerda e direita. O pessoal informou que foi neste local onde foram mortos dois seringueiros por volta de 1966, e que a cabeça de ambos foi levada para o Xingu para a realização do Jawosi. Estavam neste evento Mariano, pai de Mairatá, e Piauí.

Por decisão dos Kaiabi paramos em duas fazendas, realizando verificação e entrevistando os capatazes ou responsáveis: a primeira, na margem esquerda, chama-se Fazenda Tapewa de propriedade de Celsão de Tal, que tem outra fazenda em Tapaborã, onde ele mora. Há uma sumaúma muito grande (jamo'on), com frutos e no pasto, muito açaí e inajá. A outra fazenda chama-se Santa Terezinha (Porto Carioca), localizada a uns 500 m rio acima, na margem direita. Entrevistamos o Sr. Gaudelino Silva, que trabalha para o proprietário, Dr. Mário Veiga de Almeida Jr, que reside no Rio de Janeiro. A área é de aproximadamente 8 mil alqueires. O Sr Silva declarou que já faz 8 anos que o proprietário não vem na área, sendo que a fazenda é gerenciada pelo Sr. Luiz Paulo, que mantém contato mensal por telefone, de Tabaporã (a cerca de 40 Km por terra, a partir da balsa). Do porto da fazenda até a balsa, são aproximadamente 17 Km rio acima.

Na manhã seguinte todos pintaram o corpo com jenipapo em sinal de luta pela terra ancestral, provavelmente pela entrada em uma região com importância destacada. Foi visitado um acampamento de madeireiros. Seguindo, passamos por um local próximo a uma corredeira, chamado *U'yp pepo yruij*, que significa literalmente "local da pena da flecha". Acima de outra corredeira com pedras, na margem esquerda do rio, localiza-se outro córrego, o Itawasing'y. Para desviar a corredeira, é necessário cruzar uma lagoa (Ypei'i), na margem direita, contornando uma ilha e evitando as pedras, que não permitem a navegação.

Logo em seguida, nos deparamos com uma nova placa identificadora da Fazenda Sta. Terezinha. Em frente, na margem esquerda, havia barulho de motosserra e derrubada, o que irritou os índios. Segundo Kawit, ali era local de roça velha. Seguindo, córrego do Caixão, com barra abaixo da casinha do Porto Carioca. Na margem direita, córrego Ekwawkoí, que vai longe. Diz que lá tinha aldeia. Na margem esquerda, antiga roça da família de Kawit, que saiu dali para o Xingu. Na margem direita, visualizamos mel da abelha Eju. Na margem esquerda, córrego Pirapo'yp, que está seco agora.

Chegada na Aldeia Yekwap Tyemi (que significa "Córrego Seco"). Esta Aldeia foi de onde parte dos Kaiabi foram transferidos para o Xingu. Gilberto e Simão deram



Área de cerrado (savana) visitada na região do Córrego Gavião, onde os Kaiabi coletaram a taboca ou taquari (Kamai'yp, *Guadua* sp), planta que não ocorre no Parque do Xingu, somente no território ancestral do grupo. Fotos: Geraldo Silva.



Nicolau Kaiabi transportando taboca (kamai'yp) coletada.



Acampamento de palmiteiros no Rio dos Peixes. Os Kaiabi falam aos palmiteiros sobre seu antigo território. Foto: Geraldo Silva.

depoimentos emocionados. Por volta de 1960, os Kaiabi mudaram para a Aldeia de baixo, para que fossem atendidos com mais facilidade pelo Padre João Dornstauder, que na época trabalhava dando assistência de saúde. Depois, em 1966, parte do grupo foi transferida dali.

Fizemos uma caminhada de reconhecimento pela aldeia, identificando os locais onde ficavam as casas, o tacho de torrar mandioca na cozinha, o quintal e pomar, com algumas bananeiras remanescentes (amostra de solo coletada para avaliar a fertilidade). Foram coletados alguns cacos de cerâmica de um antigo tacho. Jurumuk indicou duas plantas que crescem em solo bom, onde anteriormente teve algum tipo de ocupação. Ambas pertencem à família botânica *Piperaceae*, e foram coletadas para identificação posterior. Passamos pelo local da sepultura da mãe de Pan Kaiabi (que atualmente reside na Aldeia Capivara), irmã de Canísio.

Subindo o rio, passamos pelo córrego Trakway'ii (nome de um tipo de formiguinha preta - trakwá), localizado na margem esquerda, que segundo Kawit era um local de coleta de frutos silvestres e remédios. O próximo córrego situa-se na margem direita, Ywaopap, porque tinha castanha-do-Pará subindo o córrego. Era o local onde morava Matariowy, pai de Luiz Pedro e também Myao, pai de Nicolau, que tinha sua casa na beira. Ainda na margem direita, passamos por um caminho que o pessoal percorreu para tomar o avião para ir para o Xingu. Tinha moradores para cima, no córrego Jaypenin, que sai lá para cima do rio dos Peixes. Para cima deste caminho, havia uma lagoa, chamada wyray, na margem direita. Os velhos presentes disseram que lá tinha barro para cerâmica, mas que não é de qualidade ideal.

Observamos uma queimada na margem direita do rio, onde havia uma placa identificando a "Fazenda Paraíso". A seguir passamos por uma capoeira (*kofet rarete*, local de roça antiga) que era do velho Tymakaí, pai de Morera, na margem esquerda do rio. O local se chama Yjiwyt, porque tem um remanso onde dá muita traíra, onde os Kaiabi de vários locais vinham para pescar. Na margem direita, em frente ao remanso, há um local onde era feito acampamento grande dos Kaiabi.

Chegamos na Balsa que cruza o Tatuy pela estrada que vai à Tabaporã, a cerca de 40 Km por estrada de chão. Na região da balsa, constata-se a presença de forte atividade madeireira em todo o trecho da margem direita, sendo que na margem esquerda a floresta ainda está relativamente bem conservada. Um pouco acima da balsa fica a barra do rio Batelão (Yaruu). No rio Batelão localizavam-se várias importantes aldeias dos Kaiabi. Não subimos o Batelão devido à seca condicionar uma lâmina de água muito rasa

e também porque queríamos seguir viagem até o local de coleta do barro para fazer as panelas Kaiabi.

Subindo o rio passamos pela lagoa Tareyry'i (traíra), na margem direita. Rio acima, na margem esquerda, localizava-se a Aldeia Itaypawuku, que significa local seco com pedra comprida. Dali saía um caminho para outra aldeia, Kwanupap. Acima da aldeia, na margem esquerda, há uma lagoinha onde o pessoal jogava mandioca para pubar.

Passamos pela foz do córrego Ka'i uu (ou Quatá), situado na margem direita, onde havia uma aldeia acima. Ali havia o caminho que dava acesso para o rio Teles Pires, através do córrego da onça, *Ja'wary*, do outro lado da Serra dos Kaiabi. Era o caminho que o pessoal usava para visitar seus parentes. Há indícios de que foi neste local que o Padre Domstauder teve o primeiro contato com o Povo Kaiabi do Tatuý, guiado por Kaiabis que moravam no rio Teles Pires. A uns 500 m acima do Quatá, na margem direita, localiza-se a lagoa Piapim'y, que enchia muito de peixe e o povo Kaiabi fazia barragem para pescar.

O próximo ponto observado foi uma fazenda situada na margem esquerda, a uns 500 m acima da lagoa. Trata-se da Fazenda Indiana, com uma área de 4,5 mil alqueires, de propriedade de Francisco Aroldo do Prado, Sebastião M. do Prado e Cristiano Goldstein (de Birigui, SP, fone 642-1518). Só havia um barraco construído, mas o empregado Marcos Antonio Pereira afirmou que em 2000 os proprietários pretendem tirar madeira para vender. O administrador geral da fazenda chama-se João Pereira da Silva (vulgo Negão).

Deste ponto em diante, subindo o rio, havia outras aldeias: Oga py wuri, atrás da qual, no fundo, tinha outra aldeia. Os índios informaram que naquela área a capoeira é muito boa para roças. No percurso, também tinha a aldeia Pinawok, a aldeia Ywyamuku (localizada na beira de um barranco alto, era a aldeia do pai de Perun), onde também só tem capoeira boa para o plantio, a terra tem cascalho mas é boa. O pessoal avistou cacau, e comentaram que em roças antigas cresce muito cacau grande.

A próxima aldeia é Itakuok (literalmente, *casa do cascalho*), na margem esquerda, onde se situa o cemitério do pai de Tewit. Na margem direita, há muitas lagoas. Subindo o rio, a seguir vem a aldeia Opewuu, do pai de Tesirum. Neste local ficava uma casa grande para festas, denominada Ogarete, onde a mãe de Tesirum está enterrada. Kawit comentou que nesta região tem cerca de dez cemitérios Kaiabi. Nesta região, há também o predomínio de capoeira verdadeira, *kofet rarete*, pois tem muitas árvores indicadoras de



Entrevista com Kanisio, Jurumuk e Kutap no local da antiga aldeia Kaiabi, Ykwapytie'em.
Foto: Simone Athayde.



Registros arqueológicos, como a existência de pedaços de antigas panelas de barro dos Kaiabi, comprovam a existência da antiga Aldeia Ykwapytie'em, na margem esquerda do Rio dos Peixes. Foto: Simone Athayde.



Kawit Kaiabi na antiga aldeia Ykwapytie'em, ao lado de uma bananeira remanescente de antigo pomar doméstico. Foto: Simone Athayde.



Boca do Rio Batelão (*Yaruu*), onde se localizavam as principais aldeias dos Kaiabi. Foto: Geraldo Silva.



Balsa para travessia do Rio dos Peixes, na entrada do Rio Batelão. Foto: Simone Athayde.

terra preta, como jatyta'yp, akaja'yp, akasia'yp, jamo'on e yang'yp. Logo depois que acaba a capoeira, para dentro tinha a aldeia Ypysing'y.

O próximo ponto foi a lagoa Akara'y, cuja barra localiza-se na margem esquerda.

Finalmente, passamos pelo local onde ficava a aldeia Siwa'i ok, do avô de Kawit, situada próximo ao córrego Siwa'i, na margem esquerda. Era a aldeia do Capitão Temeioni. Esta foi a última aldeia que Canísio conheceu. O Padre Dornstauder veio até esta aldeia, e fizeram festa para ele. Um pouco acima do local da aldeia ficava a Lagoa Jakare'y. Chegamos na Lagoa Ipawuu. A lagoa fica num local muito bonito, para dentro de uma praia cheia de pedras. Seguindo uns 100 m para dentro da floresta, chega-se na lagoa, uma região com vegetação campestre, brejosa, com a lagoa e duas pequenas ilha no meio, e ao fundo a capoeira (*kofet rarete*) do pai de Jurumuk, observando-se que a floresta está relativamente bem preservada. Jurumuk falou muito emocionado sobre seu pai, que saiu daquele local quando ele era ainda menino, tinha uns 10 anos de idade.

Neste mesmo dia, saiu um barco para procurar o barro para a fabricação das panelas Kaiabi, ocupado por Jurumuk, Jeru'a, Ire, Juwyajup, Tewit, Tariô, Geraldo e Simone. Passamos pelos córregos Ituayp, na margem direita, e pelo córrego Ywitai, na margem esquerda. Havia um caminho da Lagoa Ipawuu até a cachoeirinha, pela margem esquerda do rio dos Peixes. No caminho para o barro, passamos por mais algumas cachoeirinhas. Em seguida, na margem direita, tem o córrego Karape.

Paramos em um acampamento de madeireiros, onde havia uma estrada grande aberta para retirada de madeira. Neste local, o pessoal caçou macacos-pregos e jacutinga. Coletamos amostra de solo com cascalho, que segundo Tewit é terra muito boa (*ywy esage*). Também foi feita uma coleta botânica de uma taquara usada para fazer ponta de flecha para caça, que segundo os índios não existe no Xingu. Para cima, onde o rio alarga, há o córrego Myrycitewi, em um remanso grande na margem direita do rio. O próximo córrego fica na margem esquerda, denominado Yupap remia'ap.

Paramos em um acampamento de madeireiros, ficamos sabendo que tem uma grande área de propriedade da SINOPEMA, uma madeireira de SINOP. Ao lado do acampamento de madeireiros, do lado direito, tem outro córrego, chamado Ekwawi tye'em (córrego seco). A 200 m, tem o córrego Ekwawi joywiri. Na margem direita havia uma picada aberta com marcos de concreto indicativos da divisa entre áreas individuais, no assentamento. A uns 200 m acima, encontramos uma casa grande abandonada, na margem esquerda do rio. Talvez esta casa seja propriedade da SINOPEMA. Jurumuk,

que saiu cedo para caçar, comentou que o mato atrás da casa está muito bem conservado e não tem derrubada. Ele avistou uma onça pintada.

A uns 300 m, córrego Pary, na margem esquerda, onde tinha aldeia e moravam muitos Kaiabi. Tewit e Jurumuk contam sobre como se pegava pacú ali, antigamente: diz que amarravam a isca no cupim, quando boiava, flechava muito peixe. Falaram também sobre os tipos de armadilha de pesca que eram utilizadas: jysi'a, tipo cone, feita de inajá, até hoje é utilizada, embora muito pouco; a outra chama-se Ype, é do tipo cerco.

A seguir, córrego na margem direita, Ytuaip, junto à picada de loteamento do INCRA. Na margem esquerda, há uma placa indicando um *plano de manejo florestal* em área de propriedade da SINOPEMA S.A. Foi feita uma coleta de solo, nesta região, na margem esquerda do rio, em local de capoeira.

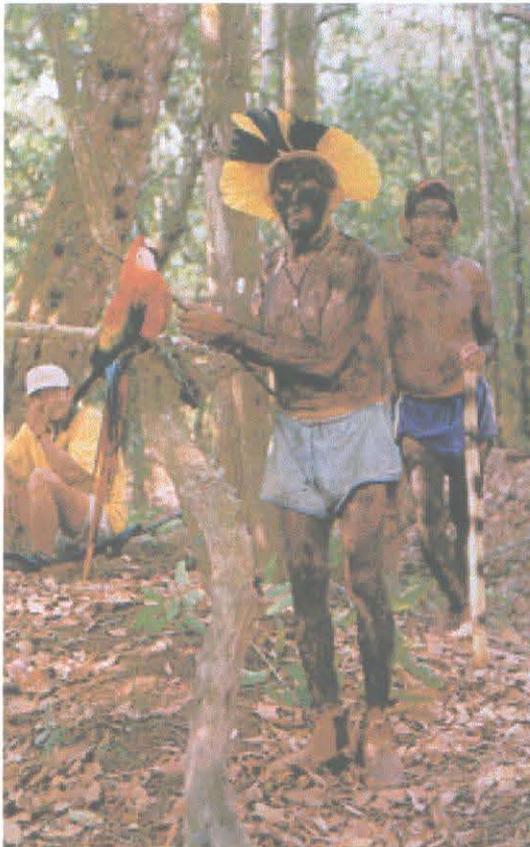
Paramos em diversos acampamentos de lotes do assentamento da Reforma Agrária, com pequenas derrubadas para abertura de roçados. O índios entrevistaram um senhor que estava morando lá, que contou que boa parte da margem direita do rio dos Peixes pertence a um assentamento do INCRA, em terras desapropriadas da empresa CBPO. Parece que há mais de 1.000 famílias. O assentamento começou a ser aberto em julho de 1998, indo uns 30 Km rio acima, até o rio do Macaco (Pokotywu). Cada lote tem aproximadamente 26 a 28 hectares. Na barra do rio Macaco, atravessa o rio, onde tem uns 25 lotes na margem esquerda do rio dos Peixes e direita do rio Macaco. As famílias começaram a ocupar os lotes a partir de março de 1999. Segundo este senhor, as glebas foram demarcadas a partir de uma reivindicação do Sindicato do Lavrador, uma associação sindicalista que "descobre" as áreas de fazenda sem uso. Aparentemente, os assentados são em sua maioria pessoas das cidades da região, de origem rural, mas que não abandonaram suas atividades na cidade, onde continuam morando. Realizam trabalhos temporários nos lotes do assentamento para produzir alimentos e extrair madeira, para complementar a renda familiar.

Os próximos pontos foram o Córrego Kamikap, que segundo Tewit tem este nome porque foi um local onde houve uma briga de morte entre os próprios Kaiabi. Passamos também pela cachoeirinha Ytu'y mani, que significa cachoeira velha. Na margem esquerda havia uma aldeia do avô de Jurumuk (que foi mordido por um macaco- preguiça e morreu).

A uns 700 m depois da parada no lote do agricultor que foi entrevistado, situa-se a ponte que liga Tabaporã até o loteamento e com a estrada que vai dar em SINOP. Pouco



Lagoa Ipawuu, onde localizava-se uma antiga aldeia Kaiabi. Ao fundo, uma floresta bem desenvolvida sobre solos de terra preta, cuja área era utilizada pelo pai de Jurumuk Kaiabi. Foto: Geraldo Silva.



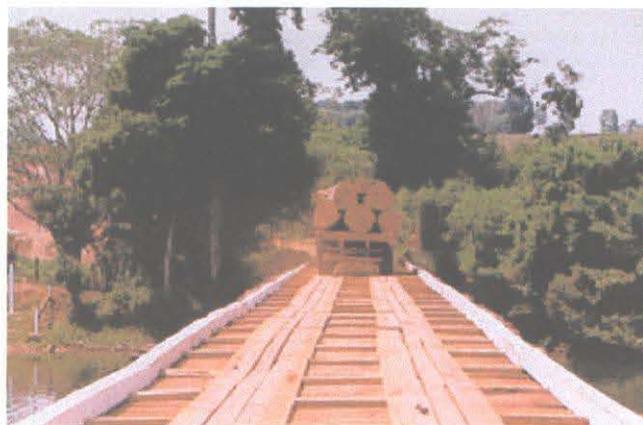
Jurumuk Kaiabi coleta uma arara-canga (Kanine ete, *Ara macao*) para levar como xerimbabo ao Parque do Xingu, uma vez que esta espécie de ave só é encontrada no território ancestral. Foto: Geraldo Silva.



Impactos ambientais registrados na região do Rio dos Peixes durante a expedição. Fazendas com pastagens ocupando a margem do rio, com retirada da mata ciliar ou floresta de galeria. Fotos: Geraldo Silva.



Área de exploração madeireira no interior de assentamento rural, região de Tabaporã.



Caminhão de toras na ponte da Estrada Tapayuna.

acima da ponte, a 300 m, situa-se uma pequena corredeira. Na margem direita está o córrego Yawoí, onde ocorre kamaiyp.

Chegamos finalmente na ramificação do córrego Pokotywu, ou “*local onde tem muita bananeira-brava, pacova*”⁸. É o córrego onde fica a lagoa, de onde os Kaiabi obtinham o barro para a fabricação da cerâmica antigamente. Tewit falou que havia uma aldeia junto da lagoa do barro. Disse também que os Kaiabi andavam para cima no rio Macaco (cachoeirinha) e subindo o Tatu. Após subirmos o rio por algumas horas, cresceram dúvidas, da parte dos índios, sobre onde era o local do barro. Aparentemente, era próximo a uma lagoa, onde há uma área grande de campo na beira. Soubemos então que o velho que nos acompanhava há cerca de 30 anos não visitava a área. Retornamos parando no caminho de volta, verificando cada local. Não encontramos nada, todos ficaram tristes e acabamos voltando para o acampamento da aldeia Siwai'ok, próximo à lagoa Ypawu'uu. Chegamos na lagoa após a caçada de uma anta. O pessoal que ficara no acampamento também havia matado uma anta. Foi preparada linguiça de anta e parte da carne foi moqueada.

Enquanto uma equipe subia o rio em busca do barro, outra turma (Marcus, Klinton, Bob, Patrícia, Ywit, Tafut, Simão, Tamana, Nicolau, Zé Ricardo e Jacó), desceram o rio até a aldeia Ywa'kawet, junto de uma grande capoeira. Nicolau contou que foi nesta aldeia onde aconteceu o último *Jawosi* (festa com a cabeça de um inimigo, no caso seringueiro) da antiga área Kaiabi. A capoeira, kofet rarete, tinha uma grande densidade de inajazeiros (*Maximiliana maripa*). Esta área havia sido abandonada há uns 35-40 anos e haviam várias espécies vegetais típicas desta formação, como o jatyta'yp, makawa'yp (*Croton* sp.) e o inajá. Se compararmos esta capoeira com uma capoeira típica da aldeia Maraká, no Xingu, percebe-se que no PIX a densidade de inajazeiros é muito maior. Simão Kaiabi argumentou que o Inajá gosta de floresta de terra firme (Ka'a rete), que é de onde retirava-se a palha para as casas na época da antiga aldeia. Ele explicou que o Inajá gosta da floresta alta e não da capoeira. O comportamento auto-ecológico do inajá, no rio dos Peixes, parece ser o inverso do que ocorre no Xingu, onde as maiores densidades de inajá ocorrem na capoeira.

Como o barro não foi encontrado, uma segunda equipe decidiu sair para procurar o barro novamente, desta vez acompanhados de Tafurajup Kaiabi, um senhor idoso que

⁸ Na realidade, olhando no mapa do DSG / FIBGE, verificamos que o córrego Pokotywu é para os não índios a continuação do Tatu, e a continuação do Tatu, para os índios, é denominada de rio Macaco.

mora no Tatuy e afirmou saber exatamente onde ficava o local, lamentando muito por não ter ido na primeira viagem. A segunda expedição para a busca do barro foi composta por Ywit, Jacó, Marcus, Tafurajup e Luciano Tamana. A quantidade de pium naquela região do rio é assustadora. Todo o esforço também foi em vão, porque não foi possível localizar o barro novamente. Além disso, com problema no motor de popa, esta equipe precisou voltar para Juara via Tabaporã, enquanto os outros desceram o rio.

No caminho de volta para a aldeia Tatuy, ainda no rio, paramos para tirar mel de um tipo de uma abelha nativa que não existe no Xingu (*tapewa*). No acampamento onde dormimos tinham muitas árvores de breu (*Protium* spp), que segundo Gilberto, a resina é usada como lamparina e também para afastar tempestade. Próximo da ponte da estrada Tapayuna avistamos muitas capivaras, que segundo o pessoal morador de Juara, está se tornando uma praga na região, competindo com o gado pelo capim.

Já na aldeia tatuy, após a chegada, conhecemos o Sr. Kwasiari, irmão mais velho de Tewit, que lá reside e é uma das últimas pessoas que ainda fazem peneira e panaku. Ele tinha um panaku grande, de arumã, em sua casa. Entregamos um exemplar do "*Livro das Peneiras Kaiabi*" ilustrado com desenhos e fotografias antigas para ele, que apreciou emocionado e fez questão de tirar uma foto junto com o Panaku que ele fez. Este Panaku foi levado ao Xingu, para servir de modelo para a confecção de outros.

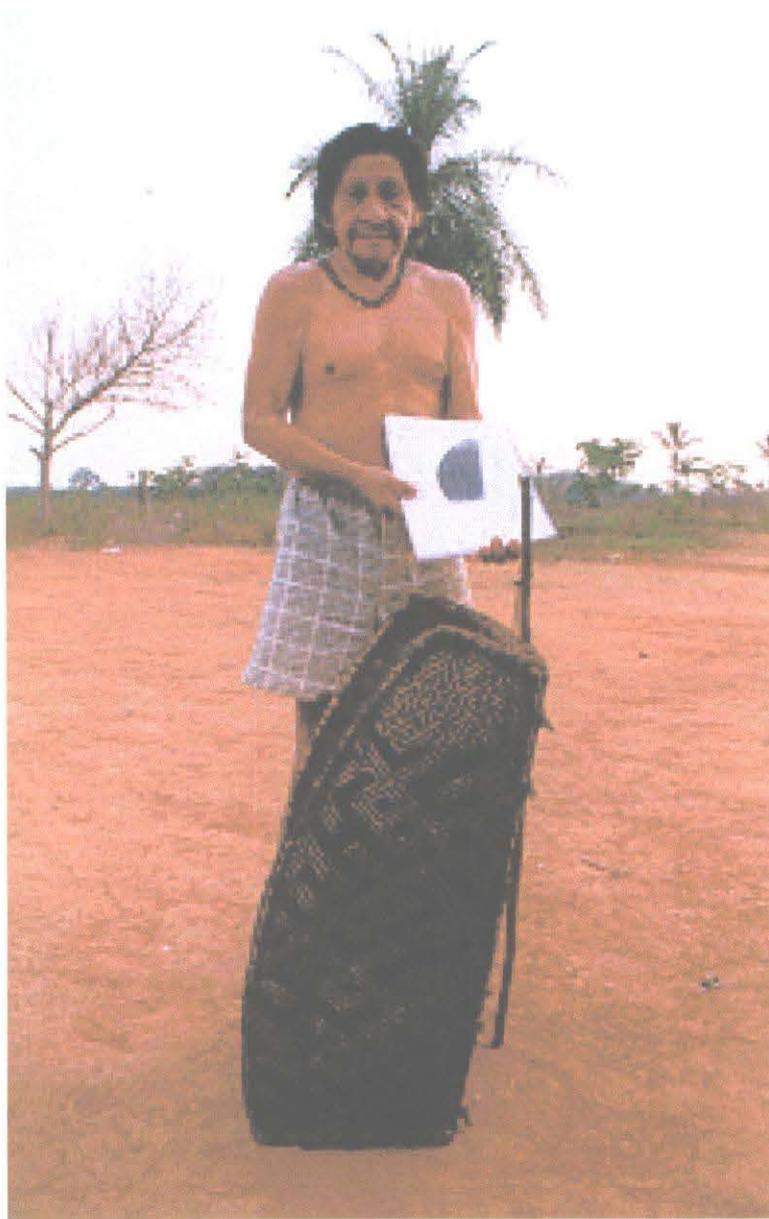
Na última noite de nossa permanência na aldeia houve uma reunião geral de avaliação sobre a viagem e perspectivas de continuidade dos trabalhos envolvendo a área ancestral dos Kaiabi. Os Kaiabi ficaram muito sensibilizados com a viagem, decididos a iniciar uma luta mais agressiva para conseguir a demarcação de uma área dentro de seu território ancestral. Canísio e seus familiares estão dispostos a abrir uma roça na área já no início do próximo ano. Jurumuk e sua família estão decididos a mudar-se para a área ancestral já no ano 2000, mesmo sem uma infraestrutura e apoio consolidados. Conversamos sobre a possibilidade e as dificuldades para se reivindicar uma terra para os Kaiabi em seu território ancestral. Foram entregues alguns documentos elaborados a partir da experiência com os Kaiabi do Xingu, como "*O Livro das Peneiras Kaiabi*" e "*Memórias do Povo Kaiabi*", uma primeira coletânea de fotografias antigas dos Kaiabi, feitas tanto no rio dos Peixes como no Xingu.



Winti Suyá coletando mel de abelhas silvestres (Meliponinae).
Foto: Geraldo Silva.

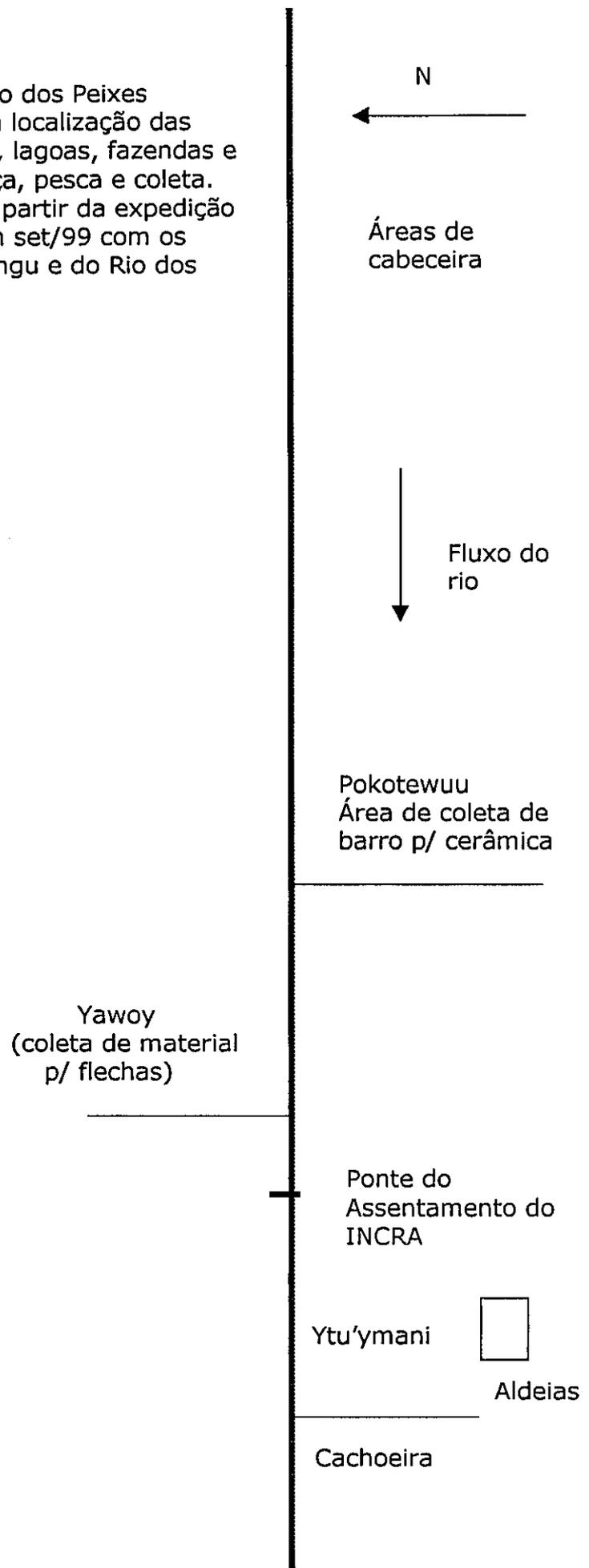


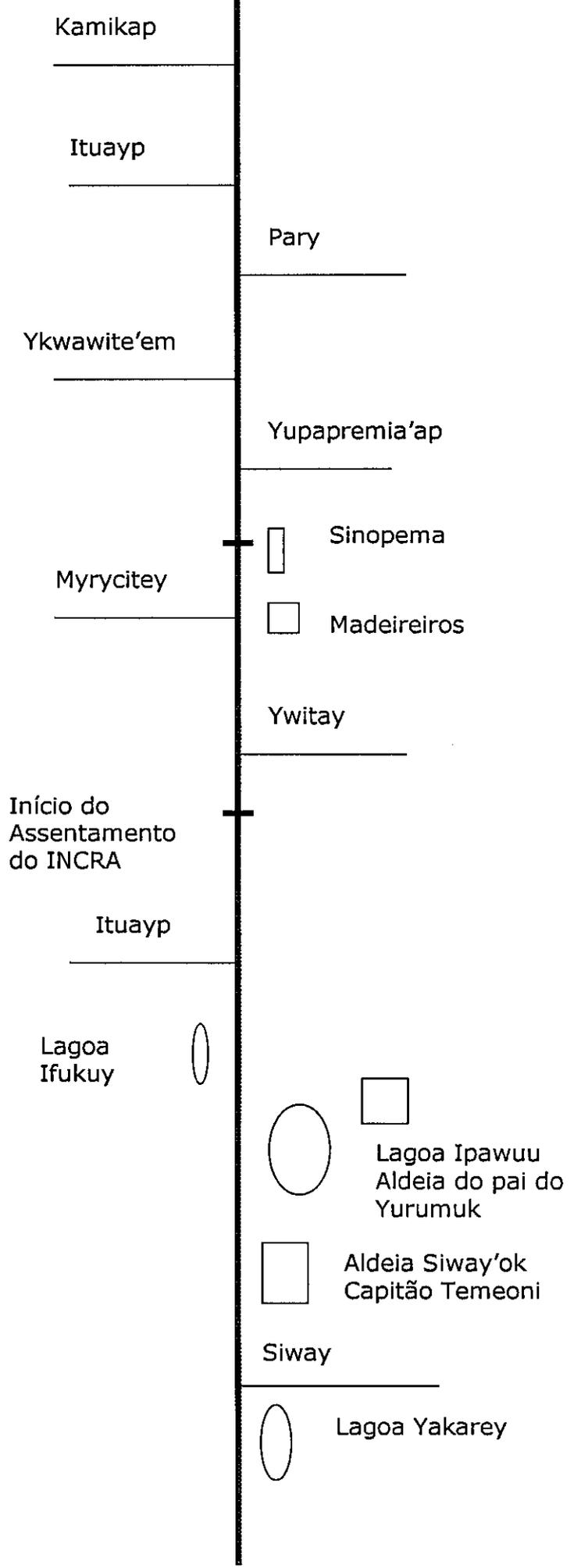
Coleta de pataua (Pinnowa uu - *Oenocarpus bataua*), palmeira inexistente no Parque do Xingu, cujos frutos são apreciados como alimento. Foto: Geraldo Silva.



Kwasiari Kaiabi, morador da Aldeia Tatuy na Terra Indígena Apiaka-Kaiabi. Um dos poucos homens que ainda confeccionam peneiras. Este jamaxim (panaku), feito por ele, era o único existente na aldeia. Foto: Simone Athayde.

Croqui do Rio dos Peixes mostrando a localização das aldeias, rios, lagoas, fazendas e áreas de caça, pesca e coleta. Elaborado a partir da expedição realizada em set/99 com os Kaiabi do Xingu e do Rio dos Peixes.

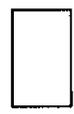




 Aldeia Opewuu ou Yakap Akaavet
(local onde havia uma casa grande
p/ festas: Ogarete)

 Aldeia Itakuo'ok

 Aldeia Pinawok

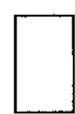
 Aldeia
Ogapywuri

Faz. Indiana

Lagoa
Piapinim'y 

Quatá (caminho
para o Teles Pires)

 Aldeia na
cabeceira

 Aldeia
Itaypook

Lagoa
Tapiikan'gy 

Batelão  Aldeias nas
cabeceiras

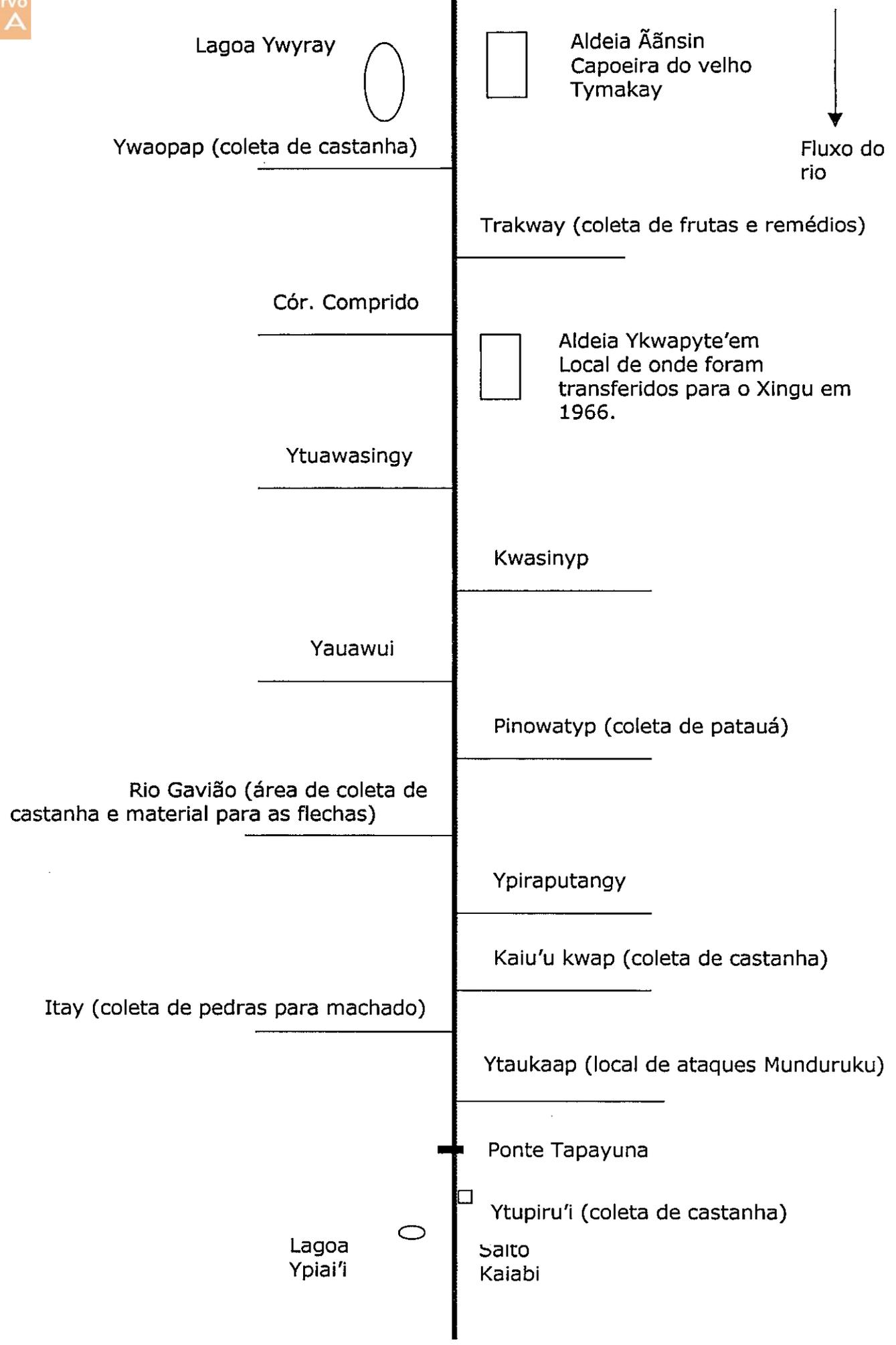
Balsa Tabaporã  Área da Faz.
Macisa

 Aldeia Koré

Faz. Paraiso

 Aldeia Yuwiruu

 Remanso Yjuwyt
(acampamento para pesca)



LISTA DE PARTICIPANTES NA VIAGEM

Da aldeia Tatuy, da TI Apiaká-Kaiabi

- 1- Kutap Kaiabi (Gilberto, irmão de Kanísio) – 42 anos
- 2- Krioni Kaiabi (Maria do Carmo, esposa de Gilberto) – 38 anos
- 3- Kawit Kaiabi (irmão perun) – 42 anos
- 4- Kanísio Kaiabi – 45 anos
- 5- Tamaná Kaiabi (Luciano, sobrinho Jeur'a) – 32 anos
- 6- Zé Ricardo (Cacique, filho de Simão) – 36 anos
- 7- Kuapan Kaiabi (Simão, irmão de Kupeap) – 65 anos
- 8- Kagiru Kaiabi (Nicolau) – 43 anos
- 9- Tafurijup Kaiabi – 75 anos
- 10- Fãnopep Kaiabi (Gilmar, filho de Gilberto, Tatuy) – 12 anos
- 11- Adilson Kaiabi (Amiá, filho de Gilberto, Tatuy) – 5 anos
- 12- Tiago Kaiabi (Siray, filho de Gilberto, Tatuy) – 5 anos
- 13- Junior Kaiabi (neto Gilberto, Tatuy) – 2 anos

Do Parque Indígena do Xingu

- 14- Jurumuk Kaiabi (Coordenador expedição) – 65 anos
- 15- Jeru'a Kaiabi (mulher Jurumuk) – 54 anos
- 16- Ywit Kaiabi (filho Jurumuk) – 38 anos
- 17- Iarete Kaiabi (filho Jurumuk) – 16 anos
- 18- Irejup Kaiabi (filha Jurumuk, cozinheira) – 18 anos
- 19- Juwyajup Kaiabi (Aldeia Capivara, cozinheira) – 20 anos
- 20- Tewit Kaiabi (Aldeia Capivara) – 70 anos
- 21- Jywakari Kaiabi (Aldeia Capivara, filho Kawit) – 28 anos
- 22- Inamurap Kaiabi (Aldeia Kururu, monitor de saúde) – 27 anos
- 23- Tario Kaiabi (Aldeia Kururu, motorista) – 22 anos
- 24- Winti Suyá (Aldeia Rikô, cinegrafista) – 26 anos
- 25- Tauiat Kaiabi (filho de Jurumuk, Xingu) – 9 anos

Não Índios

26- Geraldo Mosimann da Silva, Instituto Socioambiental, Xingu (organizador) – 38 anos

27- Simone Ferreira de Athayde, Instituto Socioambiental, Xingu – 32 anos

28- Klinton Vieira Senra, Museu Nacional – 30 anos

29- Marcus Vinícius Chamon Schmidt – ESALQ/USP – 35 anos

30- Irmã Dorzilla Schweiger (Ordem religiosa irmãs da Imaculada Conceição – CIMI, Aldeia Tatuy) – 63 anos

31- Patrícia Donati, Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP) – 25 anos

32- Robert Noel Bartoni (Bob) – University of Maine at Farmington – USA – 38 anos

33- Jacó (dono do barco alugado, residente em Juara) – 35 anos

9. HISTÓRICO DAS REIVINDICAÇÕES KAIABI SOBRE SUAS TERRAS

O processo de transferência dos Kaiabi para o Parque Indígena do Xingu nunca foi consensual entre o grupo, principalmente entre aqueles que habitavam o Rio dos Peixes. Quando da última grande transferência em 1966 o grupo se dividiu e uma parte recusou-se terminantemente a abandonar sua terra. Mesmo entre aqueles que optaram por viver no Xingu, o desejo de retornar ao Rio dos Peixes sempre permaneceu vivo, manifestando-se desde pouco tempo após a transferência, conforme confessaram ao antropólogo Eduardo Galvão em 1967 (1996: 338-9).

Paralelamente, os Kaiabi que permaneceram no Rio dos Peixes vêm, principalmente desde a década de 80, com toda a problemática envolvendo a construção de uma barragem no Salto, considerado sagrado por eles, reivindicando sistematicamente a ampliação da área a eles atualmente destinada a fim de que esta incorpore pelo menos parte de seu território ancestral. A principal reivindicação visa principalmente a retomada das terras próximas ao Rio Batelão, onde estavam localizadas as principais aldeias Kaiabi desde tempos mais remotos até a década de 60 do século passado.

Precisamente esta região foi objeto de estudo de um Grupo de Trabalho instituído pela FUNAI em 1996 em função da solicitação de um atestado administrativo por parte da Agropecuária Macisa S/A, proprietária do imóvel rural denominado Fazenda Tapena, que ocupa uma grande área da margem esquerda dos rios Batelão e dos Peixes. Em um memorando de 23/12/96 o Grupo de Trabalho, coordenado pelo antropólogo João Dal Poz Neto, solicitava enfaticamente à FUNAI a criação de um GT específico para identificação das terras Kaiabi próximas ao rio Batelão tendo em vista as constantes reivindicações dos índios e a inegável evidência de aquelas são suas terras tradicionais. Outro fator para a urgência na criação do referido GT é o rápido processo de ocupação da área com a abertura de pastagens e retirada de madeira com a consequente descaracterização do ambiente tradicional do grupo.

Há cerca de quatro anos os Kaiabi do Xingu, com o apoio das outras lideranças indígenas do PIX, estão sistematicamente pleiteando junto à FUNAI a criação de Grupos de Trabalho para identificação e posterior delimitação das áreas por eles reivindicadas. Vários documentos já foram entregues à Presidência da FUNAI desde 1996 e várias reuniões já foram realizadas desde então com o propósito de tratar deste assunto. Transcrevemos a seguir um trecho de um documento entregue em mãos ao então Presidente da FUNAI, Sullivan Silvestre em 13 de novembro de 1998 por ocasião de uma

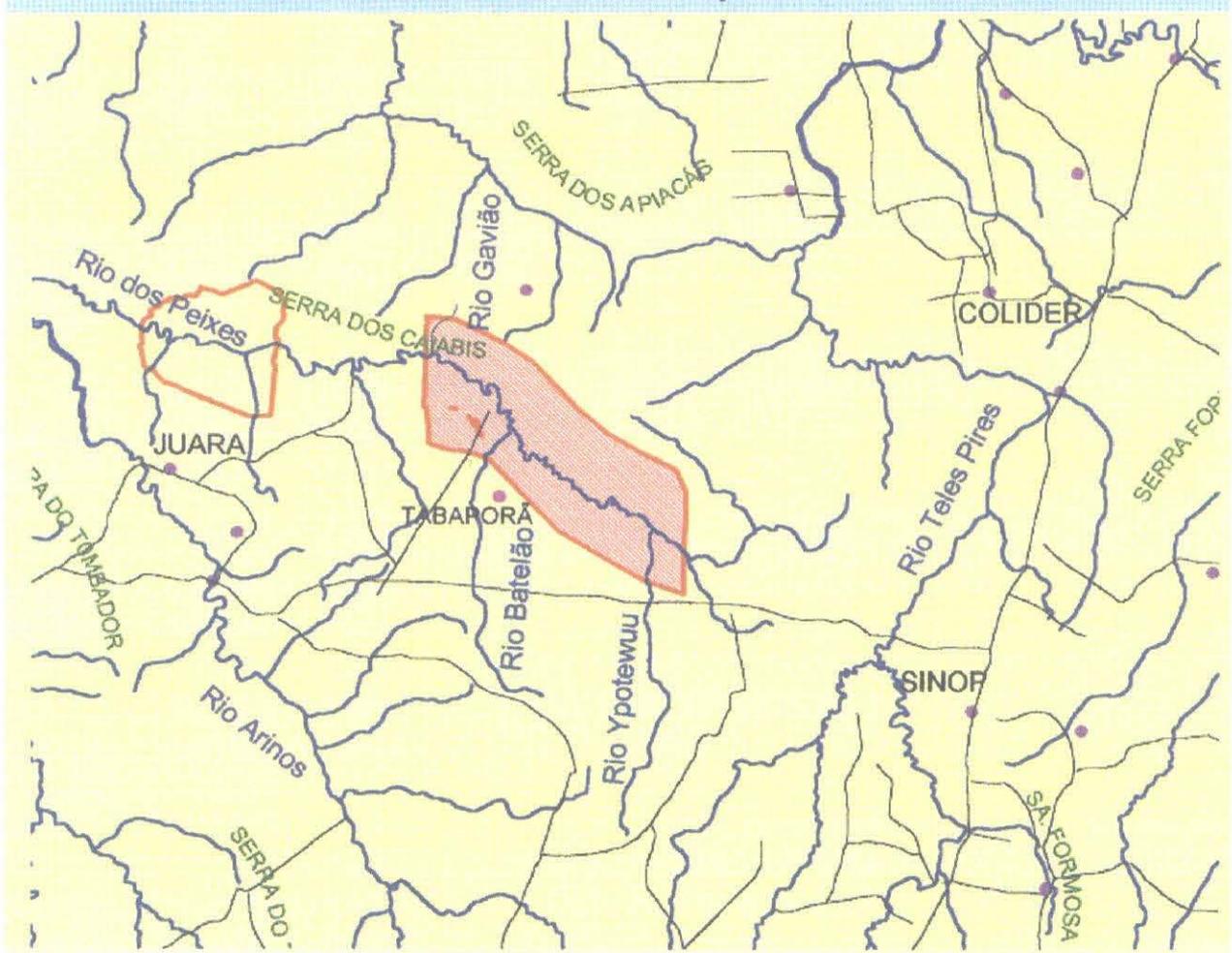
reunião no PI Diauarum:

"Nós Kaiabis fomos transferidos há cerca de 40 anos da terra onde morávamos e onde estão enterrados nossos parentes. Na época da transferência, muitos de nós não queriam abandonar a terra e ainda hoje, os mais velhos pensam em voltar para a região do Teles Pires e Tatuy, onde nós vivíamos. Desde a época da transferência, os não índios que tomaram as nossas terras estão destruindo a floresta e sujando os rios. Hoje aquela região, nos rios Tatuy e Teles Pires, já está quase toda estragada e ocupada pelos brancos. Os Kaiabi, com apoio das lideranças do Xingu, entregaram um documento em 03/10/97 à presidência da FUNAI propondo ações para reparar a perda de nosso território. Porém, o Presidente da FUNAI não deu resposta nenhuma. Depois, em reunião no PI Diauarum em julho de 1998, o Presidente prometeu assinar portaria criando um Grupo de Trabalho para estudar a situação e analisar a reposição de uma terra aos Kaiabi vizinha ao Parque Indígena do Xingu e também a ampliação da TI Apiaká-Kaiabi do Rio dos Peixes. Até hoje o Grupo de Trabalho não foi criado e não recebemos nenhuma notícia."

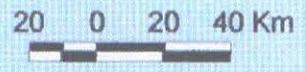
Na oportunidade o presidente da FUNAI garantiu a imediata criação dos GTs solicitados pelos Kaiabi. Estes GTs também nunca se concretizaram. Posteriormente assumiu a presidência da FUNAI o Sr. Márcio Lacerda que também recebeu o documento e fez reuniões com os Kaiabi e outras lideranças do Xingu garantindo que criaria os respectivos GTs. Este presidente também deixou a FUNAI e nenhum GT foi criado para atender a solicitação dos índios. Com a saída de Márcio Lacerda e a posse no novo presidente da FUNAI, Sr. Carlos F. Marés, os índios voltaram a apresentar suas reivindicações. Até o momento ainda não há uma definição clara da FUNAI sobre a criação dos dois GTs solicitados pelos Kaiabi: um para analisar o pedido de anexação de uma área contígua ao limite oeste do PIX como reparação pela perda territorial no rio Teles Pires; outro para estudar a ampliação da RI Apiaká-Kaiabi no Rio dos Peixes visando englobar pelo menos parte do antigo território do grupo naquela região e que ainda não se encontra inteiramente degradado.

A rápida ocupação do entorno da área Kaiabi por fazendas de gado tem trazido sérios problemas para a reprodução física e cultural dos índios. A pesca, no outrora piscoso Rio dos Peixes, tem se tomado um desafio para os índios, que muitas vezes passam horas no rio e acabam voltando para aldeia sem nenhum peixe. Também a caça

Região do rio dos Peixes, com destaque para a área de maior interesse para os Kaiabi



-  Terra Indígena Apiaká Kaiabi (homologada)
-  Área de interesse para os Kaiabi, dentro do território ancestral
-  Estradas
-  Hidrografia
-  Sedes municipais
-  Pontos importantes visitados



Base cartográfica:
RadamBrasil (1980,1981)

está extremamente difícil no local onde hoje residem. Além da caça e da pesca, alguns materiais indispensáveis para o grupo só são encontráveis nas regiões acima do Salto.

Após a realização de um sobrevôo e da visita in loco durante a expedição pelo Rio dos Peixes, os Kaiabi decidiram concentrar seus esforços na recuperação de uma área que se inicia próxima à barra do rio Gavião, afluente da margem direita e importante sítio de coleta de castanha e material para flechas, até um pouco acima do rio Ypokotewuu, afluente da margem esquerda e sítio de coleta de argila para a cerâmica (cf. mapa a seguir). Esta região engloba o centro de origem dos Kaiabi segundo seus relatos míticos, e também concentra vários pontos de coleta, além das antigas aldeias, cemitérios e outros locais considerados sagrados. A outra importante razão para se concentrarem nesta porção é por ainda preservar pelo menos em parte o ambiente tradicional dos Kaiabi.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

As observações *in loco*, realizadas durante a expedição, vieram confirmar uma série de informações sobre o rio dos Peixes que possuíamos através de relatos dos índios e de fontes bibliográficas. Estas informações davam conta das marcadas diferenças ambientais entre o Xingu e o rio dos Peixes e também de algumas diferenças socioculturais entre os Kaiabi das duas áreas.

Os Kaiabi do Rio dos Peixes, concentrados em uma pequena área, que lamentavelmente não incorporou a parte central de seu antigo território, vivem uma realidade distinta da de seus parentes no Xingu. Recebendo pouca assistência e colaboração, tanto de entidades governamentais quanto não-governamentais, e na falta de perspectivas melhores, os índios têm sido seduzidos pela atuação de ocupantes do entorno e permitido, por exemplo, a extração de madeira em suas terras sem nenhum tipo de controle.

Do ponto de vista ambiental foi possível constatar que a mata da Rio dos Peixes é muito mais diversificada, com a ocorrência de inúmeras espécies que não são encontradas ou têm suas populações muito limitadas no Xingu. Com relação à fauna parece que o mesmo se aplica. À medida que a expedição entrava nas partes ainda mais preservadas do antigo território, os índios iam ficando maravilhados com as possibilidades de caça, pesca e coleta que se apresentavam, principalmente se comparadas com o lugar que habitam quilômetros rio abaixo. Esta abundância, no entanto, precisa ser enfaticamente relativizada. A ocupação de toda a região por madeireiras, e posteriormente por fazendas de gado, é extremamente rápida e intensa e não sabemos até que ponto estávamos atravessando uma ilha de recursos cuja sustentabilidade, nos dias de hoje, talvez repouse sobre um equilíbrio bastante frágil.

Por estes motivos, recomendamos que se a FUNAI realmente se comprometer com a reivindicação dos Kaiabi, trabalhe em conjunto com órgãos ambientais para impedir que se acelere ainda mais a destruição do ambiente tradicional destes índios, principalmente na medida em que os fazendeiros da região estão cientes de tais reivindicações. Também é fundamental ressaltar que se a terra vier a ser destinada aos índios será importante que estes tenham algum tipo de colaboração, a fim de lhes criar alternativas, por exemplo, à exploração irracional da madeira, e também que os apoie para garantir o manejo continuado dos recursos naturais fundamentais para a sua adequada sobrevivência física e cultural.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ab'Saber, A. N. Páleo-climas quaternários e pré-história da América tropical. *Dédalo*, pub. avulsa, 1:9-25, 1989.
- Ackerly, D. Thomas, W. W., Cid Ferreira, C. A. & Pirani, J. The Forest-Cerrado Transition Zone in Southern Amazonia: Results of the 1985 Projeto Flora Amazônica Expedition to Mato Grosso. *Brittonia*, 41 (2) pp. 113-128, 1989.
- Anônimo. Memória da nova navegação do rio Arinos até a Villa de Santarem, Estado de Grão-Pará. In: *RIHGB* 19: 99-118, 1856.
- Athayde, S. F. e Silva, G. M. Características ecológicas, extração e usos de uruyup (*Ischnosiphon* sp, Marantaceae): bases para a discussão de seu manejo participativo. Relatório técnico. São Paulo : Instituto Socioambiental, 1999.
- Athayde, S. F. Organização social, aspectos econômicos e sustentabilidade ambiental: perspectivas para a potencialização do comércio de artesanato no Parque Indígena do Xingu. Relatório técnico, Instituto Socioambiental/The Norwegian Rainforest Foundation/ATIX. São Paulo, 1998.
- Balée, W. & Daly, D. 1990. Resin classification by the Ka'apor indians. *Advances in Economic Botany* 8 : p. 24-34, 1990.
- Balée, W. Footprints of the forest: Ka'apor ethnobotany-the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people. New York : Columbia University Press. 396 p., 1994.
- Balée, W. "The Culture of Amazonian Forests". In: *Resource Management in Amazonia: indigenous and folk strategies*, Posey, D.A. & Balée, W. (eds), *Advances in Economic Botany*, vol. 7, New York Botanical Garden, 1989.
- Bernardes, A. T.; Machado, A. B. M. & Rylands, A. B. Fauna brasileira ameaçada de extinção. Fundação Biodiversitas para a Conservação da Diversidade Biológica/IBAMA. Belo Horizonte, 65 p., 1990.
- Boletim Verde e Vermelho. Informativo eletrônico do Deputado Estadual / MT Gilney Viana. gilney@zaz.com.br, 1999.
- Camargo, M.N. , 1988.
- Castelnau, F. Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para. Histoire du voyage. Paris. Vol II, 1850.
- Dal Poz, J. Informações Históricas sobre o Território Kaiabi. Relatório apresentado à Funai, Brasília, 1996.

- Daly, D. C. & Prance, G. T. Brazilian Amazon. In: Campbell, D. G. & Hammond, H. D. (ed.) Floristic inventory of tropical countries. New York : New York Botanical Garden. p. 402-426, 1989.
- Dornstauder, J.E. Alguns casos ilustrando que os Kayabi eram donos das terras. Ms (14/01/84) 2p, 1984.
- Dornstauder, J.E. Terra Kayabi: Algumas observações acerca do problema de terra dos Kayabi. Diamantino: datilo, 6p., mapas anexos, 1983.
- Emmons, L. H. Neotropical rainforest mammals. Chicago : University of Chicago Press, 2. ed., 307 p., 1997.
- Fausto, C. A Dialética da Predação e Familiarização entre os Parakanã da Amazônia Oriental: por uma Teoria da Guerra Ameríndia. Tese de Doutorado, UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1997.
- Fausto, C. A Ocupação Indígena na Região dos Formadores e Alto Curso do Rio Xingu (Laudo Antropológico). PPGAS/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1990.
- Ferreira, J. A. Notícia sobre os Índios de Matto-Grosso dada em ofício de 2 de dezembro de 1848 ao Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, pelo Director Geral dos indios da então Provincia. In: O Archivo 1(2): 79-96, Cuiabá, 1905.
- Ferreira, M.K. L. Da Origem dos Homens à Conquista da Escrita: Um Estudo sobre Povos Indígenas e Educação Escolar no Brasil. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, S.P., 1992.
- Galvão, E. Diários de Campo: Tenetehara, Kaióá e Índios do Xingu. Editora UFRJ/Museu do Índio/Funai, Rio de Janeiro, 1996.
- Grünberg, G. Beiträge zur ethnographie der Kaiabi zentralbrasilien. Archiv für Völkerkunde 24 : 21-186, Wien. Tradução para o português de Eugênio G. Wenzel, mitos traduzidos por João E. Dornstauder, revisão Thekla Hartman, 1970.
- Grünberg, G. e Grunberg, F. 1967. Die materielle kultur der Kaiabi-indianer. Archiv für Völkerkunde 21 : 27-89, Wien. Tradução para o português de Thekla Hartman, 1997.
- Grunberg, G. Contribuição para a etnografia dos Kaiabi do Brasil Central. Tradução de Eugênio Wenzel. Tese de Doutorado, Univ. de Viena, 1970.
- Guimarães, J.S. Memória sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na Província de Mato Grosso. In: RIHGB 6: 297-317, 1844.
- Heckenberger, M. War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, A.D. 1400-2000. PhD Thesis, University of Pittsburgh, Pittsburgh, 1996.

- ISA. Instituto Socioambiental. O Livro das Peneiras Kaiabi. Athayde, S. F. e Silva, G. M. (org). Instituto Socioambiental/Associação Terra Indígena Xingu. São Paulo, 1999.
- ISA. Instituto Socioambiental. Nossas Matas - livro Kaiabi. Projeto Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu/Instituto Socioambiental/The Norwegian Rainforest Foundation. São Paulo : versão preliminar, 1998 d.
- Las Casas, R. D. Índios e Brasileiros no Vale do Rio Tapajós. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. N. 23:1-31, 1964.
- Lea, V. Parque Indígena do Xingu: laudo antropológico. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1997.
- Lima, T. A. Cerâmica indígena brasileira. In: Ribeiro, D. (ed.) Suma Etnológica Brasileira - Volume 2 - Tecnologia Indígena. 2 ed. Petrópolis : Vozes/Finep. p. 173-229, 1987.
- Meggers, B. , 1992.
- Moran , E.F. Rich and poor ecosystems of Amazonia: an approach to management. In: Nihizawa, T. & Uitto, J.I. (ed) The fragile tropics of Latin America: sustainable management of changing environments. United nations University Press, Tokyo, Pg 45 – 67. 1995.
- Nimuendajú, C. "Tribes of the Lower and Middle Xingu River". In: Julian Steward (org.), Handbook of South American Indians III. Tehe Tropical Forest Trives. Smithsonian Institution, Washington, pp. 213-43, 1948.
- Oakdale, S. The power of experience: agency and identity in Kaiabi healing and political process in the Xingu indigenous Park. PhD thesis, Univ. of Chicago, 1996.
- Petri, S. & Fúlfaro, R. Geologia do Brasil. EDUSP, São Paulo, 1993.
- Pires, J. M. Tipos de vegetação da Amazônia. Publ. avulsas Mus. Goeldi 20 : p. 179-202, 1972.
- Prance, G.T. , 1982.
- Projeto RadamBrasil. Levantamento de Recursos Naturais. Vol. 20, Folha SC 21, Juruena. Rio de Janeiro, 1980.
- Projeto RadamBrasil. Levantamento de Recursos Naturais, vol. 22. Folha SC. 22 Tocantins. Rio de Janeiro : Ministério das Minas e Energia. p. 393-467, 1981.
- Resende, M; Curi, N.; Rezende, S.B. & Correa, G.F. Pedologia: base para distinção de ambientes. Viçosa, NEPUT, 1995.
- Ribeiro, B. G. O índio na cultura brasileira. Rio de Janeiro : Revan, 1991.
- Ribeiro, B. G. Diário do Xingu. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- Roosevelt, A. Resource management in amazonia before the Conquest: beyond ethnographic projection. Advances in Economic Botany 7: 30-62, 1989.

- Sandor, J.A. & Furbee, L. Indigenous knowledge and classification of soils in the Andes of Southern Peru. *Soil Sci. Soc Am. J.* 60: 1502-1512, 1996.
- Schmidt, M. V. C. Etnosilvicultura Kaiabi no Parque Indígena do Xingu: subsídios ao manejo de recursos florestais. Relatório apresentado ao Instituto Socioambiental, São Paulo, 1997.
- Senra, K. V. A cultura material Kaiabi nos museus do Rio de Janeiro. Instituto Socioambiental, São Paulo. (mimeo), 1997.
- Senra, K.V. e Jesus, E. Relatório sobre o levantamento dos sistemas de produção da Aldeia Capivara, Etnia Kayabi, Parque Indígena do Xingu. Instituto Socioambiental, São Paulo, 1996.
- Sick, H. Ornitologia brasileira, uma introdução. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 3. ed., 2 v., 827 p., 1984.
- Silva, G. M. Aspectos da Agricultura Indígena no Médio Xingu, MT. Instituto Socioambiental, São Paulo. 1996.
- Simões, Mário F. Os Txikão e outras tribos marginais do Alto Xingu. *Museu Paulista*, 14 São Paulo, 1963.
- Soares, L. C. Limites meridionais e orientais da área de ocorrência da floresta amazônica em território brasileiro. *Rev. Bras. Geografia* 1 : p. 3-122, 1953.
- Soil Taxonomy. USDA, Washington, 1975.
- Souza Lima, A. C. On Indigenism and Nationality in Brazil. In: *Nation-States and Indians in Latin America*. Urban, G. & Shezer, J. (eds). Austin: University of Texas Press, 1992.
- Steinen, K. Entre os aborígenes do Brasil central. São Paulo, Editora Nacional, 1940.
- Tibiriçá, L. C. Dicionário Tupi-Português - com esboço de gramática de Tupi antigo. São Paulo : Traço. 200 p., 1984.
- Travassos, E. Xamanismo e Música entre os Kayabi. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRJ/PPGAS/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1984.
- Villas Boas, O. & Villas Boas, C. Xingu: Os Índios e seus Mitos. Zahar, Rio de Janeiro, 1973.
- Villas-Bôas, O. & Villas-Bôas, C. Os Kayabi do Rio São Manoel. Porto Alegre, Editora Kuarup, 1989.
- Viveiros de Castro, E. B. *From the Enemy's Point of View: Humanity and Divinity in an Amazonian Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

12. APÊNDICES

I. RESULTADOS DE ANÁLISES FÍSICAS E QUÍMICAS DE AMOSTRAS DE SOLOS COLETADAS DURANTE A EXPEDIÇÃO DOS KAIABI AO SEU TERRITÓRIO ANCESTRAL.

Dados físico-morfológicos

amostra	Ambiente local	Tipo de solo	profundidade de coleta	Cor do solo	% areia fina	% areia grossa	% areia total	% silte	% argila	Relação silte argila	EMBRAPA, 1988a	Lemos & Santos, 1984	Observações
1	Floresta / Kaá rete / morro	Terra branca de areia	0-15	5 YR 4/2	34.4	29.8	64.2	22.7	13	1.75	franco arenoso	arenosa	1a colheita siriva, esq estrada
2	Floresta / Kaá rete / morro	Terra branca de areia	0-15	5 YR 3/3	31.7	39.5	71.2	25.6	3.2	8.00	franco arenoso	arenosa	1a colheita siriva, correjo dir estrada
3	Jun / cerrado	Terra branca de areia	0-15	5 YR 3/2	48	40.6	88.6	8.2	3.1	2.65	areia	arenosa	kamajyp, atrás Gavião
4	Floresta / Kaá rete	Terra vermelha	0-15	5 YR 3/4	29.3	35	64.3	19.7	16	1.23	franco arenoso	arenosa	castanha, m.dir Gavião
5	Kofet rarete	Terra preta	0-15	7 YR 3/4	29.7	25.9	55.6	23	21.5	1.07	franco argilo arenoso	média	Banana, na capoeira Aldeia Pioni
6	Kofet rarete	Terra vermelha com cascalho	0-15	5 YR 3/3	50.5	13.3	63.8	23.2	12.9	1.80	franco arenoso	arenosa	Retirada de madeira
7	Kofet rarete	Terra preta	0-15	2,5 YR 3/6	22.9	9.9	32.8	45.9	21.3	2.15	franco	média	capoeira Siwai - Kinton
8	Floresta / Kaá rete / morro	Terra branca de areia	0-15	5 YR 3/3	31	26.7	57.7	28.4	13.9	2.04	franco arenoso	arenosa	Serra Siriva - 30 km Juara

Dados químicos

Amostra	ambiente	pH	pH	Al 3+	H + Al	Ca + Mg	Ca 2+	Mg 2+	K+	P	Na	S	T	% M org	m %	V %	c. elet
		água	KCl														Cmol/dm ³
1	Floresta	4.75	4.75	0.00	5.10	7.40	5.50	1.90	156.00	12.1	28	7.80	12.90	2.33	0.00	60.47	0.32
2	Floresta	5.25	5.35	0.00	2.60	7.25	5.60	1.65	132.00	6.8	27	7.59	10.19	1.81	0.00	74.48	0.29
3	cerrado	3.50	3.45	1.75	6.30	0.60	0.20	0.40	46.00	5.2	10	0.72	7.02	1.55	70.91	10.23	0.06
4	Floresta	3.40	3.70	1.55	8.60	1.00	0.65	0.35	64.00	26.7	14	1.16	9.76	2.07	57.11	11.92	0.2
5	Kofet rarete	4.50	4.40	0.20	10.60	6.30	4.70	1.60	64.00	3	12	6.46	17.06	3.37	3.00	37.88	0.21
6	Kofet rarete	5.00	4.95	0.10	9.10	12.10	10.80	1.30	160.00	6.5	30	12.51	21.61	7.76	0.79	57.89	0.44
7	Kofet rarete	4.70	4.50	0.15	8.10	5.30	4.00	1.30	160.00	2.2	20	5.71	13.81	2.85	2.56	41.35	0.14
8	Floresta	4.35	4.20	0.30	6.30	5.70	3.85	1.85	120.00	10.5	21	6.01	12.31	2.33	4.76	48.81	0.24

COMENTÁRIOS SOBRE OS DADOS ANALÍTICOS

Observa-se que a maioria das amostras de solos analisadas revelam uma boa condição de fertilidade.

As amostras número 1, 2 e 6 formam um grupo destacado, que pode ser ampliado pela inclusão das amostras 7 e 8 (com fertilidade mais modesta). Estas amostras estão praticamente isentas da presença de alumínio tóxico, bem supridas de cátions trocáveis e de teor de matéria orgânica e fósforo.

A amostra número 5 apresenta problemas de fertilidade devido à acidez derivada de matéria orgânica e menores teores de cátions trocáveis.

Por fim, as amostras de número 3 e 4 exibem a presença de teores elevados de alumínio tóxico, contraposta à baixos teores de cátions trocáveis, caracterizando solos de baixa fertilidade natural.

II. BREVE EXPLICAÇÃO SOBRE AS UNIDADES FITOFISIONÔMICAS DO RIO DOS PEIXES (RADAMBRASIL, 1981).

- Savana arbórea densa - também denominada cerradão, é formada por árvores baixas, (cerca de 10 m), densamente distribuídas e com esgalhamento notável. O solo é revestido por um estrato de gramíneas em tufos, entremeadas por arbustos e arvoretas de baixo porte e de palmeiras anãs. Entre as espécies de árvores mais características, destacam-se o umiri (*Humiria* sp), os muricis (*Byrsonima* spp), o pau-marfim (*Agonandra* sp) e o bacuri (*Platonia* sp). Nos relevos residuais e de formas tabulares onde predominam afloramentos rochosos da Serra dos Caiabis, ocorrem com frequência o caju (*Anacardium* sp), uxirana (*Saccoglothis* sp) e algumas Myrtaceae.
- Savana arbórea aberta - comumente chamada de campo cerrado, mas árvores são baixas (aproximadamente 5m), com distribuição esparsa sobre o solo coberto por um revestimento contínuo de gramíneas, entremeadas por arbustos e arvoretas de baixo porte e de palmeiras anãs.
- Floresta ombrófila tropical - floresta tropical bem desenvolvida, com árvores de grande porte, com gemas foliares desprotegidas, sem resistência à seca. É uma formação florestal sempre úmida, com elevado índice pluviométrico e folhagem sempre verde. Na região ancestral dos Kaiabi, ocorrem três subformações da floresta ombrófila tropical:
- Densa submontana com dossel emergente: ocupa terrenos dissecados, com solos profundos, apresentando árvores de dossel emergente. É constituída de árvores de boa qualidade e de grande porte, o que proporciona alto volume de madeira por hectare.
- Aberta: ocorre em climas quentes e úmidos, com chuvas torrenciais marcadas por curto período seco. Caracteriza-se por grandes árvores bem espaçadas, com freqüentes grupamentos de palmeiras. Apresenta três fisionomias típicas: floresta de palmeiras (cocal), floresta de cipó (cipoi) e floresta de bambu (bambuzal).

- aberta com cipós: ocorre preferencialmente nas depressões, porém também ocupa as encostas das elevações rochosas. As árvores são envolvidas por lianas lenhosas (cipós), dando à paisagem um aspecto de “torres” foliosas.
- aberta com palmeiras: cobre terrenos antigos, do período Pré-Cambriano. É composta por árvores espaçadas, com os espaços abertos ocupados por palmeiras agrupadas. Apresenta uma série de árvores características, como o mogno (*Swietenia macrophylla*) e o cedro (*Cedrella odorata*) e palmeiras como o babaçu (*Orbygnia martiana* e *O. oleifera*), o inajá (*Maximiliana maripa*) e o patauá (*Oenocarpus bataua*). O babaçu domina os terrenos argilosos e o inajá os arenosos.
- Aluvial: ocupa as planícies e terraços inundáveis. Pode apresentar um grande número de palmeiras. As planícies fluviais onde ocorre a Floresta Ombrófila Densa Aluvial com Dossel Emergente procedem, na área coberta por Radambrasil na folha Juruena, dos depósitos aluvionares das Serras dos Apiacás e Caiabis. A complexidade vegetal das margens é notável, com um vasto número de espécies arbóreas registradas. Com valor madeireiro, destacam-se a maparajuba (*Manilkara amazonica*), o louro-abacate (*Ocotea opifera*) e o arapari (*Macrobium acaciaefolium*).
- Floresta Estacional Semidecidual - apresenta um caráter decidual fisionômico-fisiológico, com mais de 30% das espécies florestais perdendo suas folhas na época da seca. A maioria das árvores tem as gemas foliares protegidas contra a seca pronunciada.
- Floresta Estacional Decidual Tropical: no Brasil, esta floresta está sempre situada entre a região da Floresta Ombrófila Aberta e a Savana. Na região de interesse, esta formação está restrita aos topos das cristas e colinas da Serra dos Caiabis, caracterizando-se por apresentar mais de 60% de espécies com perda de folhagem durante a época seca.
- Áreas de Tensão Ecológica ou Contatos- faixa de tensão, contato ou enclave entre diferentes classes de formação, onde ocorre uma mistura de espécies ou enclaves das regiões ecológicas próximas. Ocorrem em áreas de transição climática, muitas vezes coincidentes com o contato de duas formações geológicas diferentes.